

REVISTA AGRO-PECUÁRIA



ZEBU

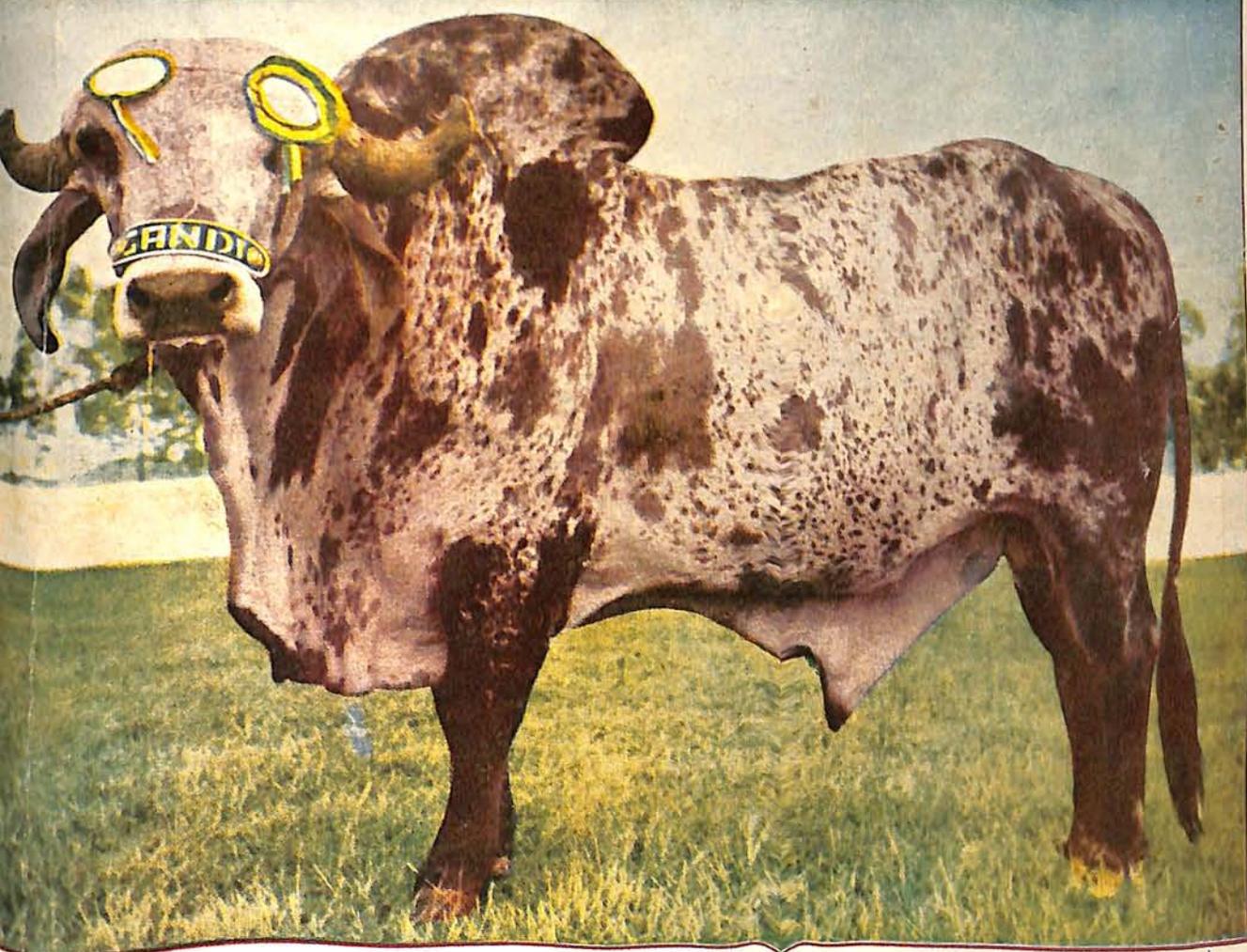
Sob o patrocínio da «Soc. Rural Triângulo Mineiro»

\$5

80 páginas

Retrato Baluarte e Baluarte II
Reportagem
purvívis

ANO XIV - N.º 106
SETEMBRO — 1953

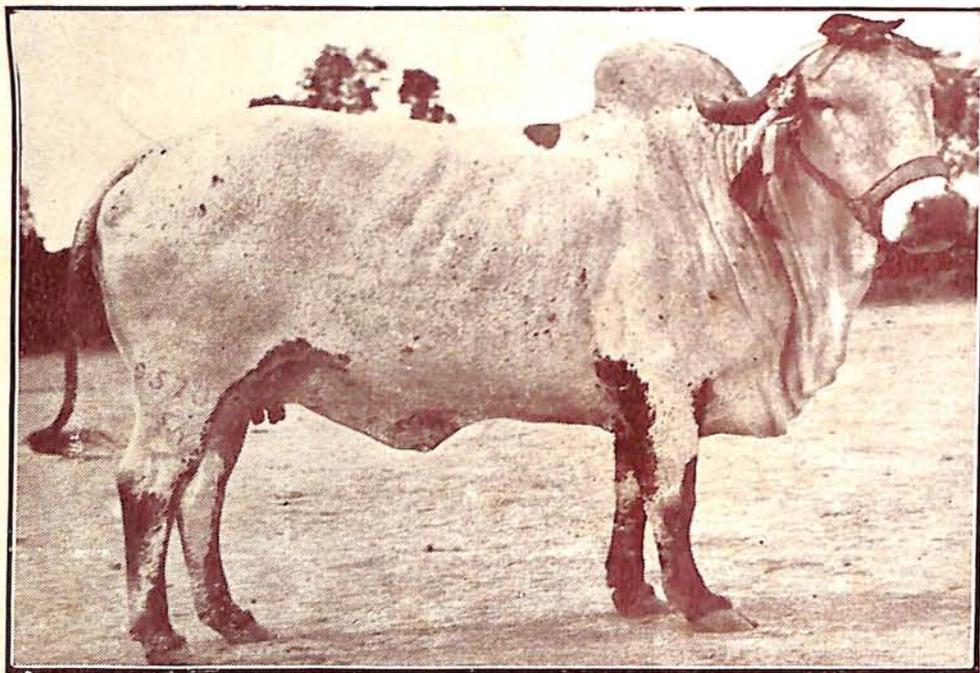


COM SUPLEMEN TO

Sr.
Mendonça Prata dos Santos
Rua São Sebastião, 12
Uberaba - Triângulo

GADO GYR

A CRIAÇÃO IDEAL PARA OS TRÓPICOS: ECONÔMICO, ROBUSTO, PRECOCE, SÓBRIO, MANSO E GRANDE PRODUTOR DE CARNE E LEITE.



CANAAN, um produto marca «EVA»

Aumente a soma de seus lucros utilizando bons reprodutores em seu rebanho. Para bem comprá-los, prefira-os da raça GYR, marca Eva, da criação do Dr. Evaristo S. de Paula, cujo processo de seleção e melhoria obedece a um trabalho sistematizado e contínuo de quase meio século.

Detentor de inúmeros campeonatos e outros prêmios em Exposições Nacionais, Estaduais e Regionais.

Eva

A ostentação desta marca representa garantia de pureza racial e distingue animais de alto poder genético.

DR. EVARISTO S. DE PAULA

FAZENDA do CORTUME

CAIXA POSTAL, 19
CURVELO • MINAS



Snrs. Criadores.

No seu interesse,

R E G I S T R E M
e
C O N T R O L E M

seus animais,

**comunicando também ao Registro Genealógico as ocorrências
relativas aos OBITOS e TRANSFERÊNCIAS, em seus rebanhos.
Vejam o regulamento publicado nesta edição e consultem o**

**REGISTRO GENEALÓGICO
DAS RAÇAS DE ORIGEM INDIANA**

Caixa Postal, 71 — UBERABA — Minas Gerais

Nossa capa

Em a capa principal da presente edição, apresentamos o extraordinário reprodutor da Raça Gir — GANDI — de pelagem chita de vermelho e de propriedade dos criadores, snrs. Jonas de Freitas Costa e Odete Antonio da Silva, em Uberlândia — Triângulo Mineiro.

Pelas suas extraordinárias características raciais e atributos, demonstrados perante a comissão julgadora na IIª Exposição Industrial e Agro-Pecuária, de Uberlândia, em Abril último, GANDI sagrou-se CAMPEÃO DA RAÇA GIR, em um páreo disputado com outras grandes figuras do magnifico rebanho daquela região.

Gandi é registrado da S. R. T. M. e o chefe do plantel de sua raça na Fazenda Babilônia, no município de Uberlândia, Triângulo Mineiro.

SUMÁRIO

Nossa capa — Sumário

Patrimônio a preservar — Redação

O emprego do zebú nos cruzamentos — dr. Osvaldo Afonso Borges

Os resíduos também servem — José Augusto de Farias

No rancho do Serafim — Ensinamentos

A verdadeira história da importação de zebús do Paquistão — Correspondência

A brucelose — dr. Joaquim Sizino Rocha

Gado leiteiro — dr. Armando Chieffi

Condensação das características indianas — dr. Luís Fontes

O passo do cavalo — Publicação do boletim "O cavalo Mangalarga"

Conferência Rural Nacional — O zebú no Rio Grande — Noticiário

Regulamento do Registro Genealógico das Raças de Origem Indiana

A cultura do feijão Guandú - Do "S.I.A."

O flagélio da tირიკა

Majoradas as bases de financiamento á Pecuária — Noticiário

Expediente da Revista

Mês de Setembro



CHEGOU A OCASIÃO DE PODAR SEU JARDIM, HORTA OU POMAR

DIERBERGER lembra-o que atingimos a época do ano própria para poda e limpeza de jardins, hortas e pomares e oferece-lhe, com desconto especial, este útil conjunto de 13 artigos que o sr. irá precisar em seus trabalhos.

1) Serra de podar	Cr\$ 25,00
2) Canivetes para enxertos	Cr\$ 50,00
3) Tesoura de podar	Cr\$ 70,00
4) Ráfia	Cr\$ 20,00
5) Cêra para enxertos	Cr\$ 7,00
6) Adubo "Hortodier"	Cr\$ 10,00
7) Fungicida C-O-C-S	Cr\$ 18,60
8) Inseticida sulfato de nicotina	Cr\$ 22,00
9) Hormonio "Seradix"	Cr\$ 25,00
10) Garfo para afofar a terra	Cr\$ 29,50
11) Colher para transplantio	Cr\$ 39,00
12) Vidro de vitamina "Vitaflor"	Cr\$ 25,00
13) Pulverizador "Sears"	Cr\$ 10,00

Cr\$ 351,10

Bonificação especial 10% Cr\$ 35,10

Cr\$ 316,00

As despesas de frete correrão por conto do comprador.

Dirija-se a

DIERBERGER Agro - Comercial Ltda.

Av. Anhangabaú, 392/394 — S. PAULO

C. Postal, 458





Ano XIV - N.º 106

Sob o patrocínio da «Soc. Rural Triângulo Mineiro»

UBERABA — SETEMBRO DE 1953

O criador de zebuínos da Raça Indubrasil, do Triângulo Mineiro, temos observado, não tem dado o devido cuidado de preservação a essa variedade de origem indiana aqui nascida e fixada para orgulho do uberabense que a idealizou e pôs em prática, ante os olhos admirados do Brasil e dos seus técnicos que, até hoje, não se cansam de celebrar o feito.

Temos notado, nós que percorremos a região e, principalmente, as fazendas de criação uberabenses, que os plantéis indubrasil de hoje, não ostentam a mesma galhardia dos que possuíamos a seis ou oito anos atrás, nem são compostos da grande maioria de pontos altos que era de desejar-se e que existia áquele tempo.

O uberabense, principalmente, precisa cuidar melhor dos seus plantéis indubrasil que, a nosso vêr, correm o risco de perder a hegemonia de que sempre desfrutaram — e merecidamente — das que o criaram e fixaram.

E' que, ao que parece, temos vendido desordenadamente, não levando em conta a conservação dos padrões que nós mesmos elegemos, mais fascinados pelo lucro que pelo amôr que devemos à obra de tanto alcance para a nossa região e para o nosso país. Não é necessário, pelo que acima se denuncia, num alarme justo do nosso regionalismo, que os nossos criadores se tranquem no "jardim fechado" da inacessibilidade, recusando quaisquer negócios, como se adorassem um bezerro de ouro". Nem isso, nem o esbanjamento indiscriminado de um patrimônio tão relevante. O meio termo, como em tudo o mais será o ideal, para eles e para a região e seu patrimônio pecuário. E' necessário preservar, lutar contra a tentação e reservar o melhor, mesmo que esse melhor seja o cobiçado. Dele virão outros melhores, um número sem conta, pois o difícil foi feito pelos nossos maiores.

A nossa advertência é inspirada na pura observação e impulsivada pelo nosso dever de vigilância e pelo amôr que devemos a essa riqueza triangulina.

Criadores, vendamos mais advertidamente, sem nunca esquecer que devemos preservar os nossos rebanhos, o que é — fóra da tentação do lucro imediato — relativamente fácil, desde que se tenha em mente que não podemos nem devemos perder a posição privilegiada que conquistamos, com tanto esforço, pelo patriotismo de um punhado de uberabenses sempre lembrados.

PATRIMONIO a PRESERVAR

DOENÇAS DAS ABELHAS

P. L. VAN TOL FILHO
Engº Agrônomo

Freqüentemente os apicultores de diversas regiões do nosso país, têm nos procurado para comunicar o aparecimento da ninhada pútrida, ou outras enfermidades, conhecidas e desconhecidas.

Examinando o local e as colméias "atacadas" temos verificado que, na quase totalidade dos casos, trata-se apenas da consequência de acidentes, em vez do surto de alguma doença microbiana.

Até a presente data, não constatamos de positivo, senão alguns poucos casos de nosemose, de disenteria e outras poucas enfermidades do aparelho digestivo das abelhas.

Quase sempre o pouco cuidado do apicultor é responsável pelos transtornos que aparecem em seu colmeal.

NINHADA PÚTRIDA

Vejamos o caso da ninhada pútrida. Há muitos apicultores que ao manipular suas colmeias, deixam do lado de fora, sem calor e sem alimento por um tempo exagerado, os favos com crias. E' preciso não nos esquecer de que as abelhas recebem em seus seis dias de vida lavrária, cerca de 10.000 refeições; isto quer dizer que cada larva, emprega menos de um minuto para cada refeição; portanto, alguns minutos que passe o favo fora da organização normal de uma colmeia, serão outros tantas refeições que não recebem as larvas, o que pode ocasionar sua morte. Também, a menos de 35°C. de temperatura por um tempo prolongado, podem as crias, novas ou maduras, resfriarem-se a tal ponto, que a morte as alcançará.

Inadvertidamente, o apicultor recoloca na colmeia êsses quadros de crias condenadas a morrer.

Algum tempo depois verifica que a colmeia desprende um mau cheiro devido às crias em putrefação.

Já não se lembra daquela falta de cuidado com que tratou as suas fazedoras de mel; a maneira mais cômoda, por ser a mais simples, é gritar logo: ninhada pútrida. Realmente é ninhada pútrida; mas não aquela terrível doença que sob duas formas diferentes, ataca os apiários norte americanos e europeus. E' uma ninhada pútrida de natureza fisiológica e portanto não contagiosa. Evitando-se os motivos que a produzem, deixam de aparecer.

NOSEMOSE

Vejamos agora o caso da nosemose. Freqüentemente também se confunde esta doença com o acidente de resfriamento da cria madura. O apicultor vendo grande número de abelhas arrastando-se

SAL p. criação — «KADEZ», grosso, quireira e m do. Importação direta (marca registrada).

ARAME para cercas, farpado «Chavantes», liso, aço — extra resistencia — «Cattleland Wire

— (marca registrada) — incomparavel para cercas de criação (n. exclusividade).

• **GRAMPOS** — p/ cerca — Carrapato — (n. exclusividade) — Pás de ponta e Ferros de pua para cercas.

• **FIVELAS** — Veda-tudo, p/ balancim e armar tela no lão

• **INSETICIDAS** — Arseniato de Chumbo e Rhodiatox para combater pragas de algodão, mascaras, polvilhadeiras

• **CREOLINA** — Pearson, Bichol, Aphtol (p/ Aftosa), Malberne, Benzofenol Azul, Vacinas, Seringas Vel., etc.

• **ALICATES** — p/ marcar orelha de bezerro e torques para castrar.

• **FORMICIDA** — Blenco — Apar, portatil (comprovada eficiência) matar formigas, Imunizantes — Carbolunium etc.

• **ARADOS** — Semeadeiras, Carpideiras, Desnatadeiras, Engenhos — Stamato, moinhos para quireiras etc.

• **MACHADOS** — Colins, Foices, Enxadas, Enxadões, Serras, Ancinhos etc.

• **SEMENTES** — Alfafa, Colônião, Gordura (roxo e cabelo negro), Jaraguá, farinha de osso.

• **ENCERADOS** — «Chavantes» — Todos os tamanhos para todos os fins, sacos de colheitas.

• **TELHAS** — Onduladas p/ coberturas — refratarias ao calor, Cajax dagua, Canos, Ferros para construções, Cimento.

• **MATERIAL ELÉTRICO** — Enceradeiras, Liquidificadores — Painéis de pressão, Talheres (faqueiros), Lanternas, Filhas lampadas, fios elétricos, etc.

Sociedade Comercial S. Paulo - M. Grosso

S. PAULO - S. Bento, 484, - 2.º - Fones : 33-4053 e 33-1548

ARAÇATUBA — Osvaldo Cruz, 179 — Fone : 330.

CAMPO GRANDE — 14 de Julho, 668 — Fone : 146.

Teleg. KADEZ — Firma de fazendeiros para fazendeiros — diretamente ao consumidor. Preços especiais —

pelo chão, sem poder voar, pensa lógico em nosemose. Para orientação dos apicultores damos os principais modos de identificação do mal.

As abelhas que estão impossibilitadas de voar são apanhadas, e obrigadas a picar; desprezado-se o agulhão, faz-se-lhe seguir o tubo digestivo, inclusive o estômago.

Se a abelha examinada estiver atacada de nosemose, o tubo digestivo estará cheio de um líquido leitoso, branco opaco; além disso rompe-se facilmente; as abelhas não atacadas tem o tubo digestivo cheio de u'a massa colorida, de acôrdo com o pólen ingerido. Acontece, às vèzes, estar o tubo digestivo cheio de líquido leitoso sem que a abelha esteja com nosemose; mas nunca a abelha com massa colorida é atacada por essa doença.

Outra identificação do acidente por resfriamento, consiste na observação das asas. A hipersensibilidade das asas indica resfriamento que a nosemose não afeta as asas.

Antes de vermos êsses dois casos, resfriamento e nosemose, é preciso verificar se as abelhas se arrastam pelo chão, não são vítimas dos ataques de formigas, como a sara-sará e outras, cortam as asas e as pernas das abelhas durante as suas lutas noturnas.

Do "S.I.A."

Gado Gir

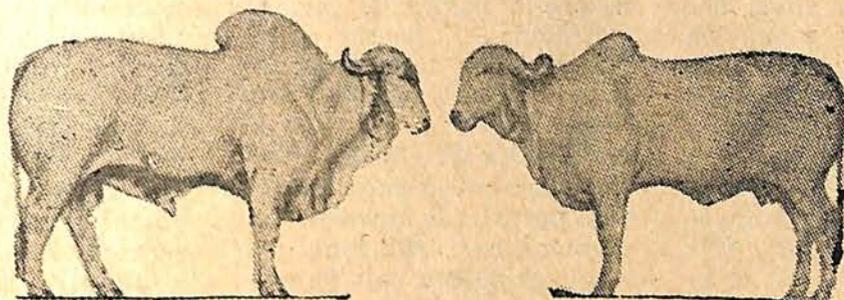
MARCA

J J

(carimbo D)

CAPITÃO
P. ROCHA

Eis o Padrão da Raça Gir (S. R. T. M.)



FAZENDA

SANTA FÉ
DO CEDRO

Reprodutor Chefe

TURBANTE

Prop. D. Ibrantuna
Oliveira Pena

UBERABA

O Emprego do Zebú nos Cruzamentos

Do livro "O Zebú do Brasil"

Pelo dr. OSVALDO AFONSO BORGES

O zebu pode e deve, nos climas tropicais e sub-tropicais, ser empregado nos cruzamentos com o gado nacional ou com as chamadas raças finas europeias, especializadas para carne ou para leite, afim de imprimir nessas raças suas elevadas qualidades e permitir-lhes a vida nos trópicos.

Diversas são as correntes de opiniões sobre o emprego do zebu nos cruzamentos.

Alguns só vêem vantagem no cruzamento industrial, outros no cruzamento alternativo, estes no cruzamento retrógrado, aqueles na mestiçagem ou combinação de cruzamentos e, afinal, outros se batem pelo cruzamento contínuo ou de absorção. Há ainda os que pleiteiam a seleção do gado nativo nacional em estado de pureza, há os que querem cruzar o gado crioulo ou nacional com o zebu, ficando o produto como lastro para apuração de uma das raças finas europeias, e a isto chamam de «processo de regeneração» (1).

(79) *Cruzamento simples* ou *industrial* é o acasalamento entre animais de raças diferentes, para obter, como resultado imediato, mestiços de 1ª geração, ditos meio-sangue, destinados á engorda, ao trabalho, ou á produção de leite. Esses mestiços, em geral, se recomendam para esses fins, em razão de sua maior precocidade e rusticidade, qualidades que, entretanto, não se tornam hereditárias. O cruzamento desses mestiços com animais de uma das raças que os formaram, já dá origem ao *cruzamento contínuo*. *Cruzamento alternativo* é o que se faz acasalando as filhas do cruzamento simples com touros de uma das raças cruzantes e depois as filhas destes com touros da outra raça cruzante e assim, alternando sucessivamente os touros das duas raças. Objectiva, também, fins industriais. *Cruzamento retrógrado* é uma interrupção periódica do cruzamento contínuo, consistente na introdução, por uma geração apenas, de touros da raça cruzada. E' feito com o fim de fazer os mestiços da raça cruzante reverterem a algumas qualidades perdidas da raça cruzada. Como se vê, todos esses cruzamentos são instáveis e têm fins exclusivamente imediatistas, ou então são empregados como meio para a obtenção de tipos intermediários a serem, posteriormente, fixados por *mestiçagem* em raça distinta.

Antes de dizermos alguma coisa sobre o assunto, devemos lembrar, mais uma vez, que o gado não possui aparelho termo-regulador e digestivo capaz de enfrentar com vantagem o ambiente tropical e su-tropical, e, porisso, degenera irremediavelmente se se conserva em estado de pureza. Quanto ao gado nacional, tendo a mesma origem, não degenera: já degenerou.

A manutenção do gado europeu nesses climas é uma quimera irrealizável, porque, se biologicamente é possível, economicamente não é vantajosa.

Que adianta ao criador poder apresentar animais com tais e tais qualidades de carne ou de leite, se a venda desses produtos não compensa as despesas de produção?

Assim, ainda quando possível, não é econômico criar nenhuma raça europeia em estado de pureza absoluta nos climas tropicais e sub-tropicais.

Quanto ao gado nacional da mesma origem, crioulo ou

sertanejo, atingiu tal estado de degenerescência, que a sua selecção seria de evolução demasiado lenta, nem sempre possível e de resultados econômicos ainda não bem estabelecidos como satisfatórios, enfim, uma aventura a que não se pode atirar o criador. Mesmo o gado Caracu, — que tem sofrido selecção de muitos anos e já alcançou progresso considerável, — vem sendo abandonado pelos criadores ou reforçado em suas qualidades, com algum sangue zebu.

É isso porque o nosso gado nacional, embora mais rústico do que o importado da Europa, ainda deixa muito a desejar em rusticidade e não está ainda aparelhado para enfrentar as adversidades do meio e do clima.

Seleccionar, portanto, o gado nacional em estado de pureza, mesmo em se tratando do Caracu, não parece ser coisa de resultados econômicos evidentes e próximos. Que o Governo o tente, não os criadores.

Há quem aconselhe a infusão do sangue zebu no gado crioulo, ou no gado europeu importado, somente por uma geração, para «retemperar», procedendo-se

em seguida á apuração do crioulo ou do europeu. Regredir ao crioulo, ou ao gado europeu, entretanto, é menos aconselhavel do que seleccioná-lo, porque, á medida que diminui o sangue zebu nas gerações sucessivas, diminuem as qualidades do sangue zebu; e, na maioria das regiões do Brasil, o gado crioulo, ou o gado europeu, puros, não apresentam nenhuma das vantagens que oferecem no seu país de origem.

Mas, há, ainda os que, feito o primeiro cruzamento zebu-crioulo, querem prosseguir, por cruzamento contínuo, com uma raça europeia até que esta absorva aquele. Mas, se esta não se adapta entre nós, para que apurá-la?

Outros acham que o zebu não é destinado a melhorar uma raça, por não trazer vantagem sobre o gado crioulo, e, porisso, que não convém a absorção deste por aquele. Esses, que assim pensam, certamente nunca foram criadores. Se o gado crioulo tivesse realmente algum valor, por que não influiu ele de modo sensível no mercado de exportação?

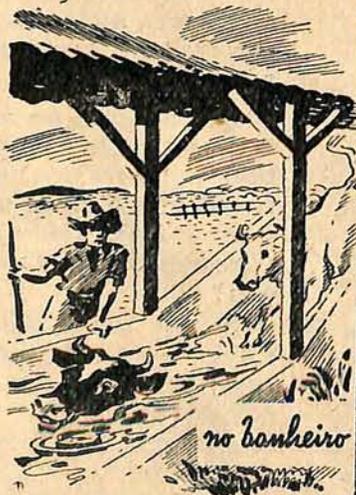
Entre nós, ele não pode passar de uma decorrência do cruzamento sucessivo de

absorção, a menos que queira formar uma nova raça, com fixação dos caracteres dos mestiços. Mas, também isto só se faz quando a necessidade imperiosa a exigir; aliás, alguns acham que os mestiços zebu-crioulos não se prestam para, em si, eles, se praticarem os métodos de reprodução, selecção, cruzamento ou mestiçagem, opinião que não adoptamos sem ressalvas.

Quanto ao cruzamento alternativo, como o indiano, jamais constituiu solução permanente do problema, antes resulta, com a continuação, na formação de animais mesclados de sangue diversos e qualidade inferior.

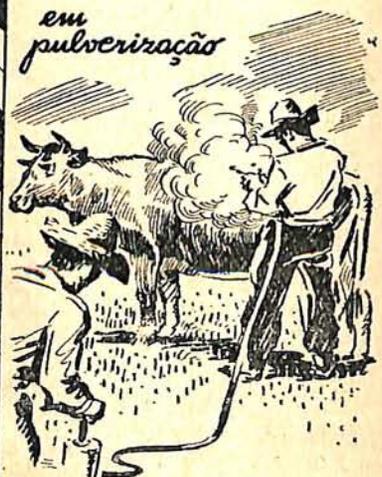
Resta, pois, o cruzamento do gado nacional com zebu por gerações sucessivas, a que este absorva aquele; a fixação de um tipo intermediário.

O cruzamento contínuo ou de absorção do gado nacional pelo zebu, é o mais indicado. É o que se deve empregar em todas as zonas tropicais e sub-tropicais, onde o zebu se naturaliza prospera. Aí, nenhuma outra raça, sob nenhum ponto de vista, poderá oferecer vantagem sobre o zebu, nos resultados imediatos ou a



**FLUIDO
PEARSON
343**

o novo
carrapaticida
à base de B.H.C.
efeito fulminante



turos equivalentes aos do zebu. De forma que, de modo geral, é o zebu puro que se deve criar, devendo-se fazer desaparecer o gado nativo nacional, mediante a absorção pelo zebu.

Tenha-se em vista, porém, que, se o gado nacional não possui qualidades que o recomendem, se é de má conformação e de má qualidade, faremos poucos progressos cruzando-o com zebus igualmente cheios de defeitos. O touro zebu empregado não deve trazer a esse gado somente as qualidades de rusticidade, porque isto só viria aumentar o número dos rebanhos sem qualidades morfológicas e sem expressão econômica e agravar o problema do melhoramento do nosso rebanho, em vez de resolvê-lo. O touro zebu deve também ser capaz de imprimir nos seus mestiços sensível e crescente melhoramento morfológico e genético.

Assim, todo rebanho sem apreciáveis qualidades deverá ser irremissivelmente absorvido pelo zebu.

Há, contudo, entre nós, e nos países vizinhos, assim como em todos os países tropicais e sub-tropicais, um rebanho, embora diminuído às vezes, de apreciáveis qualidades que se devem aproveitar. Há, ainda, regiões mais frias, mesmo nas zonas tropicais, onde, por esta razão ou por outra qualquer, o zebu não atinge o extraordinário e vantajoso desenvolvimento que alcança nas regiões baixas e quentes. Nestas partes também o gado europeu não resiste ao agreste meio criatório.

Impõe-se, então, um cruzamento intermediário. O pequeno rebanho Jersey e Guernesey (2) do Brasil e os mais numerosos rebanhos Holandês e Schwytz entram em declínio, por falta de rusticidade. O seu cruzamento

com o zebu impõe-se como revigorante da produção leiteira, que aumenta, como já dissemos. Parece que este cruzamento dá melhores resultados, quando se mantém, teoricamente, em torno de um quarto de sangue zebu. E aqui não é demais lembrar que se devem empregar touros zebus descendentes de linhagem boa leiteira. Uma vez obtido o tipo intermediário idealizado, deve-se fazer a mestiçagem, isto é, o acasalamento desse tipo como de igual porcentagem de sangue zebu, da mesma origem, isto é, consanguíneo, sem temer a dissociação mendeliana, porque, com esta, virá também a fixação da raça intermediária com as qualidades de ambas as componentes.

Quanto ao Caracu, parece que pequena porcentagem de sangue zebu será suficiente para favorecer o seu progresso rápido, que, aliás, já é notável. O mesmo já não diremos do gado crioulo aproveitável. Talvez lucre mais com forte dose de sangue zebu.

Quanto ao gado europeu Shorthorn, Hereford, Polled-Angus, etc., que existe no sul do país e no norte da Argentina, já se lhe notam sinais de degenerescência, mesmo nas melhores pastagens, e, por isso, já se introduziu aí o zebu, como base para o cruzamento. Aliás, já um lote de zebus puros por cruzamento, bem preparado, foi classificado na Inglaterra, igual, em qualidade, à melhor carne argen-

(2) Dizemos "pequeno rebanho" comparando o seu número com o total do rebanho brasileiro. Na verdade esse rebanho já é bem numeroso.

tina, o que está fazendo os nossos vizinhos considerarem seriamente as possibilidades do zebu. De modo que urge injectar nesse gado um pouco de sangue zebu, em porcentagem que só a prática determinará. Já se fala na formação do **Indusulino**, raça brasileira com a rusticidade do zebu e as qualidades frigoríficas do gado europeu especializado.

Pondere-se, porém, que, quanto mais quente a região e mais adverso o meio criatório, maios deverá ser a porcentagem de sangue zebu a injetar no gado. E que, de modo geral, é muito mais rápido e econômico fazer-se a absorção do gado pelo zebu, do que fixar uma raça intermediária.

De modo que, em todas as regiões onde o zebu se adapta melhorando, é de muito maior vantagem criá-lo puro e absorver-se o gado nacional pelo zebu por via de cruzamento contínuo.

Porém, mais uma vez o digo, todo o progresso e êxito desses processos depende do emprego de touros puros, de touros «de raça», de touros enquadrados dentro, tanto quanto possível, do padrão da raça, sobretudo de animais de grande amplitude torácica, portadores dos caracteres gerais exigíveis de todas as raças, porque tudo que fugir disso representa degenerescência e retrocesso.

Em futuro que não parece próximo, quando o esforço do homem houver modificado as condições do meio criatório do Brasil, suprimindo a sua agressividade, talvez se torne viável a criação de gado europeu. Então será ocasião de estudar se ele oferece vantagem sobre o zebu, que, por essa época, já estará extraordinariamente melhorado.

Até lá, o caminho a seguir é criar zebu.

OS RESÍDUOS TAMBÉM SERVEM

APROVEITAMENTO DA AGAVE NA ALIMENTAÇÃO ANIMAL

A cultura da agave toma grande impulso no Brasil. Já produzimos 25 mil toneladas de fibra anualmente. Aproveitamos, porém, apenas 3% da folha de agave, perdendo-se todo o restan-

te. Os resíduos, hoje jogados fora, podem servir para a fabricação de celotex, celulose e forragem balanceada. Vejamos como se faz forragem balanceada com bagaço de agave. Inicialmen-



José Augusto de Faria

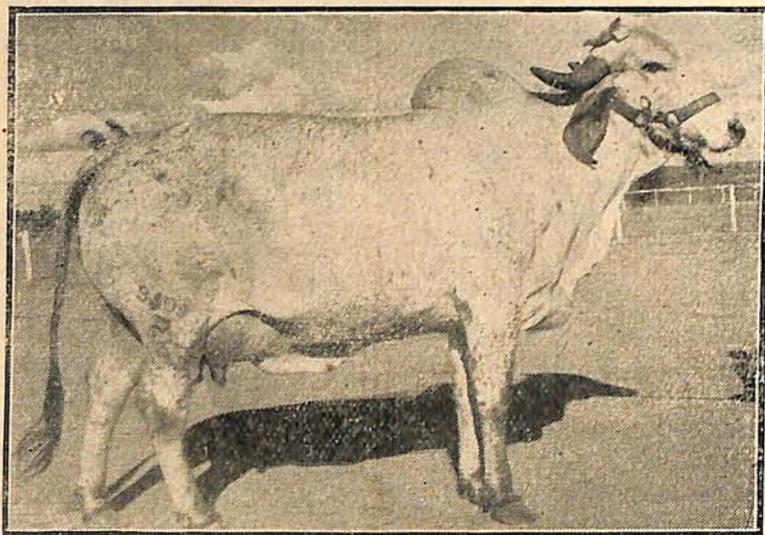
Técnico em pesquisas agro-industriais



E

A CONTINUIDADE da seleção da Raça Gir, iniciada por Eurípedes de Paula, há meio século:

Fazenda Tamboril



A magnífica reprodutora da Raça Gir — HAITÍ, campeã da XIV Exposição Regional Agro-Pecuária, em Curvelo - 1953.

João S. de Paula

CAIXA POSTAL N. 131

CURVELO - Est. de MINAS

te colocam-se os resíduos decorrentes do desfibramento mecânico das folhas de agave na caixa de uma prensa vertical ou horizontal.

Comprime-se. A compressão expulsa o líquido e deixa um resíduo sólido, que é composto de um conjunto de fibras emaranhadas, cascas e de materiais incrustantes.

Desfaz-se o bloco de resíduos que se encontra na prensa e peneira-se. Obtêm-se dois tipos de material. Um deles, constituído pelas fibras, deve ser empregado como matéria-prima, para a fabricação de celulose e lotex. O outro material, cascas e incrustantes, constitui a forragem de agave.

A forragem pode ser dada aos animais imediatamente, quando úmida.

Desejando-se deixar a forragem em condições para ser transportada ou conservada por muito tempo, procede-se do modo indicado a seguir.

Dispõe-se a forragem em camadas finas, no chão, drilhado ou cimentado, galpões ou telheiros. Por outra, revolve-se a massa por meio de um rôdo, secagem à sombra permite a forragem apresentar-se verde e aromática.

Se a forragem for amontoadada ainda úmida, em camadas grossas, fermenta e ficará com sua conservação fortemente prejudicada.

Se as operações indicadas

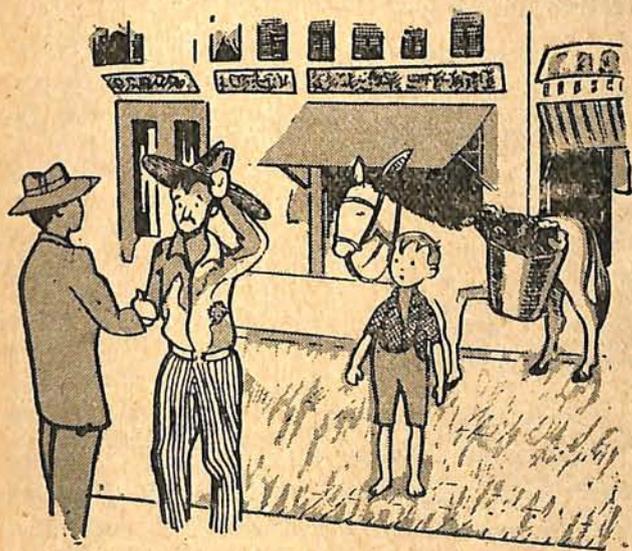
(Conclui á pag. 44)

SERAFIM, DONA MARIANA E JOÃOZINHO moravam num rancho de taipa, numa roça de milho, perto da estrada do povoado. Serafim andava triste, sempre pensando na mesma coisa. Não compreendia porque êle, que antes gostava de trabalhar e era esperto, vivia agora sem coragem e desanimado. Nos últimos meses, só achava gôsto em ficar sentado na porta do terreiro, quieto, sem fazer nada. Até sacudir um mosquito lhe trazia canseira. Serafim sentia o coração doer, quando olhava seu filho Joãozinho. O menino era enfezado e barrigudo, tinha as pernas finas como bambu novo, o rosto amarelo e os olhos compridos de passarinho medroso. Como gostaria de encontrar uma pessoa que lhe explicasse o que se estava passando no rancho! Sábado, quando fôsse com Joãozinho á feira do povoado, iria dar dois dedos de prosa com o Dr. Veloso.

Dr. Veloso não os vía há muito tempo e quase não os reconheceu de tão diferentes



NO RANCHO DE SERAFIM



que estavam. E Serafim se queixou:

— Ah! Dr. Veloso, se o senhor soubesse! Deu urucubaca lá no rancho. Tudo vai de mal a pior. Desde a roça e a criação até a gente. Basta olhar para mim e para o Joãozinho.

Dr. Veloso olhou para o amigo e para o menino e seus olhos de médico viram logo a verdade.

— Serafim, a urucubaca que está perseguindo vocês é uma doença chamada **opi-lação**. Depois da feira, venham até o Pôsto de Saúde.

Quando o último freguês levou as derradeiras espigas de milho, Serafim e Joãozinho



contaram o dinheiro, amarraram o burro numa estaca e foram ao Posto de Saúde. Dr. Veloso examinou-os com atenção, passou-lhes uma receita e começou a falar:

— Serafim, você e seu filho têm um inimigo: é a opilação. Ninguém derrota um inimigo sem conhecer os seus segredos. Vou ensinar a vocês algumas coisas para que se possam defender da opilação.

Serafim e Joãozinho espicharam o pescoço para não perder nem uma palavra do Dr. Veloso.

— A opilação ou amarelão é uma doença causada por uns vermes miudinhos, que



se escondem no intestino. Esses vermes põem uns ovos que são expelidos com as fezes. Se a pessoa doente não tem uma privada em casa e procura um lugar sombreado para defecar no chão, os ovos se espalham no solo.

Joãozinho piscou os olhos, lembrando-se da touceira de bananeiras que havia no fundo do terreiro e perguntou desconfiado:

— Então é perigoso procurar a sombra das bananeiras?

— Muito perigoso, Joãozinho. Escute. Quando você defeca no chão, os ovos dos vermes se espalham no solo e, depois de algumas horas, saem as larvas, uns filhotinhos de vermes tão pequeninos que ninguém os enxerga. Na sombra, estas larvas se desenvolvem e ficam esperando a ocasião de atacar o homem.

— E como atacam? — indagou Serafim.

— As larvas atacam o homem procurando penetrar através da pele, principalmente dos pés. Se a larva consegue atravessar a pele, começa a viajar pelo corpo. Levada pelo sangue, no fim de sete dias chega ao intestino. Aí, o verme se agarra e suga o sangue para se alimentar. Um destes vermes pode viver de 5 a 8 anos no intestino do homem. E, ninguém resiste, Serafim, sustentando com o próprio sangue um batalhão de inimigos. A pessoa começa a ficar pálida, inchada, cansa à toa e não tem ânimo para trabalhar. Se é uma criança, perde a alegria, não cresce direito e tem dificuldade de aprender as lições, na escola. E' preciso expulsar os vermes do intestino. Foi para isto, que eu receitei remédios para você e Joãozinho.

Joãozinho ficou pensativo matutando. E se, depois do remédio, os vermes voltarem? Ele, no rancho, gostava de espantar as formigas e ficar espiando. Sabia que as formigas fugiam e voltavam de novo para

o formigueiro. Os vermes também voltariam? Só perguntando ao médico.

— Depois de tomar o remédio, a gente não apanha mais bichinhos, Dr. Veloso?

— Você foi esperto, Joãozinho. O remédio é importante, mas não é tudo.

Para acabar com a opilação temos de tomar ainda outras providências. **Primeiro:** deixar o costume de buscar os «lugares sombreados» para defecar no chão e construir uma privada higiênica, no rancho. Uma privada higiênica não é coisa do outro mundo. Pode ser simples e sair barato. Escolhe-se um lugar no terreiro, 10 metros distante da casa e bem afastado da fonte. Ca-



va-se um buraco ou fôssco e protege-se seu interior com estacas de madeira resistente. Cobre-se o buraco com uma tampa. Levanta-se um abrigo na casinha, com as paredes sólidas. A cobertura do abrigo pode ser de palha, um pouco inclinada para facilitar o escoamento das águas da chuva. Depois de construída, a privada deve ser usada e conservada sempre limpa.

A segunda providência é também muito importante: andar calçado constantemente. O sapato protege os pés e impede a penetração dos filhotes de vermes que produzem a



opilação. E' perigoso andar descalço pelo campo, o chão pode estar cheio de inimigos.

Além da construção da privada higiênica e do uso de sapatos, Dr. Veloso ainda aconselhou que andassem de roupa limpa, de mãos bem lavadas e que tivessem rigoroso asseio no preparo dos alimentos.

Serafim e Joãozinho voltaram ao rancho e trataram logo de seguir tôdas as recomendações do médico do Pôsto de Saúde.

Meses depois, dona Mariana olhava sorrindo o marido que saía de novo para a roça, bem disposto, alegre e satisfeito. Joãozinho também foi para a escola. E, com a saúde, entrou a felicidade no rancho de Serafim.



Do "S. I. A."

MATANÇA DE BOVINOS NO PAÍS

A matança de bovinos, efetuada nos frigoríficos dos Estados, de janeiro a julho do corrente ano, atingiu o total de 933.086 cabeças, contra 948.516 em igual período de 1952.

Segundo informa o serviço de estatística da produção do ministério da Agricultura, a discriminação por Estados, no cor-

rente ano, foi a seguinte: São Paulo, 546.394 cabeças; Rio Grande do Sul, 312.464; Rio de Janeiro, 56.001; Paraná, 12.807 (computada a matança de um estabelecimento classificado anteriormente como fábrica de produtos suínos); Minas Gerais, 4.539 (encontra-se paralizado um dos estabelecimentos do Es-

tado); e Santa Catarina, 831 cabeças.

Em confronto com o primeiro semestre de 1952, verificou-se aumento de matança em São Paulo e Paraná, e diminuição em demais Estados.

O abate realizado nos frigoríficos compreende bois, vacas e vitelos.

O OVO AZUL

RAUL BRIQUET JUNIOR
Zootecnista

São frequentes as consultas relativas ao ovo azul, produzido por certas galinhas, das quais há vários exemplares entre nós. A cor azul da casca do ovo é rara. Via de regra, os ovos são brancos ou marrons e, das raças de galinha conhecidas, apenas uma, a Araucana, do Chile, produz ovos daquela tonalidade.

A cor do ovo é um caráter genético. A intensidade da coloração pode variar com fatores externos, como por exemplo, a produção já realizada pela ave, mas o fato da casca ter este ou aquele pigmento é nitidamente hereditário, conforme provaram já inúmeras experiências.

A cor azul da casca é controlada por um gen parcialmente dominante sobre o da cor branca. Isto foi perfeitamente demonstrado em 1933, por Punnett, ao acasalar aves Araucana, levadas do Chile para Europa, com raças de ovos brancos ou marron. Quando o gen para a cor azul se encontra em presença dos genes que determinam a cor marron da casca, o resultado é uma cor esverdeada, cuja intensidade varia com a do mar-

ron (esta controlada por diversos genes). Este último pigmento se deposita, como se sabe, na parte externa da casca, enquanto o azul, fica na parte interna.

Entre nós, Graner e Torres, da Escola Agrícola de Piracicaba, estudaram uma raça em formação, de pulmagem e ovos azuis. As aves por eles estudadas foram trazidas de Goiás, onde são conhecidas como *Araguaias*. Nos estudos procedidos, aqueles autores, confirmaram o mecanismo genético da cor azul da casca, estabelecido há alguns anos por Punnett.

O ovo azul é, sem dúvida, interessante, seja pela raridade, seja pelo colorido. Muito provavelmente, na época da Páscoa, poderiam eles ter uma enorme saída, dispensando-se assim aquele velho costume de tingir ovos nessa época do ano. Naturalmente, teriam uma aceitação natural em outras épocas também. Basta que os consumidores se lembrem que tais ovos são iguais aos outros e não inferiores, como pensam alguns.

Do "S.I.A."

Mercado de Bovinos e Suínos — Em Barretos - S. P. —

COTAÇÕES

BOVINOS

SUÍNOS

Gordo: Mercado livre:

Novilhos consumo: Cr\$ 169,00

Carreiros e marrucos: Cr\$ 163,00

Vacas: Cr\$ 154,00

Magro: Cr\$ 2.100,00 a 2.500,00 conforme
era, qualidade e apartação.

Tipo A (especiais) Cr\$ 250,00

Tipo B (gordos) Cr\$ 240,00

Enxutos Cr\$ 220,00

Cr\$ 480,00 média de 6 arrobas.

(Do Boletim de ARVRG — Barretos)

A verdadeira historia da importação de zebús do Paquistão

Rio, — Julho (Do correspondente) — Só agora se vai concatenando e tomando forma definida, a sequência de fatos e episódios que culminou com a importação de 31 exemplares de zebús da raça "Shindi", do Paquistão, contra as leis do País e contra as determinações do seu Ministério da Agricultura.

A missão que a direção da Revista "Zebú" nos cometeu, qual a de apurarmos, nas fontes oficiais a verdadeira história daquela importação, não nos foi nada facil de desempenhar, porque os funcionários daquele ministério se fechavam incontinentemente, quando se falava no assunto.

Enfim, o que se pode conseguir aí vai e chega bem para si ter a idéia do prestigio, do apadrinhamento e da tenacidade e da fibra do dr. Felisberto de Camargo, o heroi dessa importação clandestina.

UM HOMEM EXTRAORDINÁRIO

Antes de entrarmos na narrativa dos passos dados pelo dr. Felisberto de Camargo, seja-nos permitido fazer um preâmbulo para falar a seu respeito. E' um engenheiro agrônomo, funcionário do Ministério da Agricultura, inteligente e decidido e capaz, como ninguem, de vencer os obstáculos burocráticos de um Ministério para obter o que deseja, mesmo quando esse ministério é contra suas pretensões, como aconteceu na última parte da história da importação, quando o Ministro João Cleófas, orientado pelos seus auxiliares imediatos — João Ferreira Barreto e Jorge Crouzeilles de Abreu, estava decidido a não permiti-la, de vez que a mesma era condenada, pela quasi totalidade das nossas associações rurais, lide-

radas pela S. R. T. M., as quais a ele se dirigiram naquele sentido.

HISTÓRIA EM 3 CAPITULOS

A história da recente importação clandestina de zebús do Paquistão pode ser facilmente dividida em três capitulos, da seguinte fórmula: o primeiro, desenvolvido ainda no governo passado, quando o dr. Felisberto de Camargo conseguiu do Ministério da Agricultura a autorização e dinheiro para importar, estabelecendo o gado, em Belterra, na Fordlândia; o segundo, já no governo atual, quando o Ministério da Agricultura, através do seu primeiro Departamento de Produção Animal, acoroçoava a importação e, o terceiro — depois da mudança do diretor do DNPA, quando assumiu a sua chefia o dr. João Ferreira Barreto, inteiramente contrários, ele e o dr. Jorge Crouzeilles de Abreu, á importação, principalmente depois da missão á Índia, chefiada por este.

SITUAÇÃO DELICADA

Foi-nos difícil conseguir apurar os fatos que aqui estamos narrando, uma vez que os principais funcionários do Ministerio da Agricultura e das Relações

N. da R. — Com esse relato do nosso correspondente do Rio de Janeiro, fica explicada a aparente fraqueza do sr. Ministro da Agricultura, em cohibir e punir o autor da aventureira importação clandestina de zebús do Paquistão, na qual entraram influências acima do seu arbitrio, na questão.

A nós, porém, ainda fica uma dúvida: ao País que vendeu o gado importaria conserva-lo, depois de pago?... Não era melhor deixa-lo lá, pago, do que trazê-lo para cá?...

Exteriores — não fosse neste último estarem ao par da questão, talvez não o conseguissemos — acham que o *affaire* Camargo e seu protagonista colocaram o Departamento de Produção Animal em uma situação muito delicada.

NO GOVERNO PASSADO

A gestão do dr. Felisberto de Camargo, no sentido de importar zebús, foi iniciada no governo passado, ao "apagar das luzes", como se costuma dizer.

Aquela época foram conseguidos a licença para importar e a verba com que a custeasse, importância que não se pode apurar ao certo si foram 5.000 contos ou dez mil.

Gosando de prestigio e apadrinhamento, como já salientamos, foi facil ao dr. Felisberto de Camargo obtê-los, pois que esse plano de importação ele ha muito tempo o elaborou, tendo trabalhado sempre no sentido de aperfeiçoá-lo e ajusta-lo, de forma a obter o melhor êxito, quando desfechado — tal como efetivamente aconteceu.

NOVO MINISTRO — MESMA TENDENCIA

Subindo ao poder o sr. Getúlio Vargas e escolhendo seu Ministro da Agricultura ao sr. João Cleófas, o Departamento Nacional de Produção Animal formado por S. Ex. era francamente favoravel á importação de zebuinos. Daí as facilidades encontradas pelo dr. Felisberto de Camargo para receber a verba que lhe tinha sido concedida (ao Instituto Agronômico do Norte) e, imediatamente, transferi-la para New-York, o que fez, sem perda de tempo.

Por mais sigilosamente que o negócio tivesse sido providenciado, a coisa transpirou e, dentro em pouco, cerca de 20 criadores brasileiros conseguiram licença para importar cerca de mil zebús da Índia, sob os protestos da S. R. T. M. e de numerosas congêneres suas, em todo o País.

OUTROS DIRETORES

Estava a coisa nesse pé, quando o Ministro João Cleófas muda os diretores do seu DNPA, assumindo os cargos principais os experimentados funcionários — drs. João Ferreira Barretos e Jorge Crouzeilles de Abreu.

Os novos diretores, então, conhecedores do assunto, sugerem ao sr. Ministro da Agricultura a viagem às Índias, como um meio de sustar a avalanche de pedidos de importação que chegava àquele ministério, mostrando que se alguém ia ter gado importado, então, que todos tivessem.

O que foi a ida à Índia, da comissão mista de técnicos do ministério e da S.R.T.M., todos já conhecem de sobejo, assim como suas conclusões, consubstanciadas

no documento expressivo que se tornou o "Relatório Torres Homem".

EM ESTUDOS DA JUTA

Com a divulgação das conclusões a que chegou a comissão que foi à Índia, o dr. Felisberto Camargo sentiu faltar o terreno a seus pés. Homem teimoso e irredutível, como já dissemos, não se deu por vencido e, calcando no íntimo, suas verdadeiras intenções, conseguiu nos EE. Unidos uma bolsa de estudos com o fim expresso de ir estudar a fibra da juta no estrangeiro, não esquecendo de munir-se de credenciais do Governo Brasileiro que lhe davam a condição e um verdadeiro adido comercial à embaixada do país a que se dirigisse e em que se fixasse.

A MAIS FORTE BARREIRA

Assim munido, dirigiu-se aos Estados Unidos e lá manifestou seu propósito de transportar-se para o Paquistão, afim de comprar o gado, ao mesmo tempo em que faria os seus "estudos" sobre a juta, fato que revelou ao Depar-

tamento de Estado da Agricultura e Pecuária daquele país, suas verdadeiras intenções. Aí encontrava o dr. Felisberto de Camargo a mais forte barreira a seus propósitos. O governo dos EE. Unidos, pelo seu departamento competente, negou energeticamente licença para sua ida ao Paquistão, no caráter de estudante da juta indiana, assim como cassou a concessão da bolsa de estudos.

NO PAQUISTÃO

O dr. Felisberto Camargo não é homem que renuncie, assim seus desígnios e, como estivesse de posse dos dolars, transportou-se imediatamente para o Paquistão, onde, credenciado pelo Ministério da Agricultura do Brasil (documentos obtidos com o primeiro DNPA do atual ministro), entrou a examinar gado e a separar espécimes para comprar, tudo em nome do nosso governo.

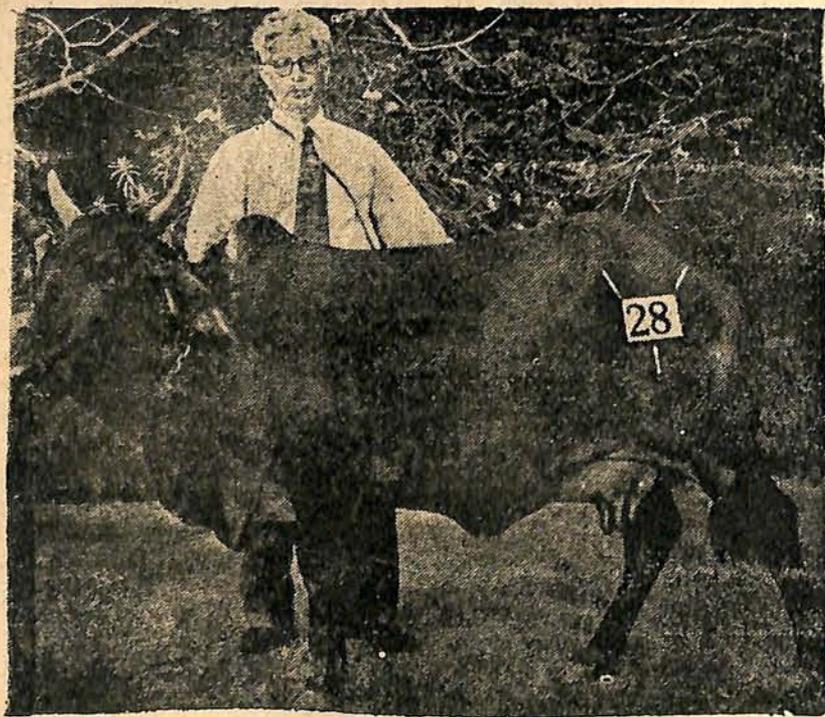
Para aplacar a oposição norte-americana, á entrada, em nosso continente, de gado sujeito às terríveis epizootias indianas, arranhou um veterinário oficial americano que lhe forneceu um atestado de sanidade para os exemplares adquiridos.

A REVOLTA DAS ASSOCIAÇÕES RURAIS

Com essas providências do dr. Felisberto Camargo, no Paquistão, a notícia correu celeremente aqui, provocando uma onda de oposição das associações rurais, o que motivou, entre outras consequências e fatos já sabidos, uma verdadeira ofensiva de telegramas do Ministério da Agricultura ao seu funcionário rebelde, no Paquistão, telegramas que ele recebia mas não respondia, afim de dar ao caso o caráter dos "fatos consumados".

A PORTARIA PROIBITÓRIA

Foi aí que, premido pelo protesto de tantas sociedades pecuárias e da própria opinião nacional, o Ministro João Cleófas



Acima, o dr. Felisberto de Camargo, vencedor da burocracia do Ministério ao lado de uma das "leiteiras" importadas.

lavrou a portaria que a Revista "Zebú" publicou, a seu tempo, e que determinava a internação do gado que, porventura para aqui fosse transportado, em Fernando Noronha, em lazareto especial para ele construído, no qual deveria permanecer, entregue ao Dep. de Produção Animal, até que o resultado de todas as pesquisas feitas, aconselhasse o seu transporte, de avião, para o melhoramento do gado da Amazônia.

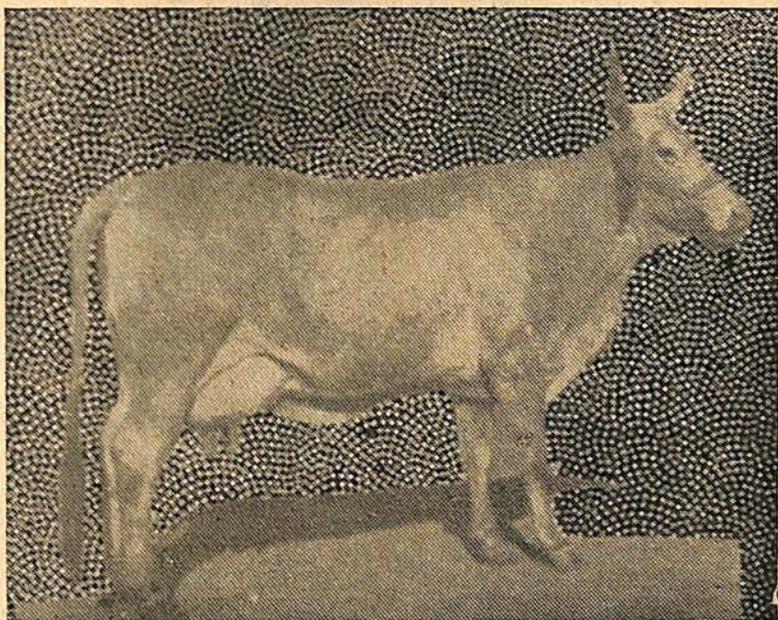
INTERVENÇÃO DO ITAMARATI

Segundo apuramos aqui, o consentimento do Ministério da Agricultura, em vir o gado comprado no Paquistão para o quarantário da Ilha de Fernando Noronha, foi devido a uma gestão do Itamarati que alegou que, "tendo os animais sido comprados naquele país, em nome do governo brasileiro (Camargo estava credenciado nesse caráter), não ficaria bem a nosso governo repudia-lo e regeita-lo"... Só a essa gestão cedeu o sr. Ministro João Cleófas que, então, lavrou a portaria acauteladora da sanidade do rebanho nacional.

ENERGICO O D.N.P.A.

E' relevante notar que o D.N.P.A. foi muito enérgico em cumprir as determinações do sr. Ministro da Agricultura, no tocante ás cautelas com o gado importado clandestinamente.

Ao chegar a primeira remessa á Fernando de Noronha, o dr. João Ferreira Barreto que, ali, pessoalmente, dirigia a operação de desembarque do gado e do seu internamento, não consentiu que o dr. Felisberto Camargo, decesse do avião, pois o diretor do I.A.N. viéra acompanhando-a. Ao



Acima, reprodutora mestiça Guzerá, outra das campeãs leiteiras de Leopoldina, prova por demais eloquente de que não é preciso importar leiteiras...

mesmo tempo, era o mesmo senhor notificado de que teria que voltar ao Paquistão, si teimasse em acompanhar a segunda remessa do gado. Deante do aviso, o restante do gado importado clandestinamente veio sem o seu "dono" e acompanhante...

O GADO IMPORTADO

O gado importado pelo "Instituto Agrônomico do Norte", repartição do Ministério da Agricultura, é o seguinte: 31 cabeças, 16 vindas na primeira remessa e 15 na segunda, das quais 12 vacas e o restante de machos, exclusivamente de gado "Red Shindi", não havendo entre elas nenhuma rez nelore, como se chegou e espalhar pelo País.

NO LAZARÊTO DE FERNANDO NORONHA

O gado em questão está confinado em lazareto especial construído pela Divisão de Defesa Animal do D.N.P.A., na ilha de

Fernando Noronha e, segundo se informa no Ministério da Agricultura, deverá permanecer ali, por um tempo mínimo de 15 meses, não sendo permitidas visitas ao local do seu internamento.

O EPILOGO

Até Junho último, nove das reprodutoras "Sindi" trazidas do Paquistão, pelo dr. Felisberto de Camargo, diretor do IAN, já haviam dado cria, tendo-se portado inteira e desfavoravelmente ás pretensões dos que desejavam, sob o pretexto da produção de leite, abrir as portas do País à importação de zebús. Das reproduções em questão — diz-nos um funcionário que lá esteve — uma apenas, ao parir, dava sete litros de leite; duas, de tão escassa sua laticação, não podiam criar os respectivos bezerros e o restante apresentavam u'a média irrisória...

BRUCELLOSE

Com o nome de "Brucellose" são conhecidas hoje afecções comuns sobretudo aos animais das espécies bovina, caprina e suína e ainda ao homem, doença d'êste conhecida antigamente pelas denominações de febre ondulante, febre de Malta, etc. A etiologia dessa moléstia, segundo contamos a história da Microbiologia, foi estabelecida no ano de 1887 quando o médico inglês David Bruce em suas pesquisas, conseguiu isolar um dos micróbios causadores da mesma, de indivíduos que morriam em consequência de uma febre existente na ilha de Malta. Com essa notável descoberta de autoria de Bruce, no ano de 1905 Zammit, chegou a conclusão que o homem se infectava, adoecia e morria pela provável ingestão de leite crú ou mal fervido proveniente de cabras portadoras da moléstia e portanto transmissoras da mesma e cujo agente infeccioso era o mesmo que Bruce isolára na espécie humana.

Foi baseado nesses estudos que não deixavam dúvidas quanto ás fontes da infecção e posteriormente com a técnica especializada de laboratório aliado á reação de aglutinação, introduzidas por Wright, secundado por Zammit em 1907 conseguindo a

Pelo Dr.

JOAQUIM SISINO ROCHA

Dir. do D.P.A. do Est. Rio

lacto-aglutinação, que ficou provada e estabelecida que as infecções acompanhadas de febre, constatadas nas costas do Mar Mediterrâneo, nada mais eram do que a febre estudada por David Bruce e Zammit na Ilha de Malta. Assim sendo ficou concluído que a cabra portadora da Brucellose era e é incontestavelmente a responsável pela transmissão da doença, ao homem e cujo veículo era o leite d'esse animal. Uma outra moléstia dos animais, a Doença de Bang, Abôrto Epizoótico, Abôrto Infeccioso, etc., comum á espécie bovina também conhecida desde muito tempo, foi estudada e descoberta por Bang e Stribolt no ano de 1887 e que também por sua vez se transmite ao homem da mesma forma que a doença da cabra, isto é, pela ingestão do leite crú, sendo que aqui a infecção é de caráter benigno que a proveniente de origem caprina. Finalmente temos ainda um terceiro processo infeccioso,

particular a espécie suína, transmissível também ao homem. Abôrto Epizoótico dos Suínos. Seu agente etiológico foi isolado em 1914 por Traum e a infecção ao homem por Keef em 1924. Aqui a moléstia se apresenta ao homem com um caráter intermediário entre as duas infecções vistas, isto é, mais benigna que a de origem caprina, porém mais grave que a originada da espécie bovina. Devemos esclarecer que não é somente o leite crú o veículo responsável pela transmissão da doença ao homem, porquanto os queijos, manteigas, cremes, as carnes mal cozidas provenientes de animais portadores poderão também ser as causas das infecções na espécie. — Além disto o contacto do homem com animais doentes, ou seus produtos e sub-produtos, tal qual acontece com os veterinários, tratadores, ordenhadores, açougueiros, pessoal de laboratório, etc., que estão do mesmo modo sujeitos a contrair a doença. Em 1918 a célebre bacterologista americana Alice Evans nos deu a grande contribuição científica pelas belas conclusões que chegou em seus aprofundados estudos, estabelecendo de vez a identidade, morfologia, meios de cultivos dos três agentes mi-



AFTOSA!

Evite este terrível mal usando a

Vacina HERTAPE contra a Aftosa

LABORATORIO HERTAPE LTDA.

Distribuidor — Sociedade Rural do Triângulo Mineiro —

Rua Cel. Manoel Borges, 34 — UBERABA — MINAS

GANHE TEMPO

com pouca despesa!

Envie pela

AEROVIAS BRASIL

para todo o país

**CARGAS E
ENCOMENDAS**

Entregas rápidas

Linhas para todo o
País, ligando o Brasil à
Argentina • Estados
Unidos • Rep. Domi-
nicana • Surinam
Trinidad • Uruguai
Venezuela



Rua Artur Machado, 66
— Fone, 1666 —

UBERABA

robianos, responsáveis por esta moléstia e os resultados de seus notáveis trabalhos foram confirmados em 1920 por Mayer e Shaw, sendo então criado o gênero *Brucella*, nome este dado em homenagem a Bruce, onde ficaram incluídos os germens causadores das Bruceloses caprina (*Brucella militensis*) Bovina (*Brucella abortus*) e suína (*Brucella suis*). Além dessas três espécies de animais e do homem receptíveis a infecção com qualquer um dos três tipos de *Brucella*, outras espécies de animais domésticos poderão também adquirir a doença. Assim é que, segundo observações feitas, os equinos e asininos podem se contaminar e adquirir a moléstia quando em contacto com bovinos portadores de Brucellose. Além desses animais, os cães a até mesmo as aves podem contrair a moléstia, sendo que nas aves tem-se observado uma diminuição sensível na postura, mas com um índice de mortalidade relativamente pequena. Estabelecidos como ficaram a identidade dos agentes causadores das Bruceloses, sua origem, contribuições científicas de alguns pesquisadores etc. e se apresentando esses moléstias mais ou menos com os mesmos característicos sintomatológicos e consequências econômicas idênticas nas várias espécies, falaremos sobre a Brucellose bovina, por nos parecer de grande interesse no momento atual.

BRUCELLOSE BOVINA

Essa doença também chamada Abôrto Epizootico, Abôrto Infecioso, Doença de Bang, etc., encerra hoje um grande capítulo na patologia Veterinária e tamanhas são suas consequências sob o ponto de vista econômico na criação de bovinos, que recentemente o governo brasileiro, orientado pelo seu órgão técnico, o Ministério da Agricultura, fez baixar um Decreto-lei, pondo em prática certas medidas de defesa a serem adotadas com relação a essa doença. Bem orientado pelo Governo com essa medida, pois não são poucos os casos já constatados no país,

tendo ela aparecido no nosso meio em 1922 e daí para cá muitos outros têm surgido em vários Estados da União. Podemos afirmar que si não houver da parte dos criadores brasileiros uma colaboração estreita com os técnicos dos órgãos Governamentais, no sentido da notificação dos casos de Abôrto em animais sem causas justificadas para efeito de um possível diagnóstico da Brucellose em seus rebanhos, dentro de pouco tempo, teremos pela frente um dos mais sérios problemas com que se defrontarão os técnicos brasileiros e fazendeiros, pela impossibilidade que há de tratamento dos doentes por parte daqueles e pelas perdas econômicas por parte destes. Quanto ao agente causador dessa doença, trata-se, como já vimos, de um grande pertencente ao gênero *Brucella*, ou seja *Brucella abortus*, tendo a forma de bastonetes, móveis, não esporulados, não fermenta os açúcares, etc. Vejamos agora como surge a doença numa fazenda. Muitas vezes em certos rebanhos de algumas fazendas de criação de bovinos, aparentemente sadios, uma vez por outra, determinada vaca ou mesmo grupo de vacas que não apresentam externamente nenhuma alteração no seu estado de saúde, começam a abortar e quase sempre do 4º ao 6º mês e se sucedem como se fossem em série, anualmente ou às vezes de modo intercalado, devemos desconfiar sempre do abôrto infecto-contagioso ou seja da Brucellose.

Quais os sintomas dessa moléstia?

Outras anormalidades ainda poderão ser observadas mas que escapam aos criadores.

Como se dará o contágio de um animal ao outro?

Não há dúvida que bastará a introdução de um animal portador da moléstia para deixar em perigo todo o rebanho, pois todo o material expulso por ocasião do abôrto, como sejam as secundinas, o fêto, dêste sobretudo intestinos e coagulador, as secreções vaginais, o leite, as pró-

prias fezes e urina, uns mais que outros, são entretanto todos ricos em germes e capazes portanto de contaminarem os estábulos, currais, forragens, camas, água de bebida, etc., disseminando, assim, a doença pela ingestão de alimentos contaminados ou por simples contacto através da pele dos animais. Devemos salientar que não é somente a vaca doente a responsável pela disseminação da moléstia, pois os reprodutores embora não constituam para muitos um sério perigo, não deixam de ter um papel importante na difusão da Brucellose bovina, através a monta.

Onde são encontrados os micróbios no organismo animal?

Nas fêmeas quando prenhes são encontrados no útero e depois que abortam passam ao úbere, glândulas mamárias e nos machos, são encontrados no esperma e daí a possibilidade de transmissão da doença.

Febre aftosa, as intoxicações, fraquezas orgânicas, etc., mas nem por isto o criador deixará de

Si por acas ouma vaca enxertada portadora da moléstia chegar a termo sua gestação, o produto nascido representa também um grande perigo porque uma vez ingerindo o leite contaminado, os micróbios nêle contidos circulam no organismo e são eliminados com as fezes e urina que são como já vimos meios de contaminação dos locais reservados aos animais, isto porque, como se sabe há como que uma predileção dos mesmos pelo aparelho genital dos adultos fêmeas e machos.

Devemos frizar que não somente os abortos, que por si só representam as grandes perdas econômicas, pois além disso a doença conduz também o animal á esterilidade e portanto impróprio á reprodução.

Como se poderá diagnosticar essa doença?

E' verdade que nas fazendas muitas vezes ocorrem casos de abortos sem que se trate de Brucellose, pois causas outras há, que os provoca e dentre estas citaremos as quedas desastrosas, a

estar alerta e indagar sempre das causas dos abortos. Infelizmente como já dissemos os abortos são muito pouco pronunciados e sempre que houver abortos no rebanho chame o técnico porque só êle poderá esclarecê-los.

Atualmente o Ministério de Agricultura e a Secretaria de Agricultura do Estado do Rio de Janeiro estão aparelhados para fazer esses diagnósticos com material e pessoal especializados. Como o exame requer uma certa técnica ou seja a interpretação da reação de aglutinação que é feita em presença do sangue do animal suspeito com o antígeno no colorido, que é um extrato de cultura do micróbio cultivado em meios adequados, causador da doença, convém por isto sempre por quem conheça o assunto.

Como evitar a doença?

1º — Em primeiro lugar submetter á prova de aglutinação todos os animais da fazenda, repetindo se possível 6 meses depois;

SNR. CRIADOR: vacine seus animais com as **VACINAS MANGUINHOS**

- contra a peste da manqueira (carbúnculo sintomático)
- ant carbunculosa (carbúnculo hemático, verdadeiro)
- contra a pneumo-enterite dos bezerras
- contra a pneumo enterite dos porcos

PEÇA AO SEU REVENDEDOR

PRODUTOS VETERINARIOS MANGUINHOS LTDA - C. P. 1420 - RIO DE JANEIRO

2º — Isolar, imediatamente, ou se possível sacrificar os animais que reagirem positivamente a reação de aglutinação;

3º — Isolar os animais de reação suspeita, submetendo-os a uma nova prova decorridos alguns dias;

4º — Só introduzir no rebanho animais portadores de certificados de prova negativa de Brucellose, passados por venterinários;

5º — Submeter á prova de aglutinação qualquer animal que venha a abortar, pois um abôrto deverá ser considerado sempre suspeito;

6º — Chamar um técnico á fazenda, em casos de abôrto no rebanho.

Existe tratamento para essa doença?

Podemos dizer que não existe nenhum tratamento eficaz contra esta moléstia, pois, vários têm sido os medicamentos químicos usados sob a forma de injeções ou lavagens vaginais e uterinas e todos êles sem resultados. Assim é que a tripa-plavina, o rivaonl, o azul de metilênio, o permanganato de potássio, etc., foram de emprêgos infrutíferos e por isto abandonados.

Existe vacina para prevenir a moléstia?

Nesse particular as opiniões divergem ainda, porque sendo as vacinas preparadas com germes vivos e mortos, diferentes são os resultados obtidos. Para uns as vacinas preparadas com germes vivos, apresentam inconvenientes, porque só devem ser usadas so bcontrôle veterinário e de acôrdo com o gráu de infecção do rebanho, de vez que poderá criar novos fôcos. As vacinas preparadas com germes mortos não têm dado resultado na prática por não conferirem imunidade quando aplicadas. Pelo que ficou dito, uma vacina que conferisse imunidade por tóda a vida sem os inconvenientes apontados, apresentando ainda absoluta inocuidade era ainda um dos maiores ânseios dos cientistas e dos criadores brasileiros.

AERODIAS

para o



NORTE DO PARANÁ

LONDRINA
APUCARANA
CORNÉLIO PROCÓPIO

**Com tradicional rapidez,
confôrto e cortesia.**



EM UBERABA
R. Artur Machado, 66
Fone - 1666

Depois de estudos e numerosas provas realizadas com a amostra "B 19" de Brucella abortus provaram aos técnicos do Bureau of Animal Industry, na América do Norte, a completa tolerância e grande poder imunisante dessa estirpe de germe, os imunologistas estavam armados de um precioso elemento para elaborarem uma vacina realmente eficaz e inócua.

No momento já ascendem a milhares, os bovinos imunizados em todo o mundo contra a Brucellose com a vacina contendo a amostra "B 19".

Em nosso meio, no Instituto Biológico do Rio de Janeiro, o cientista patricio professor Américo Braga, elaborou a vacina com a amostra "B 19" que lhe foi remetida de Washington, pelo doutor Mohler, diretor geral do Departamento Federal de Indústria Animal. Essa vacina vem tendo larga aceitação no meio criador nacional e foi aprovada pelo Ministério da Agricultura, depois, naturalmente, de rigorosos testes a que foi submetida no Instituto de Biologia Animal, dependência daquele órgão federal. O valor dessa vacina está no facto de que uma única inoculação na dose de 5 cc. confere imunidade por tóda a vida do bovino.

Adotando-se sistematicamente em todos os vitelos e as vitelas e em meio sadequados, cauder da doença, convém por isto seja feito entre os 4 e 8 meses, bem como adultos ainda não doentes, a moléstia desaparecerá do nosso meio sem outros cuidados dispendiosos e infrutíferos. Os animais uma vez vacinados podem ser misturados ao resto do rebanho, sem perigo de contagiar os demais.

A vacina é absolutamente inofensiva e não cria fôcos.

Não resta dúvila, pois, que a Ciência Veterinár a armou os sanitaristas e criadores, com um dos úteis elementos para combater essa terrível doença, quando descobriu a atual vacina contra a Brucellose bovina elaborada com a amostra "B 19", preparada pelo Instituto Biológico do Rio de Janeiro, localizado em Niterói.

O TIPO DO GADO LEITEIRO

Coube, talvez, ao bovino-cultor inglês do século XVIII o privilégio de notar, pela acurada observação que caracterizava o criador daquela época, o antagonista de forma entre os animais de produção de leite e os de produção de carne.

Realmente, sempre que os bovinos eram explorados para obtenção de leite, notavam aqueles criadores que o tipo produtor de carne, tendia a desaparecer, enquanto que ao se selecionar animais cujas massas musculares e a fácil engorda eram seus característicos principais, as vacas tendiam a diminuir a quantidade de leite produzida. Por isso, nas regiões em que as condições do meio eram favoráveis à exploração do leite, sendo da indústria de laticínios a economia principal do País ou da zona, a seleção orientou-se para esse tipo, que foi posteriormente reconhecido como «tipo produtor de leite», diferente do das zonas em que as condições de pro-

ARMANDO CHIEFFI
Médico-Veterinário

ta e de fácil engorda possibilitaram a exploração do «tipo de gado produtor de carne».

A seleção, portanto, ocasionou a diferenciação desses dois tipos, hoje, mundialmente reconhecidos.

A conformação do gado leiteiro

Quais os característicos do tipo produtor de leite? em que difere êle do tipo produtor de carne?

Uma vaca do tipo leiteiro caracteriza-se pelas formas delicadas, angulosas, pela pele fina e facilmente destacavel, pelo grande volume de seu ventre, pelo úbere desenvolvido e amplo, pelas veias mamárias sinuosas e grandes.

Antes mesmo que a ciên-

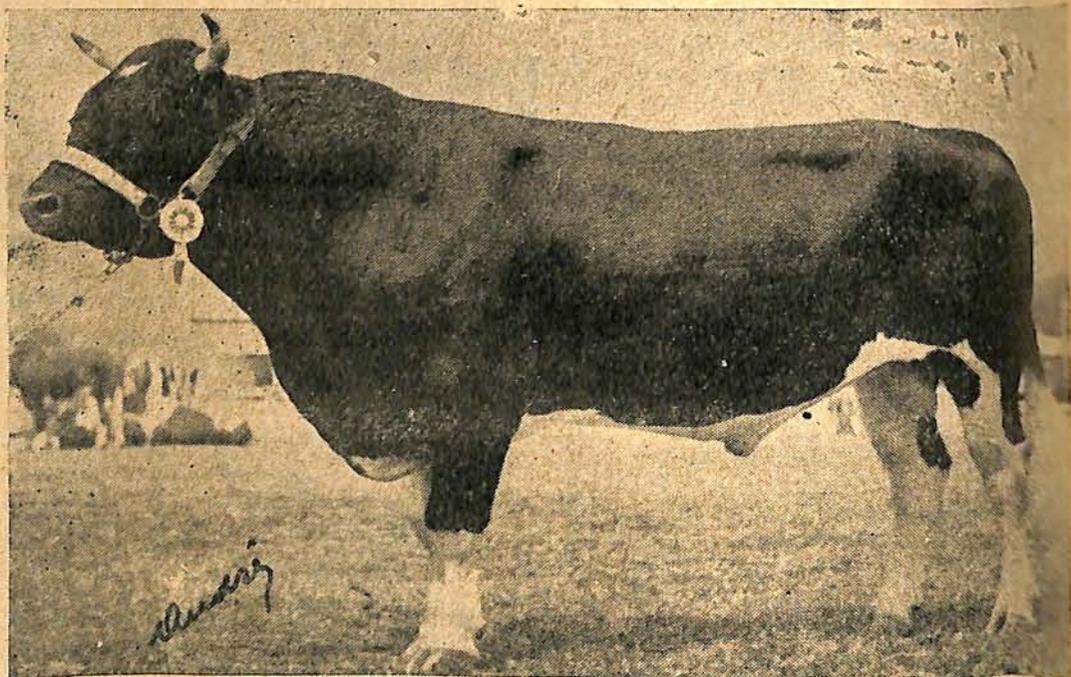
cia, pelo seu desenvolvimento, viesse justificar a forma do animal leiteiro, os antigos criadores selecionavam-no pela sua produção. Instintivamente, embora sem bases científicas, aqueles criadores adotaram o único meio de seleção capaz de melhorar uma qualidade: a escolha dos mais produtores.

Hoje, com os atuais conhecimentos técnicos, o tipo leiteiro, muito embora continue a ser o mesmo preconizado, em linhas gerais, nos séculos passados, tem, para nós, significação diferente.

Diferenciação entre o gado de leite e o de carne

Sabemos, assim, porque a produção de leite e a de carne são antagonônicas. Com efeito, enquanto esta proporciona quantidade de gordura que se deposita sobre os músculos, entre suas fibras ou entre seus feixes, formando a górdura de cobertura e a gordura do mús-

Ao lado,
um magnífico
exemplar da Raça
Holandesa - PB e
chefe de uma
dos grandes
planteis leiteiros da
Zona da
Mata, em
Minas.



Raças Indianas

CONDENSAÇÃO DE SUAS CARACTERISTICAS — PELO DR. LUIS R. FONTES —

culo marmorizado, aquela, a produção de leite, ocasiona a perda da gordura conseguida através da alimentação, pelo leite, sem deposita-la em seu organismo. A forma de cone, antigamente tão decantada para a vaca leiteira, não é ocasionada, como se pensava, pela depressão do torax. Esta forma ainda hoje é procurada, observando-se o animal de perfil. Ela porém, longe de indicar torax pouco profundo, significa desenvolvimento grande de aparelho mamário. E, ao lado dêle, amplitude torácica e abdominal.

O tipo leiteiro

O tipo leiteiro é, antes de tudo, um tipo digestivo. Sem ventre volumoso, capaz de receber grandes quantidades de alimento e de água, sem ótimo aparelho respiratório, capaz de remover da circulação os resíduos formados pela intensa irrigação e metabolismo do animal, não poderá haver boa produção.

Modernamente, toda a atenção se volta para o aparelho mamário, o aparelho digestivo e o aparelho respiratório. O complemento indispensável à boa conformação, reside nas qualidades produtoras, reconhecidas no exame de seus descendentes, no exame do seu «pedigree».

O progresso, neste setor, é imenso e mesmo em nossos centros de criação de gado leiteiro já não mais se escolhe o animal pela simples conformação. Ao lado do bom tipo leiteiro, os animais devem ser bons produtores e ter bons ascendentes.

(Do S.I.A.)

RAÇA GIR

Gir — Animal de tamanho médio, com um perfil ultra-convexo, chifre encurvado, longas orelhas, pendentes e enroladas. A cor pode variar de vermelha a branca lustrosa, mas a cor preferível entre os criadores é a branca com partes vermelhas escuras ou marron chocolate distribuida sobre todo o corpo (chita). Um temperamento muito dócil é característico desta raça. Embora o Gir seja classificado no grupo de tipo leiteiro possui uma conformação boa para carne.

RAÇA NELORE

Nelore — Na India, esta raça é chamada Ongole. E' um grande animal, de perfil sub-convexo, de chifres curtos e atarracados, espessos na base e firmes, sem fendas. A barbela e a papada são de tamanho moderado. A cor comum é a branca mas o macho tem manchas cinzentas escuras na cabeça, pescoço e giba; faixas mosqueadas podem ocorrer. E' alerta em temperamento. As pequenas orelhas ponteadas são muito características. Em geral; tem uma conformação de carne muito boa e grande vigor e adaptabilidade.

RAÇA GUZERA'

Guzerá, ou Kankrej — E' um grande animal, com testa larga ligeiramente esca-

vada no centro. Chifre em forma de lira, orelhas pendentes, giba bem desenvolvida, barbela pendente. A cor é cinza prateada mas o macho é mais escuro do que a fêmea. São animais muito excitáveis e nervosos. Tem também boa conformação de carne.

RAÇA INDUBRASIL

Indubrasil — O gado Indubrasil é o produto do cruzamento Guzerá e Nelore no principio, com mistura subsequente do Gir. Por outras palavras, é o produto de um cruzamento empírico entre as raças de origem indiana que felizmente resultaram em um excelente animal para produção de carne. Durante os últimos 50 anos tem sido melhorado por seleção e reconhecido como uma nova raça pelo governo.

A aparência geral desta nova raça é a de um animal de tipo carne com um perfil sub-convexo (convexo pelo novo padrão), orelhas de grande tamanho, não afiladas, e com a face interna do pavilhão meio virada para a frente. Os chifres seriam de tamanho médio, inclinado para traz e para cima. A cor pode ser branca, cinzenta, azulada, amarela ou vermelha. Não são admitidos sinais ou marcas para registro.

Fazenda Monte Alegre

EST. HERMOGÊNIO SILVA

Telefone n. 2

E. F. L. — EST. DO RIO

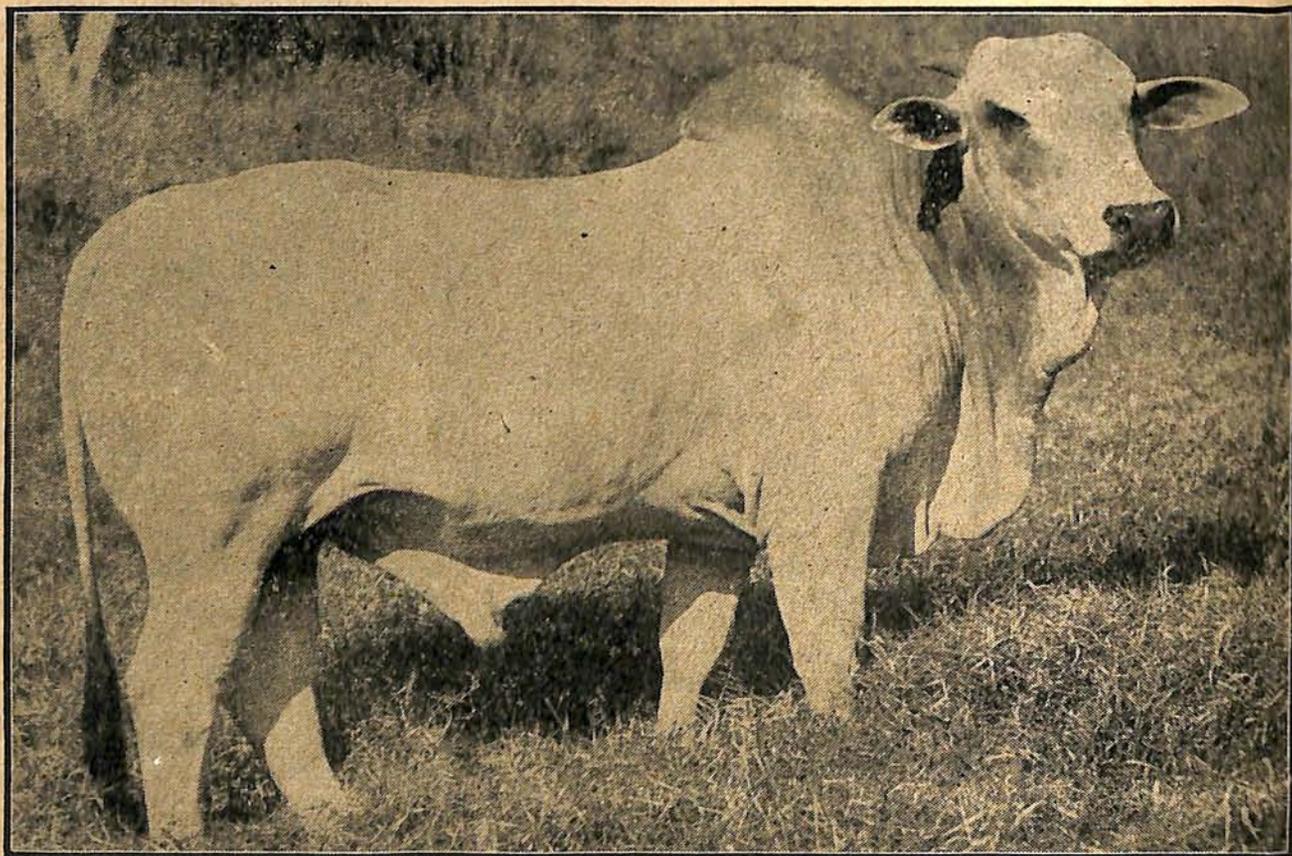
T H E O D O R O E D U A R D O D U V I V

Avenida Graça Aranha, 57 - 5.º andar - Telefones 42-0463 e 47-4261

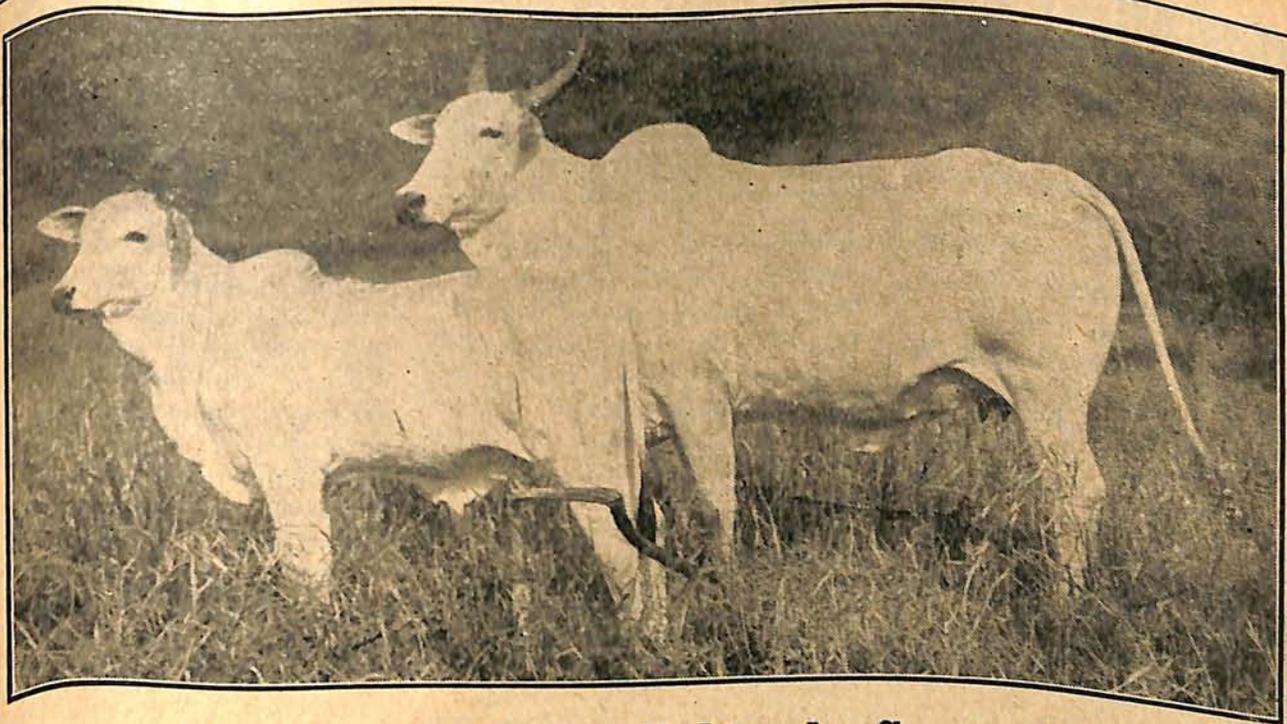
Rio de Janeiro

»»»
"NATAÇÃO, R. G. 1650", filha de "EXITO, R. G. 142" que é filho e neto do importado "MAE"
pé o seu bezerro "BALUARTE IIº DE SANTA AMINTA" que é filho de "BALUARTE, R. G."
çador Nelore de todos os tempos e, por sua vez, filho do importado "SHEIK"
»»»

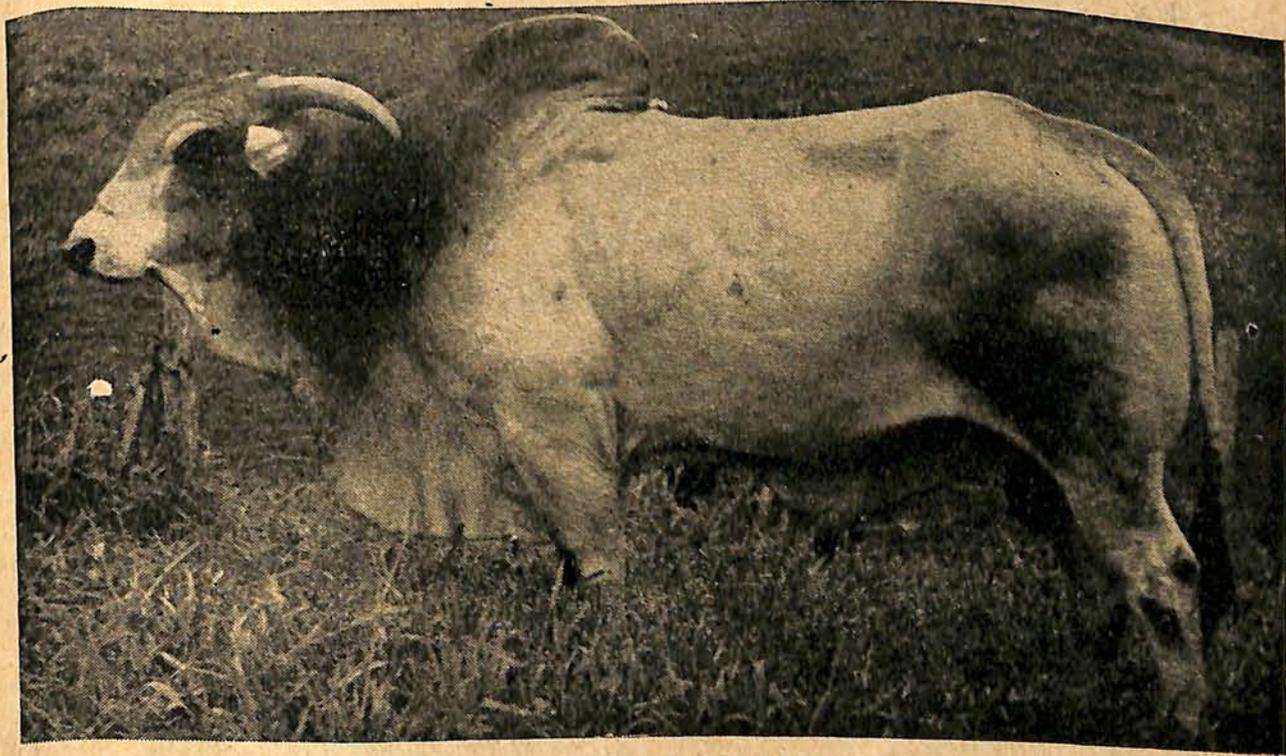
Um grande reprodutor Nelore que já se impôs, ante



Um excelente reprodutor não necessita apenas sêr um belo animal, p
Os nossos "pedigrees" de 5, 6 e mais gerações conhecidas, remontando aos
E. do Rio, a mais antiga do Brasil,



têr seus produtos nascidos: «Fakir de Santa Aminta»



Verda: "FAKIR DE SANTA AMINTA", aos 14 meses, já consagrado pelos mais famosos neloristas do país co-
 Bezerro "Revelação", a mais alta expressão da Raça Nelore! Cinco dos mais adiantados criadores de Nelore, fi-
 mos, por ele, vultosas ofertas, chegando uma delas à elevada cifra de Cr\$ 500.000,00! É filho do incomparavel
 CARTE, R. G. 9" e de "NATAÇÃO, R. G. 1650", vendo-se ambos fotografados nestas paginas. "FAKIR DE
 SANTA AMINTA", começará a servir em setembro de 1953, num magnífico lote de novilhas.

tambem, e sobretudo, têr uma ascendência que garanta a sua descendência.
 as importados da India e baseados na secular e tradicional seleção de Nelore do
 maior garantia de pureza de nosso gado.

ADUBAÇÃO RACIONAL DOS AMBIENTES AQUÁTICOS

Em certas regiões dos Estados Unidos da América do Norte, já se tem conseguido aumentar, de maneira apreciável, a produção de espécies de peixes comestíveis, com o emprego de adubos químicos e de origem animal.

2. A Divisão de Caça e Pesca, do Departamento Nacional da Produção Animal, já deu início aos estudos necessários, principalmente no notável campo experimental que, nesse particular, já existe na Universidade Rural, (Km. 47 da Rodovia — Rio São Paulo) visando tirar conclusões sobre as melhores, mais eficientes e econômicas fórmulas de adubação a serem usadas em nosso País.

3. Para se compreender o limite do emprego da adubação química e de origem animal, nas águas reprezadas existentes em nossas propriedades rurais é preciso, inegavelmente, conhecer os efeitos de sua ação em tais ambientes aquáticos.

4. E' claro que quaisquer das espécies em criação no Brasil, tais como, Tucunaré, o Apaiari, o pescado branco, o Pirarucú e o BASS, precisam, para crescer normalmente de proteínas, de gordura, de hydratos de carbono e de sais minerais, elementos esses que elas obtêm comendo insetos, vermes, crustaceos, outros peixes e zoo-plancton microscópico.

5. O plancton, por sua vez, alimenta-se de bactérias e organismos vegetais microscópicos, cujo desenvolvimento se verifica pela absorção de diversos elementos, tais como: carbono, oxigênio, fosforo, sais minerais e outros, que são encontrados, principalmente, nos fertilizantes de origem química.

6. Assim quando se aduba um ambiente aquático, não se faz com o fim de virem os peixes a se alimentar diretamente dos fertilizantes usados, pois que os

ASCÂNIO DE FARIA

Tec. de Caça e Pesca

mesmos, antes de servir de alimento para os habitantes do ambiente aquático, devem sofrer uma série de transformações nos organismos inferiores, plantas ou animais microscópicos. E' preciso se acentuar, pois, que a única virtude dos fertilizantes é de concorrer para o desenvolvimento dos organismos vegetais microscópicos que servirão, por sua vez, de alimento para os organismos animais. A multiplicação dos organismos vegetais microscópicos depende, além disso, de vários fatores, entre os quais se destacam a temperatura da água dos ambientes e a inten-

sidade da luz.

7. A zona de superfície favorável ao crescimento de fito organismo ou plantas aquáticas varia de 1 a 6 metros, conforme seja a água fortemente colorida ou transparente. Assim é provável que, nesses ambientes em que as águas se apresentam fortemente coloridas, o emprego de adubos químicos não aumentará sensivelmente, sua produtividade considerando ser fraca a intensidade luminosa, em profundidade de energia luminosa necessária ao desenvolvimento das algas.

8. Isto quer dizer que qualquer adubação deve ser precedida de estudos das condições físicas, químicas e biológicas dos ambientes aquáticos.

(Do S. I. A.)

Manual do Criador de Bovinos

5ª Edição

Nicolau Athanasoff

820 páginas — Ilustrado

Edições Melhoramentos

Em edição revista e consideravelmente aumentada, o conhecido especialista em assuntos de zootecnia especial, como professor que foi da famosa Escola Agrícola "Luiz de Queiroz", volta a auxiliar prestimosamente aos estudiosos e aos pecuaristas de todo o Brasil.

Só o fato de chegar o volume, após tão breve tempo do seu aparecimento original, á quinta edição, é um depoimento precioso em favor de suas qualidades. Acresce o fato de que ele ganhou nesta quinta edição característica e credenciais novas que nas suas mais de oitocentas páginas prestam os mais valiosos ensinamentos entre os múltiplos problemas que assobram o criador nacional.

O livro não cuida só do boi e das molestias que o afligem e

seus remédios. Dedicar a primeira parte do livro á fazenda de criar; a segunda, aos tipos e raças do gado bovino, a terceira, alimentação dos animais, a quarta, aos cuidados com criação, vendo outras partes que elucidam como se obter maior rendimento do bovino para corte e para a produção de leite e para o trabalho na propriedade rural. A higiene e moléstias também são objetos de acurados estudos, desenvolvidos sempre em linguagem clara e acessível, sem o mínimo prejuizo para os ensinamentos que proporciona.

Ilustrações numerosas, claramente obtidas sempre que possível em ambiente natural e que focizam problemas nacionais tornam muito mais valioso o trabalho, recebido com vivo entusiasmo por quantos se acercam da fonte de produção e também de cuidados que é a pecuária.

Em tôdas as livrarias ou Serviço de Reembolso Postal Edições Melhoramentos — Caixa Postal 8.120 — São Paulo.

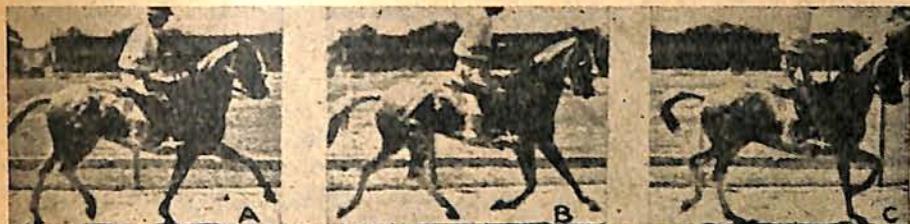


FIG. 1 — Fases características do trote normal — A: apóio diagonal direito; B: período de suspensão; C: apóio bipedal diagonal esquerdo.

Durante muitos anos, o único meio para o estudo e interpretação do deslocamento do cavalo foi a visão e, justiça seja feita, os observadores de então, muito fizeram, lançando as bases dessas observações.

Posteriormente, foram ideados aparelhos diversos, que serviram para confirmar ou modificar opiniões anteriores. Contudo, somente com o advento da fotografia e posteriormente da cinematografia, é que ficou a questão definitivamente solucionada.

A câmara lenta esmiuça, de um modo fantástico, tudo quanto o animal possa fazer, e assim deve ser o assunto estudado cientificamente em nossas Faculdades.

O Departamento de Zootecnia Especial e Exterior dos Animais Domésticos, da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, possui de acôrdo com as normas que sue uma coleção completa de filmes, em câmara lenta, não só dos andamentos considerados normais, como da marcha do ca-



FIG. 2 — Fases características do trote alongado — A: apóio bipedal diagonal direito; B: período de suspensão; C: apóio diagonal esquerdo.

valo mangalarga, de saltos sobre barreiras e de extensão e ainda andamentos da alta escola, como o "piaffer", "passage", passo espanhol, etc.

Esses filmes, foram, alguns, cuidadosamente examinados e possuímos já publicadas observações não só sobre o passo, trote, galope, andadura e saltos, como sobre a "marcha".

Essas observações abordam o assunto sob o ponto de vista científico e massante seria pretender que fossem assim encaminhadas aos criadores.

O nosso desejo no momento, de acôrdo com as normas que nos propuzemos seguir, é tratar

do mesmo caso, de modo simples e claro, para que tantos possam aproveitar.

* * *

Os diferentes modos de locomoção dos animais recebem o nome de andamentos.

Para que um sêr possa se locomover é necessário fazer com que seus músculos se contraiam

e se distendam, de modo a levar, óra para frente, óra para trás, ou para os lados, os seus membros, deslocando assim os raios ósseos, constituídos pelo esqueleto dos membros.

A fisiologia da locomoção, não deve ser aqui abordada por ser assunto técnico.

A origem da locomoção reside anterior, do pescoço e cabeça, na necessidade que tem o animal de modificar a base de sustentação — que é o espaço compreendido entre os membros que tomam apóio no solo — para que o corpo não caia, visto como a locomoção nada mais é, na feliz comparação de Dugés, do que uma queda indefinida prolongada.

Para se compreender este fato, devemos lembrar que o cavalo, como todos os animais e tôdas as cousas, tem um ponto imaginário em seu corpo ou em seu interior, que recebeu o nome de centro de gravidade. Esse centro estaria localizado em determinada região, dividindo no cavalo, o trem anterior e poste-

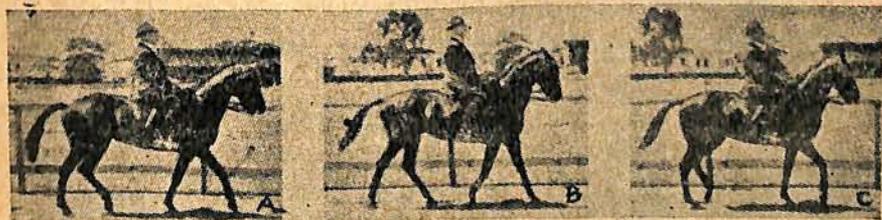


FIG. 3 — Fases características do trote curto — A: apóio bipedal diagonal direito; B: período de apóio quadrupedal; C: apóio bipedal diagonal esquerdo.



FIG. 4 — Fases características da andadura — A: apóio bipedal lateral esquerdo; B: apóio bipedal lateral direito.

rior, não perfeitamente ao meio.

A' simples observação de um animal, com a presença, no trem anterior, do pescoço e da cabeça, partes não compensadas no trem posterior, faz com que deduzamos que o centro de gravidade, no cavalo, não se coloca no meio do tronco, mais sim mais próximo dos membros anteriores do que dos posteriores.

O equilíbrio do animal é estável, isto é, ele permanece de pé e parado, sempre que uma linha, também imaginária, traçada do centro de gravidade ao solo, venha cair dentro da base de sustentação.

Os movimentos da cabeça e pescoço para frente, para baixo, para trás ou para os lados, assim como todos os movimentos do animal, inclusive os deslocamentos das vísceras, altera a posição do centro de gravidade em direção semelhante e, sempre que essa linha fôr deslocada de modo a cair fora da base de sustentação, o animal é obrigado, instintivamente; a mudar de base para que possa recolocar a linha de gravitação dentro da nova base de sustentação. Ele inicia então, o andamento.

E' este o fenômeno da marcha, descrito de modo simples.

Para compreendermos quais os andamentos possíveis de serem executados e como são agrupados, imaginemos os 4 membros deslocando-se combinados dois a dois, sempre, logicamente, um anterior e um posterior. Se tal combinação fôr feita em lateral, isto é, os animais elevam e põem ao solo, ao mesmo tempo, ou mais ou menos ao mesmo tempo, um anterior direito com um posterior direito, teremos um andamento lateral, que

recebeu o nome de "andadura". Dêste modo, vemos que "andadura" é uma modalidade de locomoção e, em Exterior, não deve ser interpretada como sinônimo de andamento.

Se tal associação se fizer em membros diagonais, de modo que o anterior direito se combine com o posterior esquerdo e o anterior esquerdo com o posterior direito, teremos o "trote".

Há ocasiões em que dois membros se associam em diagonal, enquanto outros dois se dissociam. Temos então o "galope", em que se nota, como veremos, um apoio associado diagonal entre os apoios dissociados, um posterior e outro anterior.

Se houver apoio de cada membro de per si, sob associações, teremos o "passo".

Dessas 4 modalidades de andamento, as três últimas, isto é o trote, o galope e o passo, são consideradas por todos os autores como naturais no cavalo, pois ele as executa naturalmente, enquanto que a andadura é tirada por outros, como adquirida após um adestramento.

Antes de iniciar o estudo de cada modalidade, é necessário lembrar ainda algumas denominações, que faremos conjuntamente com sua explicação:

Apoio monopodal, bipedal, tripodal ou quadrupedal: — significa um momento em que o animal

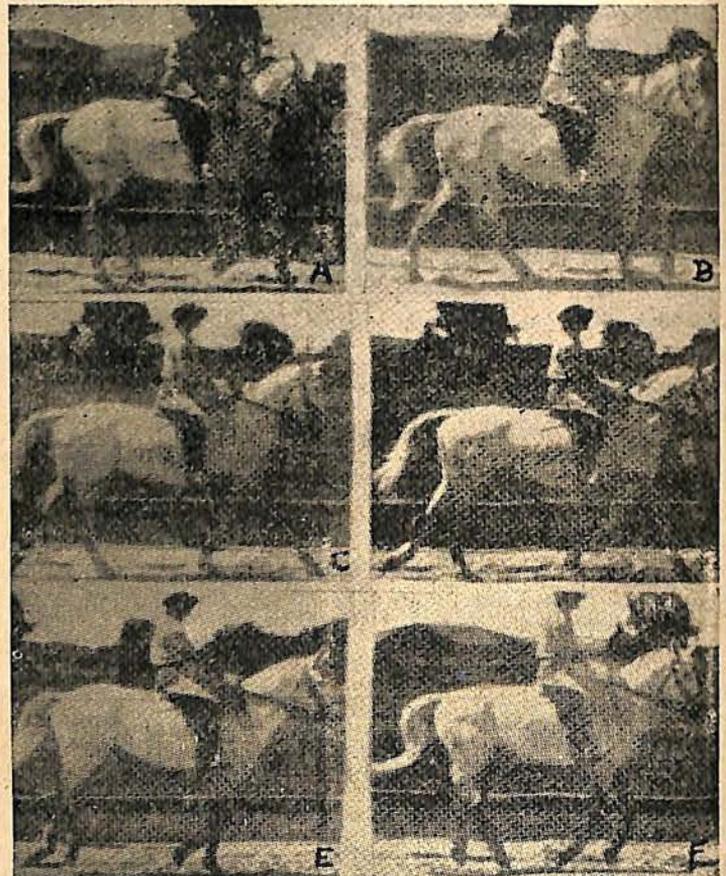


FIG. 5 — Fases características do galope. A: apóio monopodal posterior esquerdo; B: apóio tripodal anterior esquerdo; C: apóio bipedal diagonal esquerdo; D: apóio tripodal posterior esquerdo; E: apóio monopodal anterior direito; F: período de suspensão. — Nota: observe-se a disposição dos membros durante a fase de suspensão do galope (fig. 3-F). Todos se encontram flexionados sob o corpo e esta flexão aumenta a medida que aumenta a velocidade do andamento. Assim, no galope de corrida, os quatro membros posteriores distendidos para a frente e os posteriores para trás, como que se cruzam com o corpo. Nunca notaremos os membros assim mostrados as figuras e esculturas antigas que representam esses animais em uma fase não existente no galope dos cavalos.

mal tem 1, 2, 3 ou os 4 membros em contacto com o solo.

Apio bipedal, diagonal e lateral: — significa um apio de dois membros diagonais ou laterais, associados. Ele é direito ou esquerdo, de conformidade com o membro anterior que estiver em apio no solo.

Apio tripedal anterior e posterior: — o apio é tripedal anterior, quando os dois membros posteriores estiverem em apio conjuntamente com um anterior. Será direito ou esquerdo, também de conformidade com o membro anterior em apio.

E' tripedal posterior se estiver com dois membros anteriores em contacto com o solo e mais um posterior, que dará agora o nome à fase, de direito ou esquerdo.

Andamento marchado: — é aquele em que, durante tôdas as suas fases, há sempre um ou mais membros em contacto com o solo.

Andamento saltado: — quando, em determinada fase do andamento, houver um período de suspensão, ou seja, um momento em que o animal está suspenso, sem haver membro algum em contacto com o solo.

Pegada: — rastro deixado pelo membro, ao abandonar o solo.

Pista: — sequência de pegadas.

Andamento, a 2, 3 ou 4 tempos: — Esses andamentos estão classificados de acôrdo com o ruído perceptível durante a realização de um passo completo, verificado no momento em que começou o passo volta ao solo pela primeira vez, após o seu elevar inicial.

Quando se ouvem dois ruídos,

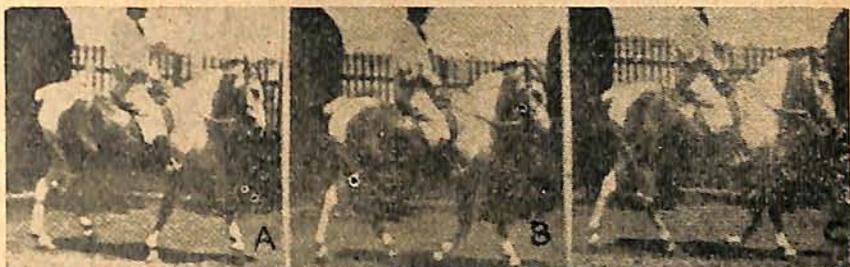


FIG. 7 — Fases características da marcha trotada — A: Apio bipedal diagonal direito; B: apio bipedal esquerdo; C: apio tripedal esquerdo. — NOTA: nesse andamento, muitos exemplares examinados apresentaram uma fase de apio posterior, entre os apios bipedais diagonais e laterais, devido a uma elevação antecipada do membro anterior que formava a base diagonal ou demora do posterior. Como exemplo e para elucidar, examine-se a fig. 5-A. Vemos o membro anterior direito em apio, conjuntamente com o posterior, esquerdo. Esse membro anterior, em muitos casos, eleva-se antes da queda do anterior esquerdo que se verifica em B, para formar a base lateral, originando o apio monopodal referido. Em outros casos, os apios lateral e diagonal se seguem sem período tripedal e isto se nota quando o membro posterior cãe ao mesmo tempo do elevar de seu congênere que já se encontrava no solo. Para exemplificar examinemos a fig. 5-B, onde notamos o membro posterior esquerdo em apio e o direito ainda em suspensão posterior direito já fez seu apio e o esquerdo continúa no solo, se são, mas próximo do solo. Na fig. 5-C, notamos que esse membro bem que iniciando seu elevar. Isto caracteriza, como vimos, a base de apio tripedal. Contudo, seu membro posterior esquerdo se eleva ao mesmo tempo que o direito toma apio, desfaz-se a base tripedal e, do apio diagonal, passamos para o lateral. A "marcha", à medida que se aproxima da andadura, tem bases laterais mais demoradas e, às vezes, mesmo as tripedais e monopedais. À medida que avança para o trote, notamos apios diagonais mais demorados com tendência ao desaparecimento das fases laterais.

chamados batidas, será um andamento a dois tempos e isto se verifica normalmente no trote e andadura. A três tempos será o caso de 3 batidas distintas, como no galope normal e a 4 tempos, no caso do passo, em que cada membro faz ouvir sua batida espaçada e nitidamente.

Para não complicar o estudo atual, que deve, antes de mais nada, ser simples, o que constitui, não há dúvida, séria dificuldade, desde que o assunto como o presente, é de natureza técnica, deixaremos de lado a representação gráfica dos andamentos — a no-

tação — apresentando ao invés dela e após termos definido a modalidade de andamento em questão e dado sua explicação, uma série de fotografias originais colhidas dos filmes que possuímos, fotografias essas que focalizam cada fase característica e diversa do andamento.

TROTE — andamento normalmente saltado, mais ou menos rápido, a dois tempos, em diagonal, de modo ao animal saltar de um bipede diagonal a outro.

Dissemos ser normalmente saltado e, neste caso, deve apresentar um período de suspensão.

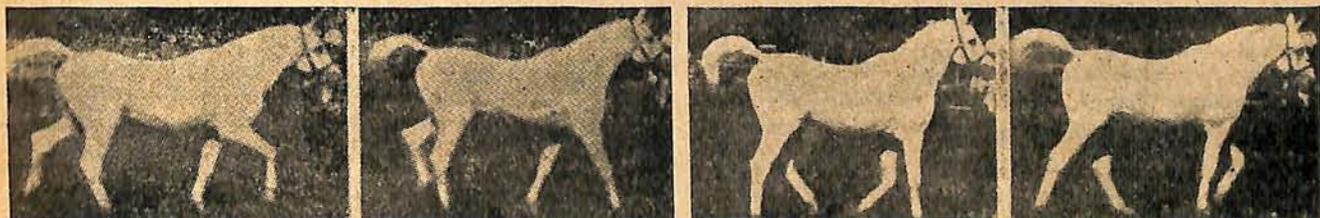


FIG. 6 — Fases características do passo — A: apio bipedal diagonal esquerdo; B: apio tripedal posterior direito; C: apio bipedal lateral direito; D: apio tripedal anterior direito.

No trote, podemos reconhecer três modalidades principais: um trote normal, tal como o descrevemos e cuja sequência, nas fases de apoio é observada pela (fig. 1 — A, B e C); um trote alongado, mais rápido (fig. 2 — A, B e C) com período de suspensão prolongado e grandes passadas, de modo à pista ser dupla, desde que a pegada do membro posterior — contrariamente ao que acontece no trote normal, que cai sobre a do anterior, formando uma pista simples — vai fazer seu apoio adiante da do anterior; e um trote curto, lento, que pode se tornar marchado e então há desaparecimento do período de suspensão substituído por uma fase de apoio quadrupedal, isto é, os 4 membros estarão em contacto com o solo. (fig. 3 — A, B e C).

Há ainda o trote dissociado, e isto se verifica quando os membros diagonais não caem e se elevam ao mesmo tempo, notando-se a queda antecipada de um deles sobre o outro. E' o que se percebe, por exemplo, no trote de corrida, "flying trot" dos ingleses.

ANDADURA — Andamento normalmente marchado, curto, mais ou menos rápido, a dois tempos, lateral, sem contudo existir perfeita sincronização na queda e elevar dos membros associados lateralmente.

A Fig. 4 — em A e B mostram os apoios que caracterizam o andamento.

Dissemos ser normalmente marchado, pois que também nesse andamento há uma modalidade saltada, "pacing" dos ingleses, existindo até animais especialmente adestrados, que correm atrelados.

GALOPE — Andamento saltado, rápido, normalmente a 3 tempos, em diagonal.

O início do galope, como vemos na (Fig. 5 — A), se faz com a queda de um membro posterior que é o oposto ao último anterior que deixa o solo e que dá o nome ao galope (galope à direita ou esquerda). Após esse

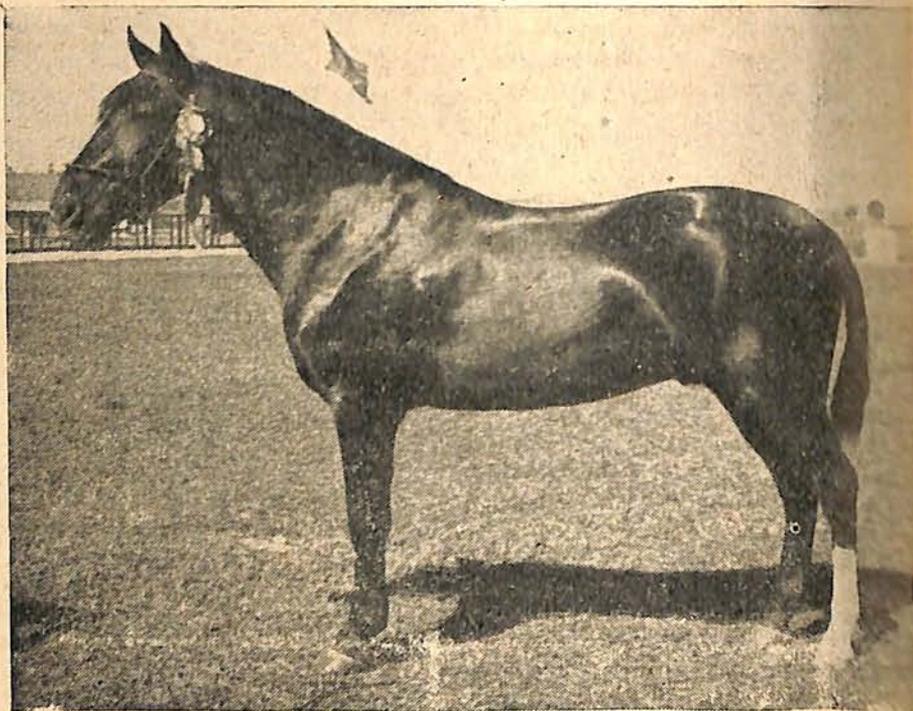
queda de um bipede diagonal, ficando o animal em fase de apoio tripedal anterior (fig. 5 — B), no caso esquerdo. Em seguida levanta-se o posterior que iniciou o passo, ficando o animal em apoio diagonal (fig. 5 — C), que no caso é esquerdo. Cai, depois, o membro anterior que ainda não tomou apoio, seguindo-se nova fase de apoio tripedal (fig. 5 — D), agora posterior direita. Os membros diagonais se elevam, e a última fase do andamento antes da suspensão, é dada por um apoio monopodal anterior (fig. 5 — E), que no caso é di-

teriores e posteriores, ora bipedais laterais. O exame da fig. 6 — A, B, C. e D, exemplifica este fato.

* * *

Não podemos deixar de dizer alguma coisa sobre o modo de andar de nossos cavalos mangalarga, que devido a razões que não nos compete averiguar neste momento, continua a ser conhecida sob a denominação "marcha".

Já nos manifestamos a respeito e dissemos que esse andar não caracteriza o cavalo mangalarga.



Um grande marchador da Raça Mangalarga e padreador de um haras mineiro.

apoi monopodal, segue-se a reito, caracterizando um galope à direita.

No galope de corrida, há uma antecipação na queda do membro posterior que, no galope normal, vem conjuntamente com o anterior e forma a fase tripedal. Esse fato faz com que tal fase deixe de aparecer, no galope de corrida, cuja sequência de apoio é dada sempre sobre um e dois membros.

PASSO — E' um andamento marchado, lento, a quatro tem-

pos com apoios ora bipedais

Esse equino, como todos os outros, pode efetuar, desde convenientemente adestrado, desde que equilibrado, qualquer andamento. Não devemos esquecer o que dissemos de início, isto é, que o trote, o galope e o passo, são andamentos executados naturalmente pelos equinos e mangalarga é um equino.

Iriamos longe demais se continuássemos a abordar este ponto de vista. Contudo, o que parece conveniente, para que

Conferência Rural Nacional, no Estado do Paraná

dos os criadores dessa raça nacional fiquem satisfeitos, é que se tente a subdivisão do mangalarga em dois grupos, um exclusivamente marchador, de passeio e outro verdadeiramente de sela, de esporte, de guerra, no qual a marcha trotada poderia ser obtida, para maior comodidade do cavaleiro.

Isto mais se justifica, desde que, nas Exposições de animais, os criadores que expuzerem crioulos marchadores, verão que os mesmos podem ser desclassificados, uma vez que os juizes julgaram os exemplares como cavalos de sela, de esporte e de guerra, onde a marcha legítima não pode ser tolerada.

O estudo da "marcha" é complexo, se bem que já se o tenha terminado em nossa Faculdade. É árido e pouco interessado despertaria aos criadores se nele nos aprofundássemos.

Daremos, contudo, algumas noções gerais, iniciando por definir o andar e dizendo que estamos autorizados a interpretá-lo, diante das observações de cerca de 50 animais filmados em

câmara lenta, como um andamento de transição entre a andadura e o trote, possuindo todos os intermediários e podendo chegar a um trote marchado. Há os mangalargas trotadores, e a grande maioria deles pode tomar esse andar, pois que a marcha legítima ou propriamente dita e a marcha trotada, são andamentos, na maioria dos casos executada no animal, após adiestramento, ou artavés das rédeas, das pernas do cavaleiro, ou do modo de montar.

A sequência do apoio da "marcha" é a que se encontra na fig. 7, que localiza a marcha trotada de um dos melhores exemplares de cavalo mangalarga, aparecidos em nossas Exposições de Animais.

Devemos notar que as fotografias que ilustram esse trabalho, todas originais como dissemos, caracem um pouco de nitidez, e isto se deve ao fato de terem sido apanhados de filmes com velocidade de 64 imagens por segundo, em câmara lenta, portanto, cuja exposição já por si é comprometida.

(Da Rev. "Cavalo Mangalarga").

ZEBÚS NO RIO GRANDE

Em meados deste ano, em Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul, houve um interessante certame pecuário, em que alguns exemplares zebús se constituíram das principais atrações.

Na exposição em apreço, promovida pela Associação Rural de S. Lourenço do Sul, de que é presidente o sr. Damasio Evaristo Soares, um dos maiores propagandistas e propagadores do zebú nas plagas gaúchas, foi apresentado um excelente espécime da raça Gir — ALUÁ, registrado, propriedade do sr.

Aires Schild Ferreira, ao qual coube a Taça «Sociedade Rural do Triângulo Mineiro», instituída pela entidade que nos patrocina. Ali apareceu, também, a excelente reprodutora zebuina — GAUCHA, a qual coube um prêmio ofertado pela Revista «Zebú» e de propriedade do sr. Wilmar Braga.

O certame contou com a presença do Governador Ernesto Dorneles e foi o início promissor de uma série que, mandam dizer-nos de lá, prosseguirá pelos anos em fóra.

Por incumbência da Confederação Rural Brasileira e sob o alto patrocínio da Comissão de Comemorações do Centenário do Paraná, a Federação Paranaense de Associações Rurais vai promover a realização de uma Conferência Rural Nacional, segunda da série iniciada, no ano passado, pela máxima entidade ruralista do País.

Da referida conferência deverão participar representantes das organizações rurais de todos os Estados, Territórios e do Distrito Federal.

A sua realização está prevista para o período de 6 a 10 de dezembro do corrente ano, fazendo parte integrante do programa de comemorações do Centenário da emancipação política daquele Estado.

De um modo geral, a Conferência tratará dos problemas da vida rural brasileira, sob três de seus aspectos mais atuais:

- educação rural;
- economia rural; e
- política rural.

Para que o Paraná possa figurar com o máximo dos trabalhos que serão debatidos pelos ruralistas do Brasil, serão organizadas, oportunamente, comissões técnicas, para o que está sendo solicitada a colaboração de associações profissionais, de instituições assistenciais e órgãos dos serviços públicos, e cujos representantes poderão discutir em comum as questões que se lhes apresentarem ou forem sugeridas, preparando desse modo um ambiente propício à provável solução de alguns problemas que ora afligem o nosso homem rural.

MOVIMENTO DE MATANÇAS E EMBARQUES DE GADO BOVINO EM BARRETOS DURANTE O ANO DE 1952

EMBARQUES

MATANÇAS

MESSES	Frigorífico Anglo	Charqueada Bandeirante	Charqueada Minerva	Matadouro Municipal	SOMA	Barretos	Palmar	Columbia	SOMA
Janeiro	7.176	—	—	173	7.349	4.563	970	—	5.533
Fevereiro	16.159	—	—	270	16.429	6.633	1.627	—	8.260
Março	21.498	—	—	321	21.819	7.911	2.293	1.358	11.562
Abril	23.848	—	—	302	24.150	11.439	3.103	704	15.246
Maior	23.089	1.811	—	344	25.244	10.493	5.933	1.107	17.533
Junho	22.660	4.315	—	306	27.281	4.269	3.994	467	8.730
Julho	16.898	2.574	—	329	19.801	3.694	3.041	150	6.885
Agosto	10.832	914	—	260	12.006	2.552	4.647	144	7.343
Setembro	4.115	1.083	—	236	5.434	2.546	719	—	3.265
Outubro	4.561	1.120	—	175	5.856	128	200	—	328
Novembro	3.912	1.305	—	85	5.302	2.008	237	1.977	4.242
Dezembro	11.761	983	—	80	12.824	724	138	477	1.339
TOTAL	166.509	14.105	—	2.881	183.495	56.960	26.902	6.404	90.266

Nota: Os embarques acima referem-se às estações da Paulista no município de Barretos.

Ha gado embarcado em Mandembo, município de Bebedouro — 2.910 cabeças.



REGULAMENTO DO SERVIÇO DE REGISTRO GENEALÓGICO DAS RAÇAS BOVINAS DE ORIGEM INDIANA

APROVADO PELA SOCIEDADE RURAL DO TRIANGULO MINEIRO EM ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINARIA DE 6 DE SETEMBRO DE 1942 E MODIFICADO PELAS ASSEMBLEIAS GERAIS EXTRAORDINARIAS DE 16 DE JANEIRO DE 1944, 22 DE NOVEMBRO DE 1947 E 13 DE JANEIRO DE 1952. — APROVAÇÃO E MODIFICAÇÃO HOMOLOGADAS PELO DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO ANIMAL.

CAPITULO I

DO SERVIÇO DE REGISTRO GENEALÓGICO E SEUS FINS

Art. 1º — O Serviço de Registro Genealógico (S. R. G.) das Raças Bovinas de Origem Indiana Gir, Nelore, Guzerá e Indubrasil, será mantido pela Sociedade Rural do Triângulo Mineiro (S. R. T. M.), com sede na cidade de Uberaba, Estado de Minas Gerais, em virtude do acôrdo firmado em 26 de Novembro de 1936, entre o Ministério da Agricultura e a mesma Sociedade e funcionará de conformidade com as prescrições do presente Regulamento.

Art. 2º — Por fôrça do acôrdo referido no artigo anterior, toda organização, livros e arquivos do S. R. G. ficarão a cargo da S. R. T. M. que responderá pela exatidão dos registros que efetuar e das certidões que expedir.

Art. 3º — O Serviço de Registro Genealógico (S. R. G.) terá por fim:

- a) — Proceder ao registro das raças de origem indiana Gir, Nelore, Guzerá e Indubrasil, instituindo para êste fim registros distintos para cada uma delas;
- b) — Promover, pelos meios ao seu alcance, o desenvolvimento, o melhoramento e a padronização das raças;
- c) — Manter a fiscalização sistemática em todas as fazendas que tenham animais registrados, para efeito da garantia de perfeita identidade dos reprodutores;
- d) — Resolver todas as questões que se apresentarem referentes ao seu funcionamento, com recurso voluntário para o Ministério da Agricultura, por intermédio do D. N. P. A.;
- e) — Colaborar com os poderes públicos em todos os problemas nacionais atinentes à pecuária.

Art. 4º — A S. R. T. M., como

pessoa jurídica de direito privado, responderá pelo Serviço de Registro Genealógico (S. R. G.).

Art. 5º — A S. R. T. M. firmará em nome do S. R. G. acôrdos com os govêrnos, sociedades e particulares para cumprimento da letra "e" do artigo 3º.

Art. 6º — O S. R. G. terá a seguinte organização:

- a) — Diretoria do Serviço de Registro Genealógico (D. S. R. G.);
- b) — Conselho Diretor do Serviço de Registro Genealógico (C. D. S. R. G.);
- c) — Comissão Fiscal do Serviço de Registro Genealógico (S. F. S. R. G.).

Art. 7º — A D. S. R. G. será composta de quatro membros, a saber: DIRETOR, VICE-DIRETOR, SECRETARIO E TESOUREIRO.

§ único — Todos os membros do S. R. G. serão nomeados pela Diretoria da S. R. T. M.

Art. 8º — A duração do mandato da D. S. R. G. será a mesma da Diretoria da S. R. T. M., podendo ser reconduzida.

Art. 9º — O S. R. G. será dirigido pela D. S. R. G., sendo que toda a organização técnica ficará sob a responsabilidade do C. D. S. R. G.

Art. 10º — Incumbe à D. S. R. G. a dirigir e administrar o S. R. G., cumprindo e fazendo cumprir o Regulamento, de acôrdo com a seguinte distribuição:

I — Ao DIRETOR compete:

- a) — Representar a D. S. R. G. nos atos normais;
- b) — Presidir as sessões da D. S. R. G. e as das Comissões do C. D. S. R. G., tendo voto de desempate;
- c) — Apresentar e subscrever o relatório anual dos trabalhos e as respectivas contas à C. F. S. R. G., para exame definitivo em assembleia.
- d) — Autorizar o pagamento das contas do S. R. G. devidamente processadas e as

despesas do expediente e assinar os cheques respectivos;

- e) — Tomar conhecimento de todos os trabalhos do S. R. G. providenciando para o seu regular funcionamento;
- f) — Consultar compulsoriamente às Comissões do C. D. S. R. G., tratando-se de assunto técnico;
- g) — Convocar as Comissões do C. D. S. R. G. presidindo suas reuniões, as da D. S. R. G. e da C. F. S. R. G.;
- h) — Fixar as datas das reuniões da D. S. R. G. e do C. D. S. R. G.;
- i) — Visar os certificados genealógicos;
- j) — Visar os documentos assinados pelo tesoureiro, relativos à vida financeira do S. R. G.;
- l) — Nomear e demitir os funcionários do S. R. G., "ad-referendum" da Diretoria da S. R. T. M.;
- m) — Designar os membros das Comissões Julgadoras;
- n) — Receber os recursos dos criadores e dos membros das Comissões de Julgamento, encaminhando-os ao C. D. S. R. G.;

II — Ao VICE-DIRETOR compete:

- a) — Na ausência do Diretor, substituí-lo em todas as suas atribuições.

III — Ao SECRETARIO compete:

- a) — Colaborar na orientação dos serviços da Secretaria e atender às suas necessidades;
- b) — Cooperar especialmente nos trabalhos de expediente, podendo assinar a correspondência que não exigir ou não tiver a assinatura do Diretor;
- c) — Conferir e assinar, com o Diretor, as atas das sessões do D. S. R. G.;
- d) — Redigir ou fazer redigir a

- correspondência do S. R. G.;
- e)—Lavar ou fazer lavar as...
- f)—Assinar os S. R. G.;
- g)—Assinar os certificados de registro genealógicos;
- h)—Zelar pela boa ordem dos serviços da Secretaria, seu arquivo e expediente;
- i)—Preparar o material das sessões do C. D. S. R. G.;
- j)—Secretariar as sessões da D. S. R. G. e da C. F. S. R. G.;
- k)—Ter a seu cargo e sob a sua fiscalização as publicações relativas ao S. R. G. e sua biblioteca;
- l)—Organizar o relatório dos trabalhos efetuados;
- m)—Assinar, com o Diretor, as notas das sessões do D. S. R. G.;
- n)—Aplicar e fazer observar com absoluto rigor as disposições deste Regulamento, organizando os serviços de acordo com a D. S. R. G., para a sua boa execução e eficiência;
- o)—Encaminhar à D. S. R. G. os pedidos de inscrição, de transferência e as comunicações de padreações, etc., providenciando em seguida as anotações e expedientes necessários.

IV—Ao TESOUREIRO compete:

- a)—Arrecadar a receita e ter sob sua guarda e responsabilidade todos os títulos e valores do S. R. G.;
- b)—Assinar os cheques, providenciar as contas e executar as despesas devidamente autorizadas pelo Diretor do S. R. G.;
- c)—Apresentar, sempre que solicitado pela Comissão Fiscal e pela D. S. R. T. M., balancetes e demonstrações da vida financeira do S. R. G.;
- d)—Organizar e manter em dia pela forma aconselhável, a juízo da D. S. R. G., a escrituração da Tesouraria.

CAPITULO II

DO CONSELHO DIRETOR DO SERVIÇO DE REGISTRO GENEALÓGICO

Art. 11º — O C. D. S. R. G. será composto de quatro Comissões especializadas, a saber:

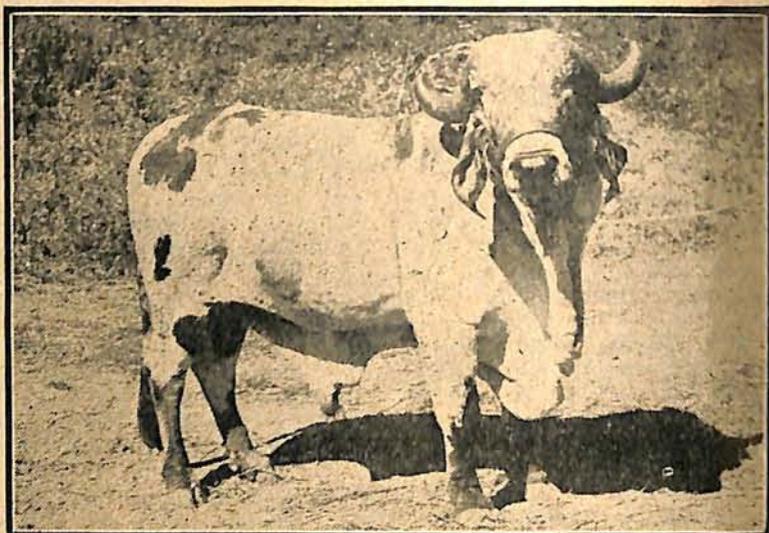
- Comissão da raça Gir;
- Comissão da raça Nelore;
- Comissão da raça Guzerá;
- Comissão da raça Indubrasil;

§ único — Cada Comissão compor-se-á de seis membros, sendo, no mínimo, um técnico da

Estancias Duivivier

AVENIDA GRAÇA ARANHA 57, 5.º ANDAR — RIO DE JANEIRO — BRASIL

O «GUZERÁ» É A RAÇA IDEAL PARA DAR VOLUME E PRECOCIDADE AOS REBANHOS DO SERTÃO!



Este magnifico raçador, marca VR, chama-se CALIFA e é filho de "Girifá" e "Zaga". Está padreando filhas de Maxixe II e "Cajá", este importado.

Visitando a nossa Fazenda "S. Gonçalo", ficareis surpreendidos, ao vêr o que se consegue com uma seleção bem orientada. O nosso Guzerá tem um pêso extraordinário; não têm as fêmeas têtas grandes, nem os machos umbigo exagerado.

FAZENDAS DE CRIAÇÃO: «Fazenda Piabanha» — Estação de Hermogênio Silva — E. F. L. — E. DO RIO. «Faz. São Gonçalo» — Estação de Andrada Silva e — E. F. S. — E. S. PAULO.

Divisão de F. P. A. do Ministério da Agricultura, e os demais, sócios da S. R. T. M., a critério desta e criadores, sendo lícito aos seus membros pertencer a mais de uma Comissão. Na escolha dos membros da Comissão, observar-se-á o critério de nomear-se, sempre que possível, criadores da raça.

Art. 12º — As Comissões do C. D. S. R. G. compete, dentro de suas especialidades:

- a)—Resolver as questões técnicas referentes ao S. R. G.;
- b)—Organizar o padrão das

raças de Origem Indiana;

- c)—Estudar todos os pedidos de inscrição, instruídos com documentos previstos no Regulamento, podendo exigir outros, quando assim o entender;
- d)—Organizar a inscrição reprodutores;
- e)—Inspeccionar o registro vado dos criadores, no nimo uma vez por ano e todas as vezes que julgar veniente, podendo cada missão indicar, além do técnico que dela faz parte,

ou mais técnicos ou criadores idôneos para proceder às referidas inspeções;

f) — Superintender tecnicamente todos os trabalhos do S. R. G. e referentes às raças, notificando à D. S. R. G. as falhas e omissões que encontrar;

g) — Reunir-se em sessão sob a presidência e mediante convocação do Diretor do S. R. G., para resolver a respeito das questões técnicas do Serviço de Registro;

h) — Apresentar à D. S. R. G. as instruções para execução do Serviço de Registro Genealógico, devendo estas serem encaminhadas por intermédio da S. R. T. M. ao D. N. P. A., para fins de aprovação.

Art. 13º — As sessões das Comissões do C. D. S. R. G. funcionarão, no mínimo, com quatro dos seus membros, sob a presidência do Diretor do S. R. G., que, não sendo membro, só terá voto de desempate.

§ único — As sessões das Comissões do C. D. S. R. G. serão secretariadas pelo técnico que das mesmas fizer parte e delas serão lavradas atas em livro próprio, assinadas pelos que as assistirem.

Art. 14º — A C. F. S. R. G. se-

rá composta de três membros, nomeados pela D. S. R. T. M., e será o órgão representante na assembleia geral, nas tomadas de contas da D. S. R. G.

CAPÍTULO III DAS RENDAS

Art. 15º — São rendas do S. R. G.:

a) — Auxílios concedidos pelo Governo Federal por conta dos créditos para tal fim consignados no orçamento do Ministério da Agricultura.

b) — Taxas de emolumentos, multas e demais rendas cobradas de acordo com a tabela e disposições anexas a este Regulamento;

c) — Os recursos fornecidos pela S. R. T. M. que se tornarem necessários à boa execução dos serviços;

d) — Subvenções oficiais;

e) — Rendas eventuais.

Art. 16º — O saldo credor constituirá fundo de reserva e poderá ser aplicado na compra de apólices da dívida ou outros títulos garantidos pelo Governo Federal, em aquisição ou construção de imóveis, ou ficar depositado no Banco do Brasil.

Art. 17º — Poderá ser empregado parte do saldo a que se refere o artigo anterior na impor-

tação de reprodutores para a venda pelo custo aos criadores associados da S. R. T. M., mediante prévio acordo, na instituição de prêmio nas exposições e na representação do S. R. G. nesses certames.

CAPÍTULO IV DOS REGISTROS

Art. 18º — O registro de reprodutores será feito em livros rubricados e encerrados pelo Diretor da D. S. R. G.

Art. 19º — O S. R. G. manterá os seguintes registros genealógicos:

a) — Registro Genealógico da raça Gir;

b) — Registro Genealógico da raça Nelore;

c) — Registro Genealógico da raça Guzerá;

d) — Registro Genealógico da raça Indubrasil;

Art. 20º — O S. R. G. manterá todos os livros genealógicos que se fizerem necessários para os respectivos registros acima referidos.

Art. 21º — O S. R. G. manterá para cada registro a que se referem o artigo 19º e respectivas alíneas três registros, compreendendo:

a) — Registro Provisório;

b) — Registro de Bezerros;

c) — Registro Definitivo;

Art. 22º — Os criadores que inscreverem seus animais no Serviço de Registro Genealógico das Raças Bovinas de Origem Indiana submetem-se, em absoluto, a este Regulamento e às decisões dos órgãos diretores.

§ único — Ficará com seus produtos excluídos do S. R. G. da S. R. T. M. todo aquele que o fizer em registro genealógico congênere e de outras sociedades não filiadas.

Art. 23º — A trinta de agosto de mil novecentos e cinquenta e oito, data em que este Regulamento completará vinte anos, será fechado o registro e só se registrará filho de reprodutores inscritos.

Art. 24º — Será inscrito no Registro Provisório todo animal que tenha sido examinado e aceito pela Comissão de Julgamento e que tenha preenchido as exigências deste Regulamento.

Art. 25º — Todo animal cuja inscrição no Registro Provisório for requerida e que, depois de previamente examinado pela Comissão Julgadora, for por ela aceito, receberá a marca do Serviço de Registro Genealógico com a respectiva numeração na face externa do membro posterior direito e logo acima do jarrete ou garrão, sendo que a numeração

LEIAM, ANUNCIEM, DIVULGUEM, O MENSARIO DOS
PRODUTORES RURAIS:

«MUNDO AGRÍCOLA»

Revista mensal, editada em São Paulo desde Janeiro de 1952, com mais de 120 páginas, redigidas por uma equipe de técnicos, todos agrônomos e veterinários, sob a direção de MARCELO BARBIELLINI AMADEI.

Em todos os números, além de selecionada matéria original, focalizando problemas de grande interesse e atualidade e apontando soluções práticas, numa linguagem acessível, insere as seções especiais:

- * MUNDO ESCOLAR RURAL
- * NO QUINTAL E NO JARDIM
- * MUNDO AGRONOMICO E VETERINÁRIO
- * MUNDO AGRÍCOLA FEMININO
- * CORREIO DO MUNDO AGRÍCOLA
- * MUNDO AVICOLA e CONSULTORIO
- * JORNALZINHO.

A revista agrícola mais completa e bem feita do Brasil. Assinatura anual, apenas Cr\$ 60,00. Número avulso, em todo o Brasil, Cr\$ 6,00.

EDITORA "MUNDO AGRÍCOLA"

Av. São João, 239 — 1ª sobreloja — S. PAULO
(Caixa postal, 5892 — Telegramas: "AGROS")

Sucursais em todos os Estados.

PEÇA UM NÚMERO DE AMOSTRA, GRÁTIS!

será sobreposta à marca do S. R. G.

Art. 26º — Poderá ser inscrito no Registro Provisório o animal que na idade mínima de 30 (trinta) meses satisfizer as exigências regulamentares, uma vez verificado que seu controle de nascimento tenha sido feito.

§ 1º — No caso do animal controlado já ter sofrido a queda das pinças de leite, também poderá ser inscrito no Registro Provisório, mesmo sem os 30 (trinta) meses completos.

§ 2º — Para inspeção e inscrição no Registro Provisório de animais não controlados exigirá-se que tenham pelo menos sofrido a queda das pinças de leite.

Art. 27º — Só poderá ser inscrito no Registro de Bezerros o produto de reprodutores inscritos no Registro Provisório ou no Registro Definitivo.

§ único — No caso de algum criador ter animais registráveis, o S. R. G. poderá aceitar as comunicações de coberturas e nascimentos feitos pelo mesmo, tornando-se válidas si os respectivos pais forem inscritos posteriormente nos Registros Provisório ou Definitivo.

Art. 28º — A Comunicação, feita pelo criador, de nascimento do bezerro, filho de pais registrados e cuja cobertura foi devidamente comunicada, é considerada como o pedido de inscrição no Registro de Bezerros.

Art. 29º — O pedido de inscrição no Registro de Bezerros deverá ser feito dentro do prazo de 30 (trinta) dias após o nascimento do produto.

Parágrafo único — Este prazo poderá ser prorrogado por mais 30 (trinta) dias, pagando, o criador, o dobro da taxa de inscrição.

Art. 30º — O pedido de inscrição no Registro de Bezerros será aceito se não houver divergência entre a comunicação de cobertura e a de nascimento do produto.

§ 1º — A inscrição será feita após exame e marcação pela Comissão de Julgamento que examinará o registro particular do criador, afim de verificar a concordância entre as comunicações de cobertura e os pedidos de inscrição.

§ 2º — O animal assim inscrito no Livro de Bezerros é chamado "CONTRÓLADO".

Art. 31º — Todo bezerro controlado deverá ser marcado, pelo criador, a fogo até 150 (cento e cinquenta) dias após o nascimento, na face externa do membro posterior esquerdo, logo acima do jarrete ou garrão, com o número de ordem que deverá constar de seu registro particular, ou, logo depois de nasci-

do, com tatuagem feita na orelha esquerda, com a mesma numeração acima referida.

§ único — A marcação numérica particular principiará pelo número 1 (um) e será continuada até atingir 9.999 (nove mil novecentos e noventa e nove), devendo obedecer o mais possível à ordem cronológica dos nascimentos.

Art. 32º — As comunicações de coberturas e nascimentos, bem como os pedidos de registro, deverão ser feitos em formulários fornecidos, mediante a taxa de Cr\$ 0,50 (cincoenta centavos), aos criadores pelo S. R. G. e dirigidas a este sob o registro postal.

§ 1º — Serão rejeitadas as comunicações de coberturas e nascimentos e os pedidos de registro que venham com dados insuficientes.

§ 2º — As comunicações de cobertura e nascimento deverão ser feitas à Diretoria do S. R. G. pontual e mensalmente, após a cobertura ou o nascimento.

§ 3º — Não podendo o criador dar com precisão a data das coberturas, conforme o § anterior, enviará à Diretoria do S. R. G.

duas declarações, a primeira comunicando o dia em que determinadas vacas foram soltas no pasto com determinado touro e a segunda, o dia em que o mesmo foi retirado, sendo isto anotado em tinta vermelha no S. R. G.

§ 4º — Nestas declarações não podem faltar os números de registro, tanto das vacas como do touro, além dos outros dados, sem o que não terão valor.

§ 5º — As declarações atrás referidas deverão ser feitas no prazo máximo de 30 (trinta) dias após a soltada e a retirada do touro.

§ 6º — No caso de nascimento de gêmeos, este fato deverá ser especialmente mencionado no pedido de inscrição, citando-se o sexo dos produtos.

§ 7º — As comunicações de cobertura e nascimento e pedidos de registro deverão ser assinadas pelo criador ou seu encarregado autorizado.

Art. 33º — Quando o pai do produto cuja inscrição foi pedida não fôr de propriedade do dono da fêmea, o certificado de cobertura é assinado pelo proprietário do touro.

§ único — No caso do proprie-



CHEGOU A OCASIÃO DE PODAR SEU JARDIM, HORTA OU POMAR

DIERBERGER lembra-o que atingimos a época do ano própria para poda e limpeza de jardins, hortas e pomares e oferece-lhe, com desconto especial, este útil conjunto de 13 artigos que o sr. irá precisar em seus trabalhos.

1) Serra de podar	Cr\$ 25,00
2) Canivetes para enxertos	Cr\$ 50,00
3) Tesoura de podar	Cr\$ 70,00
4) Ráfia	Cr\$ 20,00
5) Cêra para enxertos	Cr\$ 7,00
6) Adubo "Hortodier"	Cr\$ 10,00
7) Fungicida C-O-C-S	Cr\$ 18,60
8) Inseticida sulfato de nicotina	Cr\$ 22,00
9) Hormonio "Seradix"	Cr\$ 25,00
10) Garfo para afofar a terra	Cr\$ 29,50
11) Colher para transplantio	Cr\$ 39,00
12) Vidro de vitamina "Vitaflor"	Cr\$ 25,00
13) Pulverizador "Sears"	Cr\$ 10,00

Bonificação especial 10% Cr\$ 351,10
Cr\$ 35,10

Cr\$ 316,00

As despesas de frete correrão por conto do comprador.

Dirija-se a

DIERBERGER Agro - Comercial Ltda.

Av. Anhangabaú, 392/394 — S. PAULO

C. Postal, 458



tário do touro emprestá-lo a outro criador, este poderá assinar os comunicados de cobertura e aquele comunicará a cessão e o prazo respectivo.

Art. 34º — Só poderá ser inscrito no Registro Definitivo o reprodutor que tiver no mínimo três gerações ascendentes completas inscritas no Registro Provisório e satisfaça as exigências regulamentares.

Art. 35 — O criador receberá certificados de inscrição, emitidos em seu nome, com a relação de seus animais inscritos no Registro Provisório e no Registro de Bezerros, ou, se assim o solicitar, certificados de Registro ou Genealógicos, que são individuais.

§ 1º — A primeira via dos certificados de inscrição será fornecida gratuitamente.

§ 2º — Os certificados Genealógicos e de Registro serão pagos de acordo com a tabela do artigo 44º.

Art. 36º — O criador é obrigado a comunicar por escrito e dentro do prazo de três meses todas as vendas que forem feitas, mencionando: nome do comprador, nome do animal, número de registro e data da venda, devendo ainda remeter ao S. R. G. o certificado de inscrição que lhe será devolvido devidamente anotado.

§ único — As transferências serão cobradas de acordo com o estipulado no artigo 44º.

Art. 37º — Quando for efetuada a venda de uma fêmea prenhe, o vendedor fará constar esta ocorrência no verso do certificado de inscrição que remeter ao S. R. G. de acordo com o artigo anterior, especificando a época da cobertura, nome e número de registro do reprodutor.

Art. 38º — No fim de cada ano, os criadores deverão enviar ao S. R. G. uma lista dos animais registrados existentes.

Art. 39º — Para poder inscrever os seus produtos, o criador é obrigado a manter o livro de registro particular, com todas as especificações necessárias à perfeita identificação dos animais, que será fornecido pelo S. R. G. pelo preço de custo.

Art. 40º — Todo animal inscrito terá obrigatoriamente um nome de livre escolha do proprietário, reservando-se, todavia, ao S. R. G. o direito de censura para os que julgar impróprios.

§ 1º — Concorrendo ao registro animais com o mesmo nome, prevalecerá a prioridade do pedido de inscrição, verificada pelo protocolo do S. R. G.

§ 2º — O sobrenome ou designativo que um criador acrescenta ao nome dos animais não poderá ser usado por outro, prevalecendo

a prioridade verificada no protocolo do S. R. G.

Art. 41º — Fica proibida a mudança de nome de animais inscritos.

Art. 42º — A falta de cumprimento de qualquer das disposições deste Regulamento, nos prazos estipulados, dará lugar à rejeição do pedido de inscrição.

Art. 43º — O criador que de qualquer maneira tentar fraude ou duvidar da exatidão do Serviço de Registro Genealógico terá imediatamente cassada a faculdade de registrar seus animais.

Art. 44º — São as seguintes as taxas cobradas aos criadores:

- a) — Inscrição de animal importado — Cr\$ 5.000,00;
- b) — Inscrição inicial para Registro Provisório, para machos — Cr\$ 200,00;
- c) — Inscrição inicial para o Registro Provisório, para fêmeas — Cr\$ 100,00;
- d) — Inscrição no Registro de bezerros — Cr\$ 50,00;
- e) — Inscrição no Registro Provisório ou Definitivo, vinda do Registro de Bezerros, para machos — Cr\$ 150,00;
- f) — Inscrição no Registro Provisório ou Definitivo, vinda do Registro de Bezerros, para fêmeas — Cr\$ 100,00;
- g) — Transferência de touros — Cr\$ 100,00;
- h) — Transferência de vacas — Cr\$ 100,00;
- i) — Transferência de bezerros — Cr\$ 50,00;
- j) — Certificado de registro — Cr\$ 100,00;
- k) — Certificado genealógico para bezerros controlados — Cr\$ 50,00.

Art. 45º — Os animais pertencentes ao Governo da União serão inscritos gratuitamente.

Art. 46º — Os Governos Estaduais que pagarem a título de remissão a importância de Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros) de uma só vez ou em prestações anuais de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) cada uma, terão o direito de registrar os seus animais gratuitamente.

Art. 47º — A todos os criadores é permitida a inscrição de seus animais no S. R. G., em qualquer época do ano, na conformidade da cláusula 6ª do contrato firmado entre o Ministério da Agricultura e a Sociedade Rural do Triângulo Mineiro.

§ único — Os sócios da S. R. T. M. terão um desconto de 50% (cincoenta) sobre as taxas do Serviço de Registro Genealógico.

Art. 48º — O S. R. G. receberá a bonificação de 3% (três) sobre as vendas de animais que se fizerem por seu intermédio.

Art. 49º — O criador que requerer a inscrição dos animais, deverá fornecer a condução da estação ferroviária ou pôrto mais próximo, da fazenda, responsabilizando-se pelas despesas de viagem e hospedagem dos membros da Comissão Julgadora, quando no desempenho das atribuições previstas no presente Regulamento.

Art. 50º — Os casos omissos neste Regulamento serão resolvidos pela D. S. R. G. e pelo C. D. S. R. G..

CAPITULO V

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 51º — A D. S. R. G. fará publicar todos os atos que interessarem aos criadores e à pecuária, sobretudo no que diz respeito ao gado de origem indiana.

§ único — A Diretoria do S. R. G. apresentará à Diretoria da S. R. T. M., até o dia 31 (trinta e um) de Dezembro de cada ano, um relatório de seus trabalhos durante o ano, com as observações que julgar convenientes, sendo o referido relatório publicado, de conformidade com a cláusula sexta do contrato firmado com o Ministério da Agricultura em 26 de Novembro de 1936.

Art. 52º — O arquivo do S. R. G. poderá ser visto e consultado por qualquer pessoa interessada, mediante pedido por escrito e autorizado pelo Diretor responsável, sendo que as certidões solicitadas serão fornecidas mediante pagamento das taxas estabelecidas.

Art. 53º — O cargo de Secretário será exercido de preferência por um técnico.

Art. 54º — A D. S. R. G. poderá entrar em acordo com uma revista técnica para publicação dos atos e fatos relativos ao S. R. G., que se constituirá nesse caso órgão oficial.

Art. 55º — Entende-se por criador de um animal o proprietário da fazenda onde o mesmo nasceu e permanecer seguidamente mais de quatro meses. No caso de deslocar-se o animal para outro ou outras fazendas, antes de decorridos quatro meses desde o nascimento, ter-se-á como criador aquele em cuja fazenda o animal permaneceu maior parte de tempo antes de completar quinze meses de idade.

Art. 56º — O membro da C. D. S. R. G. ou da C. F. S. R. G. que faltar a mais de três sessões consecutivas, sem motivo justificado e aceito pela D. S. R. G., poderá ser substituído na forma deste Regulamento.

Art. 57º — A D. S. R. T. M., de acordo com a D. S. R. G. e o

C. D. S. R. G., poderá realizar acordos no que se refere o artigo 3º "e", com Sociedades Estaduais, quando esses acordos vierem beneficiar ou facilitar os Serviços de registro genealógico.

Art. 58º — As Comissões de Julgamento, de que trata o art. 12º, letra "e", serão compostas de três membros e delas farão parte, no mínimo, um membro das Comissões Especiais do Conselho Diretor do Serviço de Registro Genealógico e dois técnicos federais ou estaduais.

§ 1º — Os técnicos atrás mencionados serão ou do D. F. P. A. do Ministério da Agricultura, ou do I. Z., ou dos Departamentos da Produção Animal dos Estados.

§ 2º — Um dos técnicos será de preferência do D. F. P. A. que já fizer parte da Comissão Especial do Conselho Diretor do Serviço de Registro Genealógico.

§ 3º — Na organização das Comissões de Julgamento preferir-se-á que os seus membros, exclusivamente os técnicos, sejam criadores da raça a ser julgada.

Art. 59º — As despesas de viagem e estadia do criador que fizer parte de uma comissão zootécnica serão custeadas pela D. S. R. G..

§ único — O Ministério da Agricultura designará os técnicos sem onus para o S. R. G..

Art. 60º — O Regulamento do S. R. G. só poderá ser modificado pela Assembléia geral da S. R. T. M. e com a aprovação posterior do Ministério da Agricultura.

Art. 61º — O S. R. G. manterá um protocolo de entrada e outro de saída para todos os papeis e documentos dirigidos ou expedidos e encaminhados ao Serviço.

Uberaba, 13 de Janeiro de 1952.

INSTRUÇÕES PARA O SERVIÇO DE REGISTRO GENEALÓGICO (S. R. G.) DAS RAÇAS BOVINAS DE ORIGEM INDIANA

Aprovadas pelo Departamento Nacional da Produção Animal do Ministério da Agricultura

INSTRUÇÕES

Art. 1º — Os livros dos registros genealógicos das raças Gir, Nelore, Guzerá e Indubrasil, instituídos pelo Regulamento do Serviço de Registro Genealógico, serão executáveis de acordo com as instruções que se seguem.

Art. 2º — Só poderá ser regis-

trado o animal sobre cuja pureza específica não houver a menor dúvida.

Art. 3º — Considerando ser uma das principais finalidades do S. R. G. o aprimoramento das raças puras: Nelore, Gir, Guzerá e Indubrasil, deverá ser a seleção norteada visando produzir animais segundo os padrões em seguida descritos:

- a) — Gir;
- b) — Nelore;
- c) — Guzerá;
- d) — Indubrasil.

Art. 4º — Os padrões a que se refere o artigo anterior poderão ser modificados em tempo oportuno e quando houver razões de ordem técnica e econômico baseadas em melhoria dos mesmos, após o parecer do C. D. S. R. G..

Art. 5º — De acordo com os artigos 20º e 21º do Regulamento do S. R. G. serão mantidos para cada registro a que se refere o artigo 19º do citado Regulamento os seguintes livros:

a) — Registro Genealógico da raça Gir:

GY — A — 1 — Registro Definitivo para os machos.

GY — B — 2 — Registro Definitivo para as fêmeas.

GY — — 3 — Registro de Bezerros.

GY — C — 4 — Registro Provisório para os machos.

GY — D — 5 — Registro Provisório para as fêmeas.

b) — Registro Genealógico da raça Nelore:

NE — A — 1 — Registro Definitivo para os machos.

NE — B — 2 — Registro Definitivo para as fêmeas.

NE — — 3 — Registro de Bezerros.

NE — C — 4 — Registro Provisório para os machos.

NE — D — 5 — Registro Provisório para as fêmeas.

c) — Registro Genealógico da raça Guzerá:

GU — A — 1 — Registro Definitivo para os machos.

GU — B — 2 — Registro Definitivo para as fêmeas.

GU — — 3 — Registro de Bezerros.

GU — C — 4 — Registro Provisório para os machos.

GU — D — 5 — Registro Provisório para as fêmeas.

d) — Registro Genealógico da raça Indubrasil:

IB — A — 1 — Registro Definitivo para os machos.

IB — B — 2 — Registro Definitivo para as fêmeas.

IB — — 3 — Registro de Bezerros.

IB — C — 4 — Registro Provisório para os machos.

IB — D — 5 — Registro Provisório para as fêmeas.

Art. 6º — Todos os livros mencionados no artigo anterior serão criados imediatamente, com exceção dos livros de Registro Definitivo que se criarão na época oportuna.

Art. 7º — A todo criador desejar formar famílias ou criação de qualquer uma das raças, objeto do Regulamento do Serviço de Registro Genealógico, será facultada a inscrição em livros próprios de produtores machos e fêmeas. Os livros que serão organizados pelo C. D. S. R. G. sempre de acordo com o pensamento do Ministério da Agricultura.

Art. 8º — A S. R. T. M. por uso do S. R. G., adotará a marca abaixo discriminada, que será registrada na repartição oficial competente, afim de lhes serem assegurados os direitos de propriedade. Constará de um triângulo equilátero de ângulos arredondados, com um dos ângulos voltado para baixo, partindo de cada lado deste ângulo curvas formando um M com sua porção inferior.

Art. 9º — Esta marca é propriedade exclusiva da S. R. T. M. e nenhum criador poderá tê-la em sua propriedade sob pretexto algum, nem tão pouco os membros da Comissão de Julgamento poderão deixá-la na fazenda, devendo entregá-la ao Secretário do S. R. G. após os trabalhos zootécnicos.

Art. 10º — Para a inscrição do animal no Registro de Bezerros a Comissão de Julgamento do S. R. G. o identificará ao exame do livro de registro particular do criador, apondo um dos membros da Comissão sua rubrica em cada linha do animal inscrito.

Art. 11º — O animal inscrito no Livro de Bezerros será marcado a fogo na presença da Comissão do S. R. G. apenas com a marca do S. R. G. cujo tamanho de ferro será de quatro centímetros (0,04) e na face esquerda da cara.

Art. 12º — A inscrição do animal no Registro Provisório será feita por uma Comissão de Julgamento composta de três membros, que o identificará e, colocando no animal o número correspondente no registro particular, procederá ao exame do livro de registro particular do criador, apondo um dos membros sua rubrica em cada linha do animal inscrito e o número que terá no Registro Provisório.

Art. 13º — O animal inscrito no Registro Provisório será marcado a fogo, na presença da C.

missão de Julgamento, com a marca do S. R. G., no tamanho de cinco centímetros (0,05), sobrepondo-se-lhe o número que tomou no registro.

Art. 14º — A Comissão de Julgamento organizará a ficha individual de cada animal, que será assinada pelos membros da Comissão, a qual será entregue ao Secretário do S. R. G..

DAS COMISSÕES DE JULGAMENTO

Art. 15º — As Comissões de Julgamento orientarão seus trabalhos de acôrdo com o Regulamento e o determinado nas presentes instruções.

Art. 16º — Todo o animal inscrito, que por sinais ou provas não oferecer garantias de pureza específica e características econômicas, será eliminado do Registro, a critério do C. D. S. R. G., podendo esta medida ser estendida aos ascendentes e colaterais, sempre ouvindo parecer apresentado pela Comissão de Julgamento.

Art. 17º — Nos livros e certificados do S. R. G. será empregada tinta preta ou azul para a escrituração, reservando-se a tinta vermelha para as anotações especiais.

Art. 18º — Nenhum juiz poderá julgar os reprodutores de sua própria fazenda ou daquela em que tenha interesse direto.

§ 1º — Considera-se haver interesse direto também no caso de existir ligação por parentesco próximo. Serão considerados parentes próximos para efeito de impedimento no julgamento: pai, filho, irmão, cunhado, tio e sobrinho.

§ 2º — Para se efetivar toda e qualquer resolução será suficiente o voto concorde de dois (2) membros da Comissão.

§ 3º — As partes interessadas só poderão apelar para a D. S. R. G. das decisões das Comissões de Julgamento no caso de resoluções cuja votação não tenha sido unânime; em caso de denegação de inscrição poderá apelar só o interessado e no caso de votos favoráveis à inscrição, o membro dissidente da Comissão. Prevalecerá esse direito de apêlo trinta (30) dias depois da denegação no primeiro (1º) caso e oito (8) dias depois da votação, no segundo (2º).

a) — Para sócios residentes em zonas distantes, o prazo de prescrição previsto neste parágrafo será estendido a juízo da D. S. R. G. pelo tempo necessário para troca de correspondência pelas vias normais. Recebido um apêlo de sentença nos termos do presente parágrafo a D. S. R. G. officiará dentro de oito (8) dias ás

partes interessadas e à Comissão de Julgamento, dando a todos um prazo de quinze (15) dias para exporem suas razões, depois do que dará a sua decisão final, após ter ouvido a Comissão Especial da raça a que pertencer o animal, tenham ou comparecido as partes, pessoalmente ou por procuradores idôneos.

DAS OBRIGAÇÕES DOS CRIADORES

Art. 19º — O criador manterá em dia os livros de registro genealógico particular, que serão fornecidos pelo S. R. G., devendo estar preenchidas todas as exigências constantes dos mesmos.

Art. 20º — Os criadores deverão enviar à D. S. R. G., com pontualidade e mensalmente, todos os nascimentos, mortes, vendas e coberturas de animais que estiverem ligados ao mesmo Registro, em formulários fornecidos pelo S. R. G..

a) — **NASCIMENTO:** Número e nome do produto, sexo, cor, data e local do nascimento (fazenda, município, Estado), filiação paterna e materna, com os números respectivos dos registros e declaração da letra e número dos livros de registro a que pertencerem, os quais constarão dos certificados, para completa elucidação do criador.

b) — **COBERTURA:** Contendo os nomes das fêmeas cobertas, letra e número do livro de registro a que pertencerem, número do registro provisório ou definitivo, nome do touro utilizado com seu número do registro provisório ou definitivo e data da cobertura, com a precisão possível.

c) — **MORTES:** Contendo os nomes dos animais, letra e número do livro de registro a que pertencerem, número do registro provisório ou definitivo, filiação paterna e materna com os números de registro e causa da morte si possível.

d) — **VENDAS:** Contendo os nomes dos animais, letra e número do livro provisório ou definitivo, ascendentes paternos e maternos com seus números de registro, nomes dos compradores e respectivas residências.

DAS FORMALIDADES DE INSCRIÇÃO, REGISTRO E TRANSFERÊNCIA DE REPRODUTORES

Art. 21º — A inscrição de reprodutores machos ou fêmeas será feita mediante pedido em fórmula apropriada à D. S. R. G.,

acompanhada do talão provando o pagamento das respectivas taxas.

§ único — No caso de serem denegadas as inscrições solicitadas ou algumas delas, a respectiva importância depositada para a taxa de inscrição será imediatamente devolvida à parte interessada com a participação da resolução da Comissão de Julgamento.

Art. 22º — Não é permitida, sob pena de nulidade do atestado, fazer qualquer anotação, alteração ou borradura de qualquer natureza nos certificados emitidos pelo S. R. G..

§ único — A D. S. R. G. fará a comunicação ao criador interessado, em fórmulas apropriadas, dos animais seus que foram aceitos para registro.

Art. 23º — A D. S. R. G. poderá inscrever nos livros e certificados destinados a animais de origem não comprovada os dados fornecidos pelos criadores, referentes à ascendência dos mesmos, sendo inscritos a tinta vermelha, devendo constar dos referidos livros e certificados de registro uma observação esclarecendo a procedência dos mesmos, por cuja autenticidade a D. S. R. G. não assumirá responsabilidade.

Art. 24º — A D. S. R. G. adotará para os serviços de registro modelos e impressos que conterão os seguintes dados:

a) — Nos livros de registro.

MACHOS — Número e letra do livro de registro, número do animal, nome e local do nascimento, criador e proprietário com as respectivas residências, cor, conformação, caracterização, genealogia, transferência.

FÊMEAS: Os mesmos elementos exigidos para os machos e mais os dados necessários para inscrição dos produtos, os quais constarão do número de inscrição, nome do produto, data da cobertura, nascimento, observações.

b) — Nos certificados. As anotações escrituradas nos livros de registro, isto é, todos os elementos exigidos na alínea "a", do presente artigo, mais a assinatura do Secretário do Serviço de Registro, além de uma fotografia do tamanho de 9x12 (nove por doze) centímetros que será fornecida pelo interessado em duplicata, sendo uma para arquivo do registro.

c) — Nos mapas de coberturas: Nomes das fêmeas cobertas, raça, letra e número do li-

A CULTURA DO FEIJÃO GUANDO

O guando, conhecido também em vários lugares como guandu ou andu, é um feijão muito popular no Brasil, embora, sua cultura seja pouco difundida nas lavouras.

É uma planta característica, regulando a altura entre 1 metro e 3 metros. As sementes são mais ou menos arredondadas e de colorido diversos, sendo as cores mais comuns o preto, o branco, o marron e o pintado.

É um feijão que cresce rapidamente e nós já relacionamos plantas que floresceram aos 4 meses.

Não é exigente e se cultiva bem quer em solos arenosos, quer em argilosos, conforme nossas experiências no Instituto de Ecologia do C. N. E. P. A. (Km. 47 da Rodovia Rio-São Paulo). É claro que num terreno mais argiloso que arenoso ele vegeta admiravelmente. Suporta bem as secas, sendo, nesse particular, diferente dos outros feijões.

PLANTAÇÃO

O terreno para plantio deve ser bem arado e gradeado, pois o solo bem preparado facilita não só o desenvolvimento das raízes como o desenvolvimento dos nódulos bacterianos que fixam e transformam o azoto da atmosfera. Em caso de não ser possível usar o arado convém fazer covas de mais ou menos 0,20 x 0,20 x 0,20. O que se deve é facilitar ambiente para o crescimento da parte subterrânea da planta.

vro do criador, número do registro das fêmeas, nome do touro utilizado, número do registro do touro, data da cobertura e observações.

d) — Nos mapas de nascimento: Nome do produto, raça, número do registro particular do criador, sexo, pelagem e local do nascimento (fazenda, município, Estado), filiação com os números e letras do registro, data do nascimento, observações.

e) — Para a solicitação do registro inicial será feito pedido de um impresso à D. S. R. G., conforme artigo 31º do Regulamento do S. R. G., no qual constarão: elementos fornecidos pelo criador, no caso de origem não comprovada referências ao nome, sexo, data e local do nascimento; filiação conhecida pelo criador, pelagem e sinais; nome do criador e proprietário atual; nome e sede da fazenda, observações.

f) — Nos mapas de vendas dos animais vendidos; raça, letra e número do livro de registro a que pertencerem; filiação com os respectivos números e letras dos registros; nomes dos compradores e respectivas residências (fazenda, município, Estado).

g) — Nos mapas de morte: Nome dos animais mortos; raça, letra e número dos livros de registro; filiação com os respectivos números e letras dos livros de registro; causas prováveis da morte; nome e sede da fazenda, observações.

h) — As cadernetas para apreciação dos animais terão os seguintes dados: data do nascimento, número e letra do registro, nome e número do animal, criador e residência, proprietário e residência; sexo, data do nascimento (idade); local do nascimento (fazenda, município,

Nossos ensaios revelaram que as plantas distanciadas de 2 metros, e as "ruas" de 1 metro produzem o mesmo que espaçar de 1 metro as covas e de 1 metro as ruas.

A economia de terreno, e as facilidades do lavrador, é que devem indicar qual o melhor espaçamento. Se éle dispõe de máquinas agrícolas, mesmo de tração animal, como um bom cultivador convém usar o espaçamento de 2 x 1, pois haverá mais facilidade de movimentar a máquina. É que aos 6 - 8 meses os galhos já estão bem desenvolvidos, ocupando uma parte da "rua" intercalada.

Quer se use o plantio mecânico, quer o manual é suficiente usar duas sementes por cova. É preferível o plantio após uma chuvada, pois a umidade do terreno entumesce a semente e a faz germinar rapidamente. Deve-se evitar que as sementes fiquem armazenadas mais de 3 anos, pois o poder germinativo estará muito baixo. Convém, ainda, não plantar mais de uma variedade, pois muita vruza natural "sujando" as sementes. É boa prática lidar com uma única variedade, pois garante um produto uniforme e que é bem aceito no mercado. Em ensaios no Instituto de Ecologia (Seção de Genética) temos encontrado uma média de contaminação que oscila em 14%.

TRATOS CULTURAIS

No decurso do crescimento da planta é conveniente dar 2 ou 3 capinas na cultura. A capina

Estado). Características técnicas, ou sejam: pelagem, conformação geral, classificação geral, observações.

DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 25º — De todas as reuniões do C. D. S. R. G. será lavrada uma ata, onde deverão ser anotados todos os assuntos tratados e deliberações tomadas que deverão ser referendadas na reunião seguinte.

Art. 26º — Para melhor andamento do serviço a D. S. R. G. organizará um processo para cada criador, contando todos os documentos expedidos e recebidos.

Art. 27º — Qualquer membro do C. D. S. R. G. poderá fazer parte da Comissão de Julgamento, desde que a sua escolha se enquadre nas disposições regulamentares referentes à nomeação das mesmas.

Art. 28º — A D. S. R. T. M. e a D. S. R. G. poderão resolver quaisquer dúvidas surgidas em virtude de omissões verificadas nestas instruções.

evita a concorrência, isto é, evita que a área que suporta uma planta forneça alimento a outras que não trazem nenhum benefício à lavoura, além de utilizarem a água do solo. Um velho provérbio chinês diz que "uma capina corresponde a uma chuva" pois deixa no terreno a água que as ervas daninhas iam absorver.

O único trato cultural é a capina, que diminui a proporção que a planta cresce. Em alguns casos como nas regiões batidas por ventos fortes, depois das colheitas, pode-se dar uma poda rala nos galhos secundários, pois vai acontecer que, os mesmos crescendo muito, recebem muito diretamente a força do vento quebrando os ramos primários que nascem do tronco.

COLHEITA

A colheita é feita com facilidade. E' aconselhável, no entanto, não deixar que as vagens fiquem muito secas nas plantas, pois vários insetos vêm furá-las e pôr ovos, donde saem larvas e lagartas que destroem os grãos.

Um dos problemas mais sérios é o armazenamento das sementes. E' que a semente, sendo amilácea, é intensamente procurada por vários gargulhos. Os preservativos modernos são ótimos para destruir as pragas, mas deixam, alguns, certa oxididez nas sementes, que os tornam desaconselháveis ao uso doméstico. Usa-se de preferência sulfureto de carbono, com os cuidados necessários que essa substância explosiva requer. Para as sementes que se destinam ao plantio, pode pulverizar com qualquer substância à base de D. D. T., ou usar-se

Peça-nos um exemplar d'ó

"O Zebú do Brasil"

CR. \$60.00

a maior e mais completa obra escrita em português sobre o zebú, de conformidade com os padrões estabelecidos pelo Registro Genealógico

EDITORA :

Soc. Rural do Triângulo Mineiro

Caixa, 71 — Rua Manoel Borges, 34

UBERABA

VIDA & MORTE DE UM BERNE

A MOSCA BERNEIRA...

CAPTURA OUTRA MOSCA OU MOSQUITO E DEPOSITA NA BARRIGA DESTES OS OVOS.

QUANDO O INSETO POUSA NUM ANIMAL DO HOMEM, O CALOR DA PELE CHOCA OS OVOS. AS LARVINHAS SAEM...

E PENETRAM NA PELE ONDE CRESCEM E FORMAM O TUMOR

MATE O BERNE IMEDIATAMENTE, APLICANDO NO BURACO DO TUMOR

BERNICIDA PEARSON

A BASE DE B.H.C. E CREOLINA

mesmo as que foram convenientemente desinfetadas pelo sulfureto de carbono.

O guando é rico em proteínas, sendo, mesmo, sua taxa superior a da alfafa e da soja. E' assim, não só um bom alimento caseiro com ótimo auxiliar na ração dos animais domésticos, quer como forragem verde, ou ensilada, para o gado, quer seco (sementes) para galinhas.

Do "S.I.A."

VERDURAS ÀS AVES

As galinhas precisam comer alimentos verdes, pois nestes se encontram as vitaminas de que elas têm necessidade. Já se observou que as galinhas que vivem soltas nos pastos têm ovos com gema muito mais corada que as tratadas em cercados fechados ou em baterias. Só com farelada e milho não se consegue uma criação de galinhas. Todas as verduras ou legumes lhes fazem bem, vitaminas que elas precisam para ter saúde e botar ovos. Além do mais esses alimentos verdes também contribuem para uma fertilidade maior na reprodução.

COM o intuito de aumentar a duração dos tratores e máquinas agrícolas damos, a seguir, uma série de recomendações que julgamos básicas para serem observadas pelos agricultores:

- 1—verificar, em primeiro lugar, o nível do óleo do carter e completá-lo, se não estiver correto, antes de dar partida ao motor;
- 2—examinar a caderneta de contrôlo de trabalho do trator para cientificar-se de que as lubrificações e verificações estão sendo executadas de acôrdo com as recomendações do fabricante, constantes do catálogo que deve acompanhar cada máquina adquirida;
- 3—verificar o nível e as condições do óleo na bacia do purificador de ar, recolocando sempre e firmemente a bacia em seu lugar;

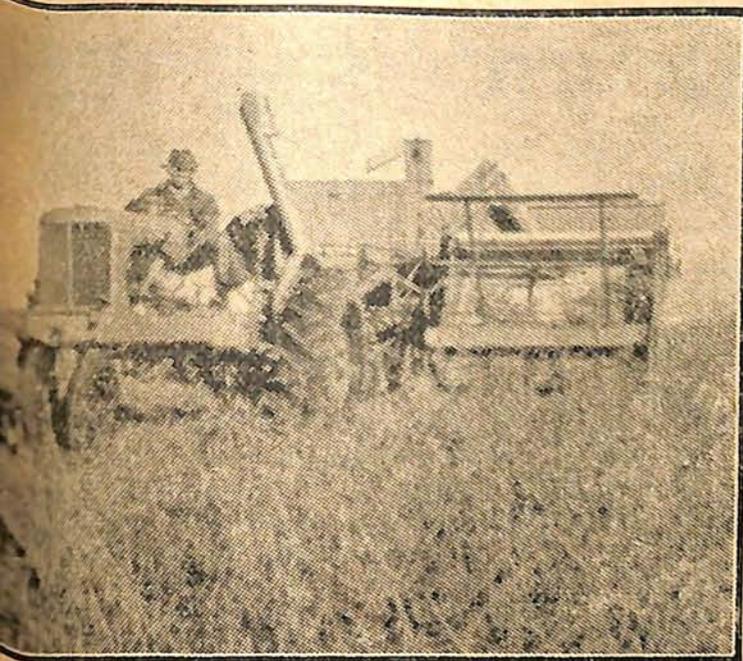
- 4—verificar o nível da água, no radiador e drenar a água do combustível no tanque;
- 5—conferir a pressão dos pneumáticos; em caso de trator de esteiras, medir a tensão das mesmas;
- 6—verificar se os pontos de lubrificação dos implementos (arados, grades, etc.) estão convenientemente lubrificadas;
- 7—examinar se não há falta de algum parafuso, porca, pino, etc., ou se todos estão devidamente apertados, recolocando-os quando houver falta, antes de ir para o campo;
- 8—não deixar as ferramentas utilizadas jogadas no chão; colocá-las, sempre, no lugar destinado à armazenagem, depois de devidamente limpas;
- 9—usar sempre a ferramenta correta, adequada ao serviço a ser executado;
- 10—nunca abastecer o trator com o motor em funcionamento;
- 11—depois de prover o trator de combustíveis e de utilizar os lubrificantes, certificar-se de que os recipientes usados os que os armazenam ficaram limpos bem fechados, de modo a que a poeira não os atinja;
- 12—verificar, periòdicamente, o nível da s...

RECOMENDAÇÕES AOS OPERAI



PARADA DE TRATORES NUM CENARIO TIPICAMENTE NORDESTINO

- 4—examinar o nível da água, no radiador e drenar a água do combustível no tanque;
- 5—conferir a pressão dos pneumáticos; em caso de trator de esteiras, medir a tensão das mesmas;
- 6—verificar se os pontos de lubrificação dos implementos (arados, grades, etc.) estão convenientemente lubrificadas;
- 7—examinar se não há falta de algum parafuso, porca, pino, etc., ou se todos estão devidamente apertados, recolocando-os quando houver falta, antes de ir para o campo;
- 8—não deixar as ferramentas utilizadas jogadas no chão; colocá-las, sempre, no lugar destinado à armazenagem, depois de devidamente limpas;
- 9—usar sempre a ferramenta correta, adequada ao serviço a ser executado;
- 10—nunca abastecer o trator com o motor em funcionamento;
- 11—depois de prover o trator de combustíveis e de utilizar os lubrificantes, certificar-se de que os recipientes usados os que os armazenam ficaram limpos bem fechados, de modo a que a poeira não os atinja;
- 12—verificar, periòdicamente, o nível da s...
- 13—não esquecer de levar uma lata ou vasilhame, alguma coisa para proteger o cano de escape, pois poderá ser necessário deixar o trator no campo;
- 14—conferir se os freios estão em bom estado de funcionamento;
- 15—deixar o motor atingir a temperatura de marcha, antes de dar a saída ao trator;
- 16—seguir somente para o campo depois de...



Trator operando com implemento para ceifar, beneficiar e ensacar trigo.

- 18—depois de usar o implemento, não o deixar sujo de terra; passar uma camada de óleo usado, graxa fina ou preventivo especial nas partes que entraram em contato com a terra;
- 19—se o arado permanecer no campo, jamais deixar a aiveca ou disco enterrados no sólo;
- 20—depois de utilizadas, as máquinas agrícolas devem ser guardadas em galpões, protegidos contra a umidade, a chuva e o sol;
- 21—ao fim de cada período agrícola, preparar o trator e os implementos para o período seguinte, fazendo as verificações, reparos e substituições necessários, a fim de que as máquinas estejam prontas para entrar em ação, quando solicitadas, e

RES DE MAQUINAS AGRICOLAS

ter a certeza de que o trator e o implemento estão convenientemente preparados para executarem o trabalho;

- 17—dirigir com tóda a atenção e sempre em marcha média, principalmente ao conduzir implemento;

- 22—procurar, sempre, executar os trabalhos com todo o cuidado e perfeição, tendo em vista a segurança pessoal e a boa conservação das máquinas.

(Do S.I.A.)

Elevadas as bases para o financiamento à pecuária

Em resposta à solicitação da Sociedade Rural Brasileira, visando a atualização das bases do financiamento para o boi magro para a engorda, recebeu aquela entidade telegrama do diretor da Carteira Agrícola do Banco do Brasil, sr. Loureiro da Silva, nos seguintes termos:

«Referindo-nos ao telegrama dessa Sociedade, comunicamos-lhe que nossos órgãos técnicos estão proce-

Comunicação da Carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil à Sociedade Rural Brasileira



dendo ao reexame das bases de adiantamentos máximos atualmente em vigor, o que será feito com vistas aos dados obtidos nas fontes produtoras. Não obstante, em face da demora que, certamente, haverá na coleta daqueles elementos para o a-

ludido estudo, estamos autorizando, desde já, a elevação, para Cr\$ 900,00 e Cr\$ 1.000,00, conforme as zonas, dos preços máximos, há anos fixados, respectivamente, em Cr\$ 700,00 e Cr\$ 800,00, para novilhos destinados a engorda, mantido, porém, o limite de 60% sobre o preço que o animal alcançar, depois de gordo, o que se nos afigura razoável e cremos mesmo que satisfará aos interessados».

Emissão de apólices para pagamento aos pecuaristas

DECRETO EM BENEFÍCIO DE CRIADORES E REGRIADORES DE GADO BOVINO

O presidente da República assinou decreto autorizando o ministro da Fazenda a emitir apólices da Dívida Pública Interna da União, até o limite de 300 milhões de cruzeiros, necessários ao cumprimento da lei n. 1.728, de 10 de novembro de 1952. A citada lei dispõe sobre a forma de pagamento das dívidas dos criadores e recria-

dores de gado bovino, estabelecendo em seu artigo 4º que a União pagará, de uma só vez, em apólices da Dívida Pública Federal, a importância de 50% dos débitos que lhe competem por força do art. 5º da lei n. 1002, de 24 de dezembro de 1949. Essa mesma lei n. 1002 dispõe, em seu artigo 12, que dos orçamentos de 1951 a 1960, serão consignadas verbas para ocorrer às despesas a cargo da União, autorizando desde então a abertura dos respectivos créditos.

ver sido autorizada a entrega dos títulos aos respectivos interessados. — Art. — As apólices que forem emitidas na conformidade deste decreto serão isentas de quaisquer impostos gerais, salvo o imposto de renda. — Art. 3º — Essas apólices serão recebidas, sempre ao par; I) nas repartições públicas para efeito de caução; II) na Caixa de Imobilização Bancária, nos seguintes casos: a) em pagamento dos débitos contraídos por bancos, como caução nos termos do decreto-lei 9201, de 26 de abril de 1949 e lei subsequente, até 50% do valor dos respectivos títulos caucionados; b) em garantia de empréstimo aos bancos, desde que feita comprovação de que foram elas incorporadas aos seus patrimônios por força da lei n. 1728, de 10 de novembro de 1952. — Art. 4º — As apólices que forem emitidas na conformidade deste decreto serão resgatadas no prazo de trinta anos, por meio de sorteios anuais, realizados em dezembro de cada ano, na base percentual estabelecida no artigo 5º da lei n. 1002, de 24 de dezembro de 1949. — Art. 5º — As apólices que forem emitidas gozarão da garantia do governo e dos privilégios de isenção que as leis concedem às apólices ora em circulação. — Art. 6º — Este decreto entra em vigor na data de sua publicação».

E' do seguinte teor o decreto: «O presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 87, n. I, da Constituição Federal, e tendo em vista o disposto no artigo 8º da lei n. 1002, de 24 de dezembro de 1949, combinado com o artigo 5º da lei n. 1728, de 10 de novembro de 1952, decreta: Art. 1º — Fica o ministro da Fazenda autorizado a emitir apólices da Dívida Pública Interna Fundada da União, até o limite de 300 milhões de cruzeiros, necessários ao cumprimento da citada lei n. 1728, de 10 de novembro de 1952. — § 1º — As apólices serão do tipo «Diversas Emissões», ao portador, nos valores nominais unitários de mil cruzeiros e quinhentos cruzeiros, e vencerão juros à taxa de 5% ao ano. — § 2º — Os juros das apólices serão pagos semestralmente, em janeiro e julho de cada ano, a partir da data em que hou-

OS RESÍDUOS...

(Conclusão da pág. 10)

forem bem conduzidas, a forragem se apresentará verde, aromática, isenta de fibras e será muito apreciada pelos bovinos.

A composição química da forragem de agave analisada pelo Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco, é a seguinte:

Umidade	11,84%
Proteína	10,84%
Amido	6,62%
Extrato etéreo	0,52%
Cinzas	13,62%
Celulose e não dosados	56,45%
TOTAL	100,00

100 quilos de folhas de agave rendem 3 quilos de fôlhas e 30 quilos de forragem, úmida, ou 9 quilos de forragem sêca.

(Do S.I.A.)

ZEBU

Orgão oficioso da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro

Fone, 11.07 — Caixa Postal, 39
R. Artur Machado, 10-A - Uberaba

Impressa em oficinas próprias

Dir. proprietário - Ari de Oliveira

ASSINATURAS

Brasil	Cr. \$60,00
sob registro	Cr. \$80,00
Número avulso	Cr. \$5,00
Estrangeiro (sob registro)	Cr. \$100,00

Sumario desta edição pag. 4

VENDA AVULSA

- ARAGUARI — J. Campos & Irmãos — Rua dr. Afranio.
- BELO HORIZONTE — Agência Sici-ano — Rua Goiás, 58.
- CURVELO — Livraria «Castro Alves» — Av. D. Pedro II.
- GOIÂNIA — Agência Manarino — Grande Hotel.
- PASSOS — J. R. Stockler — Agência Passos — Pr. da Matriz, 20 - A.
- PATOS — Casa das Representações — Geraldo & Cia. — Rua Benedito Valadares.
- PRESIDENTE PRUDENTE — Agência São Paulo — Antonio Lima.
- RIBEIRÃO PRETO — Angel Castrovie-jo — Agência São Paulo.
- SALVADOR — Alfredo J. Souza & cia. — R. Saldanha da Gama, S. PAULO — «A Intelectual» Viaduto Santa Ifigênia, 281.
- UBERLANDIA — Agência Lilla — Av. A-ntonso Pena.

NOSSOS REPRESENTANTES :

Viajam atualmente para a nossa revista, tendo nossos UNICOS REPRESENTANTES, os seguintes senhores :

- André Weiss.
Paulo J. de Matos.
Samuel Lisboa.
Tadashi Taquiguti.

NAS CAPITAIS

- BELEM - Pará - João A. de Melo e Silva — Coop. Ind. Pecuária do Pará — Rua Gaspar Viana, 48/54.
- BELO HORIZONTE - Vital W. R. Munir — R. Rio de Janeiro, 195 - 1.º
- GOIÂNIA - Isorico Barbosa de Godói. — Rua Vinte e Um, n. 12.
- JOÃO PESSOA - Celso Paiva Mesquita — Rua Beaurepaire Rohan, 275.
- MACEIÓ — dr. Manoel do Vale Ben-ito — Pr. Floriano Peixoto, 26.
- PORTO ALEGRE - Inácio Elizeire — Ga-leria Municipal, 127.
- RECIFE - Joaquim Moreira Neto — Rua do Brum, 27 - 1.º
- RIO DE JANEIRO - João Ferreira da Costa — Red. «Vanguarda» — Av. Rio Branco.

SALVADOR — Coop. Inst. de Pecuária da Bahia — Rua Miguel Calmon, 16.
SÃO PAULO - Francisco Marino — R. 7 de Abril, 230 - 5.º — Fone, 36-37-53.

AGENTES NOS ESTADOS BAIA

- ITABUNA — Hermenegildo de Souza — Trav. Adolfo Leite.
- JEQUIÊ — Osvaldo Silva — Livraria Sudoeste.
- MIGUEL CALMON — Adauto Liberato de Moura.
- VITORIA - João Cairo.

ESPIRITO SANTO

- BOM JESUS DO NORTE — Ernani Fa-rouquilha Almeida.
- CACHOEIRO DO ITAPEMERIM — Ar-quimedes Gonçalves Neves — Praça da Matriz.
- LUNIZ FREIRE - Antonio Bazzarella.

GOIAZ :

- ANAPOLIS - Heróde de Velasco Ferreira — Rua 7 de Setembro.
- ANICUNS — Avelino Dias da Cunha.
- BURITI ALEGRE — João G. Chaves — Red. «O Buriti».
- CATALÃO — Miguel Lucas Junior.
- CORUMBAIBA — Bertolino da Costa Fa-gundes.
- FORMOSA - Sebastião Viana Lobo.
- GOIANDIRA - Geraldo Gonçalves de Araujo.
- IPAMERI - Mário Vaz de Carvalho — Av. S. Vicente de Paulo.
- JARAGUA' - Euvaldo Carvalho Fontes.
- PIRACANJUBA - João da Costa & Silva.
- PIRES DO RIO - Zacarias Braz. Rua Goiás, 441.
- STA. HELENA — Clemente Alvares de Aquino — Associação Rural e Prefeitura Municipal.
- TRINDADE - Ezequiel Dantas — Granja Guanabara.
- MARANHÃO
- S. LUIZ - João Múcio Amado — Filipi-nyho, Quadra 8, c. 2.

MINAS GERAIS :

- ANDRÊ FERNANDES — Antonio Reis.
- ALFENAS - Jorge de Souza.
- ARAXÁ — Valter Batista — Av. Ole-gário Maciel.
- CAMPINA VERDE - Astolfo Lopes Can-gado — Prefeitura Municipal.
- CASSIA — B. M. Alves - Agência de Jornais e Revistas.
- CLAUDIO - Elias Canaan — Casa «Santa Terezinha».
- COM. GOMES - Adauto de Oliveira — Prefeitura Municipal.
- CONCEIÇÃO DAS ALAGOAS - Srta. Kermes Mauad — Agência do Corréio.
- CONQUISTA — Geraldo Abate — Pre-feitura Municipal.
- CONSELHEIRO PENA - Gastão José de Souza.
- CURVELO — André F. de Carvalho — Rua João Pessoa.
- DIVINOPOLIS - Prof. Lauro Barbosa — Av. Cetélio Vargas, 21.
- DIVISA NOVA - André Pereira Rabêlo.
- DÔRES DO INDAIA — Querubino Lu-cas Pereira.
- ESTRELA DO INDAIA — Alvimar Au-gusto de Oliveira.
- FRUTAL - Srta. Irací Martins — Rua Se-nador Gomes.
- FORMIGA — Edmundo Soares Lins.

- GOUVEIA — Luciano Tameirão — Av. Juscelino Kubitscheck.
- GOV. VALADARES — Geraldo Mon-teiro de Barros — Banco do Brasil.
- GUAXUPÉ — José Lessa Couto.
- IBIA' - Antonio Hermeto de Paiva Reis — Ag. de Estatística.
- ITURAMA - Rui Pereira — Coletoria Es-tadual.
- ITAUNA — Luiz Ribeiro Neto — Rua Josias Machado, 62.
- MACHADO - Benedito Morais — Av. Rio Branco, 214.
- MONTE ALEGRE - Orcaul Parreiras — Rua cel. Rezende.
- MONTES CLAROS — G. Edmundo de Oliveira — Rua Simeão Ribeiro, 21
- MURIAE' - Ulysses Souza Bezerra — Rua Benedito Valadares, 711.
- PARA' DE MINAS — Hélio de Melo Mendonça — Rua Benedito Valadares, 224.
- PARAGUASSU' - Sival Lauro Ribeiro — Cx. Postal, 19.
- PASSOS - Srta. Emilia Dias Lemos - Rua Cristiano Stockler, 88
- PATOS DE MINAS - José Domingos Araujo — Cx. Postal, 170.
- PEDRA AZUL - Eulámpio Pimenta — As-sociação Rural de Pedra Azul.
- PEDRO LEOPOLDO - Jaime Evangelista Martins — Inspetoria do Fomento.
- PERDIZES - Ataíde Alvarenga de Re-zende — Prefeitura.
- PIRAJUBA - Antonio da Costa Brandão.
- PRATA — Oto Freitas Souto — Praça Fernando Terra.
- RIO PARANAIBA - José Rezende Vargas — Rua Atanásio Gonçalves.
- SACRAMENTO - Fôso Maluf — Cartório do 1.º Ofício.
- SALINAS — Nuno Lages Filho.
- SANTA JULIANA - Srta. Vera Abud — Prefeitura Municipal.
- STO. ANTONIO DO MONTE - José Fran-cisco de Oliveira Brasil.
- S. GOTARDO — Roman Rezende —
- UBERLANDIA - Belmiro de Oliveira — Rua Santos Dumont, 651 2.º
- ESTADO DO RIO
- ITAOCARA — Ayrton Pinheiro de Almeida.
- SÃO PAULO :
- ARARAQUARA - José Pereira Bueno — Av. 15 de Novembro, 628.
- BARRETOS - Agroveterinário «Monte Castelos» — Av. 19 n. 752
- BARRETOS — Ayrton Luiz Borges — Ass. Rural — Vale R. Grande.
- BAURU' - Olenitino Marçal — Rua Ru-bens Arruda, 378.
- FRANCA — Miguel Massei — Ass. Ru-ral do Vale do Sapucaí — Casa da Lu-voura.
- GUAIRA — Jesus Prata.
- PARAGUASSU' PAULISTA — Nely José Fonsêca — Rua dos Expedicionários, 45.
- PORTIRENDA - José Cândido da Si-queira.
- PRES. PRUDENTE - Raul Nildo Guerra — Associação Rural - Rua Nilo Peçanha.
- RIBEIRÃO PRETO - Ass. Rural de Ribeir-ão Preto — Rua Silva Jardim.
- RIO PRETO - Nece Severino — Rua 15 de Novembro, 32.43.
- RIO GRANDE DO NORTE
- CAICO - Sandoval Medeiros — Agência Postal Telegráfica.
- SANTA CATARINA :
- CURITIBANOS - Henrique Carneiro de Almeida.
- RIO GRANDE DO SUL :
- ALEGRETE — Higio Gonçalves — Rua Demetrio Ribeiro, 124.
- S. LOURENÇO DO SUL - Damásio Eva-risto Soares.

SETEMBRO

A Lavoura do mês

NORTE — No norte do Brasil ainda continuam as roçadas e queimadas, bem como a colheita do algodão e da mandioca, assim como da cana, do arroz e da mamona. Fabrica-se farinha; plantam-se tôdas as hortaliças, fumo, amendoim, gerimum, melancia. Enxertam-se laranjeiras.

CENTRO — No Brasil central semciam-se algodão, arroz, alfafa, feijão, milho, hortaliças. Plantam-se cana, mandioca, batata doce, inhame, como também as diferentes gramíneas forrageiras, como os capins gordura, jaraguá, Rodes, etc. Enxertam-se as videiras e as árvores frutíferas.

Fazem-se ainda as colheitas de café, cana, araruta, mandioca, lentilha e hortaliças.

SUL — No sul terminam os trabalhos de preparo do solo. Se a estação corre favoravelmente, não havendo mais perigo de geadas, podem ser feitas tôdas as sementeiras de primavera: milho, feijão, cana, mandioca, arroz, alfafa, amendoim, plantas forrageiras, etc. Na horta, continua grande atividade, organizando-se novos viveiros, fazendo-se transplantações e semeando-se pimentões, tomates, feijões para vagens. Mudam-se os morangueiros. Enxertam-se árvores frutíferas e fazem-se viveiros de laranjeiras. Continuam as safras de erva-mate e café, no Paraná.

Ainda se podem plantar estacas de oliveiras.

DIAS INDICADOS PARA:

Plantar, semear e transplantar — 1, 2, 3, 4, 5, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 25, 26, 28, 29.

Deitar galinhas e passaros — 9, 10, 19, 20, 25, 26, 27, 28.

Deitar pavo e perua: 25, 26.

Deitar gansa e pata: 2, 3, 11, 12, 13, 21, 22, 29, 30.



FAS DA LUA

Lua Nova	—	8
Q. Crescente	—	16
Lua Cheia	—	23
Q. Minguante	—	29

30 DIAS — 1953

1 Terça	São Gil
2 Quarta	São Estevão
3 Quinta	São Aristeu
4 Sexta	Sta. Irma
5 Sábado	Sta. Rosa
6 DOM ^o	São Fausto
7 Segunda	Sta. Regina
8 Terça	São Corbiniano
9 Quarta	São Sérgio
10 Quinta	São Nicolau
11 Sexta	São Emiliano
12 Sábado	São Guido
13 DOM ^o	Sta. Eugênia
13 Segunda	Sta. Elza
15 Terça	São Nicodemos
16 Quarta	Sta. Edite
17 Quinta	São Lamberto
18 Sexta	S. José Cupertino
19 Sábado	São Januário
20 DOM ^o	São Eustáquio
21 Segunda	Sta. Efigênia
22 Terça	São Maurício
23 Quarta	São Lino
24 Quinta	São Ruperto
25 Sexta	São Firmino
26 Sábado	São Justino
27 DOM ^o	São Damião
28 Segunda	São Salomão
29 Terça	São Miguel
30 Quarta	São Leopoldo

Horóscopo do mês

PARA OS NASCIDOS ENTRE 23 DE SETEMBRO E 22 DE OUTUBRO

Tôdas as pessoas nascidas neste período têm o Sol no signo Libra, sendo Vênus o seu planeta governante.

Esta posição faz a pessoa popular e geralmente querida; sociável, afeiçãoada, jovial e tanto romântica; ama a sociedade e facilmente faz amigos, principalmente entre o sexo oposto. Têm gosto e certa habilidade para as ciências e belas artes, poesia e literatura, embora, às vezes, não se dediquem a êsses estudos de atividade. Geralmente casam cedo, principalmente mulheres.

Essas pessoas podem demonstrar independência, se fôr necessário, mas são sempre bondosas e sem presunção ou orgulho. Gostam de despertar nos outros sentimentos de simpatia e fraternidade. São justas, sinceras, imparciais, intuitivas, democráticas e tolerantes. São favoráveis e inclinadas as associações de qualquer espécie.

PEDRAS PRECIOSAS: — Principal: lapis-lazuli; complementares: jacinto e esmeralda.

FLÔRES: — Rosa, jasmin, violeta, jacinto, narciso, açucena, lírio e atância.

PERFUMES: — Verbena, canela violeta, jacinto e rosa.

CÔRES: — Rosa, branca, azul celeste e todos os matizes do claror.

Sociedade Rural do Triângulo

Fundada em 18 de Junho de 1934 — Concessionária exclusiva para todo o Brasil, do Registro Genealógico das raças bovinas indianas — Indubrasil, Gir, Nelore e Guzerá — de acordo com o contrato lavrado com o Ministério da Agricultura.

R. CEL. MEL. BORGES, 34

UBERABA

TELEFONE — 1590

DIRETORIA:

Presidente:

ADALBERTO RODRIGUES DA CUNHA

Vice-Presidentes:

DR. LAURO FONTOURA

DR. JOÃO REZENDE

Secretário Geral:

HILDO TOTI

1.º Secretário:

MANOEL SILVEIRA¹

2.º Secretário:

MARIO CRUVINEL BORGES

1.º Tesoureiro:

DR. A. F. MOURA TELLES

2.º Tesoureiro:

AGNALDO PRATA



CONSELHO DELIBERATIVO: RANULFO BORGES DO NASCIMENTO — Dr. ALFREDO SABINO — JOSÉ DUARTE VILELA — BRUNO DA SILVA OLIVEIRA JR. — ANGELO ANDRÉ FERNANDES.

Suplentes: PEDRO LEMOS — JOSÉ BARBOSA SOUSA — OSVALDO RODRIGUES DA CUNHA — ANTONIO CARLOS DA SILVA — NICOMEDES ALVES DOS SANTOS.

CONSELHO FISCAL: WILMONDES CRUVINEL BORGES — GERALDO ANDRADE CUNHA — DR. LUIZ HUMBERTO CALCAGNO.

Suplentes: AMELIO ARANTES — OTAVIO BOAVENTURA — G. TITO RODRIGUES DA CUNHA.



REGISTRO GENEALÓGICO DAS RAÇAS DE ORIGEM INDIANA

Diretor:

DR. MAX NORDAU REZENDE ALVIM

Vice-Diretor:

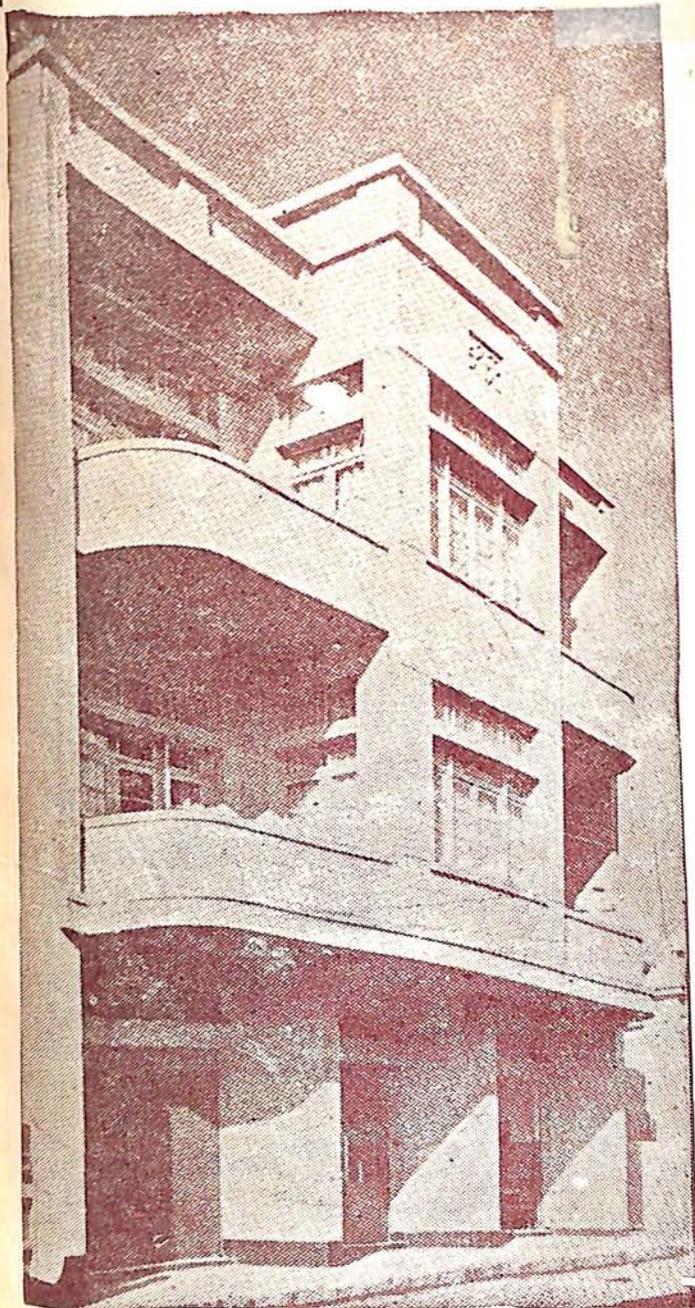
G. TITO RODRIGUES DA CUNHA

Secretário:

VALTER FERNANDES

Tesoureiro:

JOSIAS FERREIRA SOBRINHO



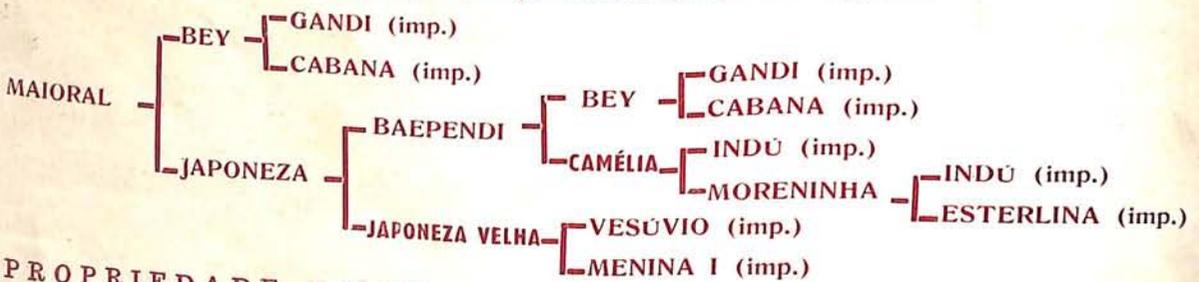
Santa Evangelina

Um dos mais numerosos e mais selecionados rebanhos da Raça Gir, Triângulo Mineiro, composto, em sua maior parte por reprodutoras gistradas e chefiado pelos raçadores Baiano, Rançoso, Encanto, In Cadillac, Cheque e Maioral.

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES CONTROLADOS, MARCA «O»



Acima, o reprodutor **MAIORAL**, cuja ascendência é a seguinte:



PROPRIEDADE DO DR.

FRANCISCO DE OLIVEIRA NAVES

Enderêço do criador:
Rua Goiás, 171 - Fone, 2.2015
BELO HORIZONTE

Munic. de **UBERABA** - Minas

SUPLEMENTO

SET.º - 1953

ANO XIII

NUM. 106



ASSOCIAÇÃO RURAL DA ALTA NOROESTE

RECONHECIDA PELO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Portaria n. 552 de 9-8-1946

**DIRETORIA ELEITA
PARA O BIÊNIO
— 1953/1954 —**

Presidente: Dr. Dario Ferreira Guarita; Vice-
Presidente: José Ferreira Maia; Secretário-Geral:
Henrique Benjamin C. Melo; 1.º Secretário: Seme
Rezek; 1.º Tesoureiro: Dr. Carlos de Castro Neves e
2.º Tesoureiro: Dr. Alvaro Afonso do Nascimento.

CONSELHO FISCAL: Dr. Placido Rocha, Se-
bastião Ferreira Maia e João Geralde. **SUPLEN-
TES:** Honor Afonso de Almeida, Francisco Cocapier
ler e Dr. Francisco Aguiar Ribeiro.

ARAÇATUBA - NOB - EST. S. PAULO

Fazenda

Santa Isabel

Criação e seleção de gado indiano da Raça Gir,
cujos reprodutores descendem dos famosos touros:
BEZOURO — GAIOLÃO — MAXIXE II — WHITE

PROPRIEDADE DE

Clibas de Almeida Prado

ARAÇATUBA - NOB - EST. S. PAULO



UBERABA — SETEMBRO — 1953
SUPLEMENTO

A capital do boi gordo



PAULO J.
DE MATOS

De apenas "uma cidade da Noroeste" ou de "uma cidade do interior paulista", como ali frequentemente se acentua, a magnífica cidade e centro de uma vasta, importante e próspera região agro-pastoril é, hoje, a grande Araçatuba, conhecida e celebrada por todo o País, principalmente devido ao extraordinário desenvolvimento de sua pecuária de corte.

É uma cidade de 32.000 habitantes, cabeça de um município de 60, em que o comércio desenvolvido e uma indústria ativa correm paralelas pelo seu engrandecimento e, nessa porfia, recolhem mais de 40 milhões de cruzeiros aos cofres estaduais e mais metade dessa cifra aos federais.

Como cidade propriamente dita, o seu aspecto é atraente: nas largas e bem calçadas ruas e praças ajardinadas, lindos prédios residenciais, grandes edifícios, atraentes vitrinas, grandes estoques, cinemas, boites, etc., esse imprescindível conforto que faz o encanto e a felicidade dos cidadãos modernos, levado ao máximo pelas facilidades do abastecimento de água e da energia elétrica que, para orgulho do araçatubano, foge à epidemia nacional de carência que vemos por esses "brasis" afóra.

Tudo, naquela privilegiada cidade da Noroeste Paulista respira grandeza e ostenta progresso, como elogio tácito à sua iniciativa particular e aos seus poderes municipais.

* * *

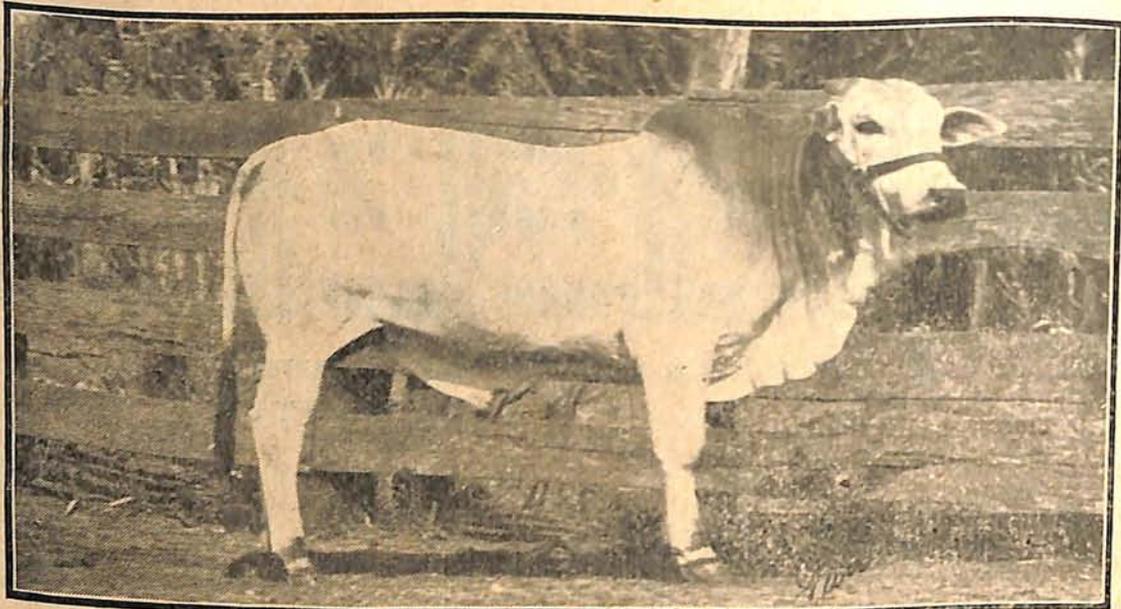
Foi assim que encaramos Araçatuba — ao conhecê-la e ao senti-la — como mais um desses maravilhosos milagres de que só o Zebú é capaz.

Araçatuba é considerada como o mais importante centro de pecuária de corte do Estado de São Paulo, disputando esse título, galhardamente, a quaisquer outros centros nacionais do mesmo gênero.

Não há dúvida nenhuma que esse resultado decorre das grandes iniciativas dos seus ativos criadores, tão bem representados pela sua Associação Rural da Alta Noroeste, a qual os defende, ampara e incentiva e que é a promotora de sua já famosa "Festa do Boi Gordo", há cinco anos já realizada, com o mais pleno êxito, nos primeiros dias de Maio.

Dessa e de outras iniciativas resultou, em grande parte, o desenvolvimento pecuário da região de que Araçatuba é o centro e, além do mais, tem incentivado, ali, o gosto pela criação de gado fino das raças de origem indiana, em cujas atividades se devem destacar figuras regionais noroestinas como Donald Strang, Antonio Lunardelli, Jorge Quintiliano, Manoel Quirino; os Duarte Vilela, Franco do Amaral, Afonso Primo, Clibas de Almeida Prado.

A eles se deve aquele extraordinário desenvolvimento pecuário e, em especial, a projeção da zona, no aprimoramento da criação de gado, como bem se notou na I Mostra de Gado de Cria, realizada simultaneamente com o concurso de bois gordos deste ano e que procuramos espelhar com a realização deste suplemento.



★

A' esquerda,
excelente rep
dutor da Ra
Nelore:

FEITIÇ

aos 15 mêses
idade, baio
maça, e filho
grande B A
L U A R T I
rg. 9 e fut
chefe do plant

★

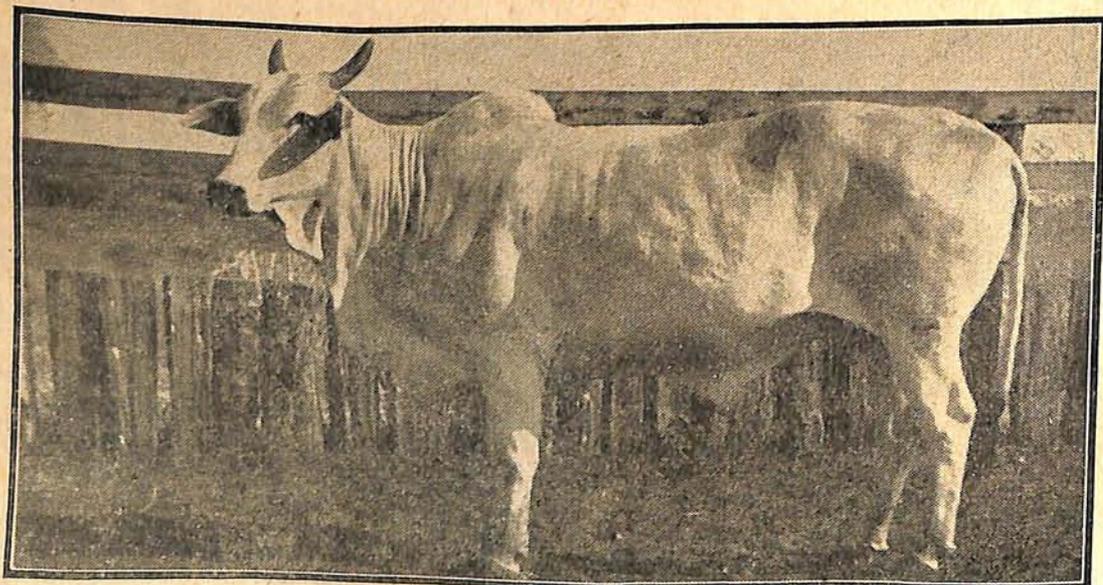
Retiro Alegre

Magnifico rebanho da Raça Nelore, de cerca de 300 reprodutoras, e grande parte registradas e chefiado por NOIVO, reg. n. 1.510 e ÊXI DE STA. AMINTA, propriedade do dr.

Alberto Franco do Amara

com 200 alqueires de excelentes pastarias, á margem da rodovia estadual e situada em o municipio de

Cx. Postal, 185 - **MIRANDÓPOLIS** - Est. São Paul



★

A' esquerda,
das grandes
produtoras
plantel:

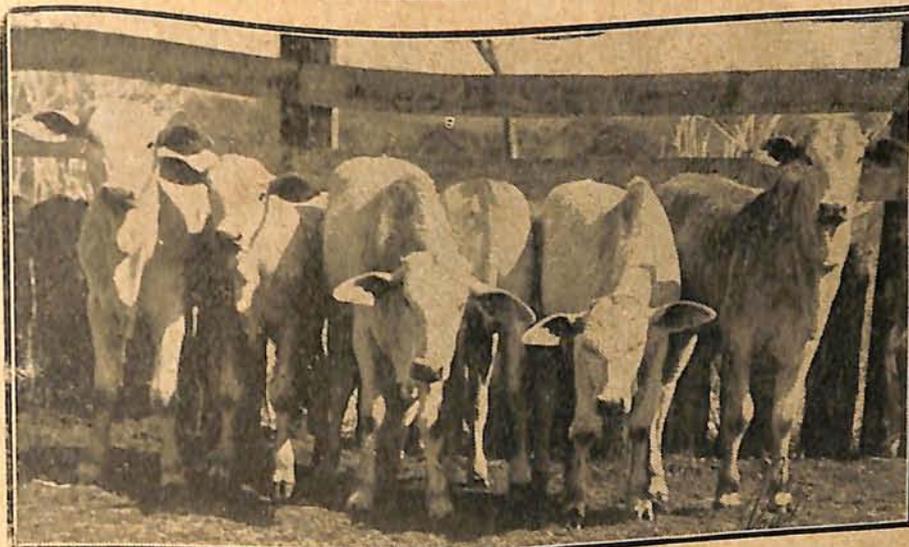
ENGANADA

fêmea registre
da Raça Nelore
de pelagem bá

★

A' direita, um grupo de finas bezerras da Raça Nelore, todas filhas do famoso **BALUARTE** - rg. 9, controladas, adquiridas recentemente do grande plantel do dr.

Teodoro Eduardo Duvivier - Rio.



RETIRO ALEGRE - MIRANDÓPOLIS



A' esquerda, um excelente grupo de fêmeas do plantel:

**CORNETA
ENGANADA
ARGENTINA
e ITAÚNA**

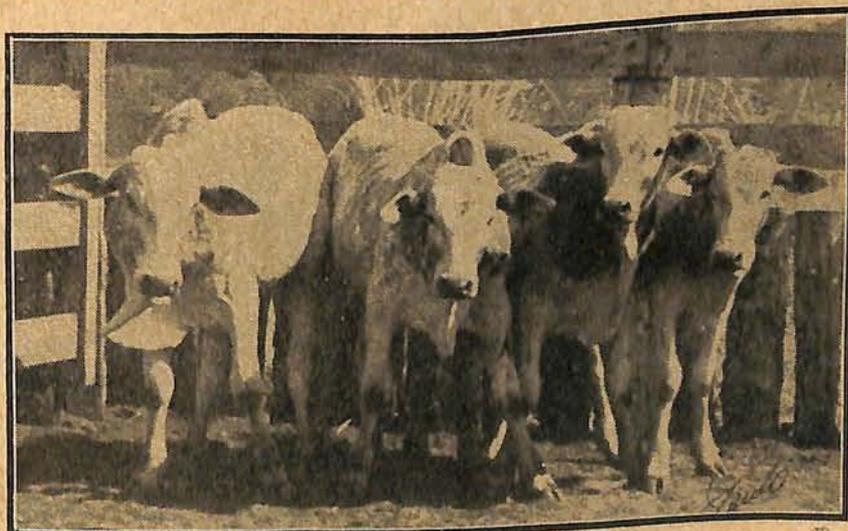
todas registradas pela Soc. Rural do Triângulo Mineiro.



VENDA PERMANENTE DE FINOS BEZERROS DA RAÇA NELORE



A' direita, um magnifico lote de bezerros da Raça Nelore, todos filhos do reprodutor **NOIVO** - rg. 1510, o excelente raçador que chefia o plantel do **RETIRO ALEGRE**.



Ao lado, as reprodutoras:

**REBECA e
ROSQUINHA**

excelentes fêmeas da Raça Gir, crias de Antenor Duarte e grandes figuras do plantel da fazenda.

★

FAZENDA "STA. MARIA"

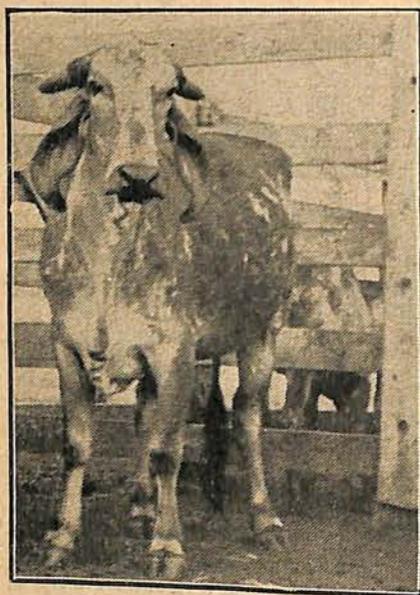
Grande plantel de criação de gado indiano da Raça Gir
— de propriedade de —

Elber Vieira Duarte

e situada a 30 quilômetros da sede do Município de

ARAÇATUBA

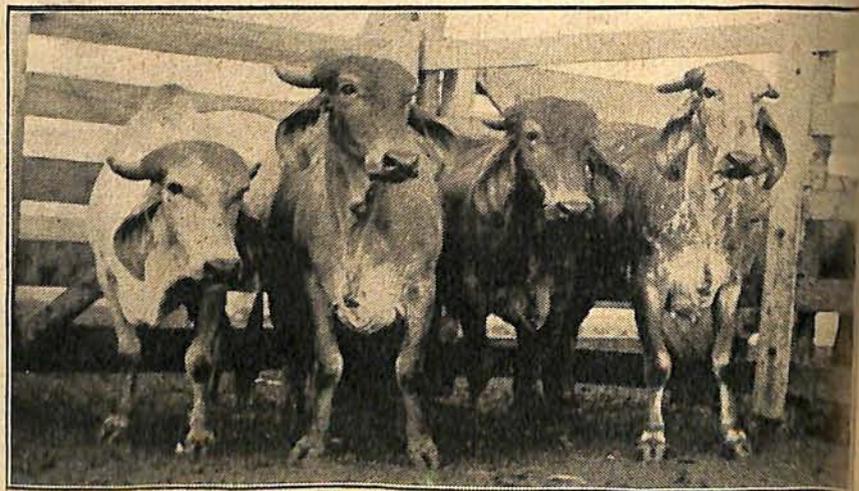
Rua Osvaldo Cruz, 56 — Est. São Paul



Acima, a reprodutora da Raça Gir:

BALALAIQUINHA

e, á direita, quatro outras excelentes novilhas Gir, todas elas crias do plantel da fazenda «STA. MARIA».



A VIDA de Araçatuba começou, pode-se dizer, em 8 de dezembro de 1908, quando a E. F. Noroeste do Brasil inaugurou, no seu quilometro 281, um modesto barracão de madeira, a fim de servir de ponto de pernoite para os viajantes. Ao lado da estação, a ferrovia mandou construir um hotel de tijolos, arrendado a Francisco Pegoraro, que foi assim um dos primeiros moradores da localidade. Também deixaram seus nomes ligados à fundação de Araçatuba os srs. Vicente Franco Ribeiro, Manuel Bento da Cruz, Elisio de Castro Fonseca e Cristiano Olsen, primeiramente, e Angelo Pavan, Antonio Viol, Antonio e Batista Saran, Miguel Caputi e muitos outros, que ali chegaram pouco mais tarde. Foi seu primeiro prefeito o sr. Joaquim Pompeu Toledo e primeiro juiz de direito o sr. Nelson de Oliveira Mafra.

A EVOLUÇÃO POLITICO-ADMINISTRATIVA

O mês de dezembro acha-se intimamente ligado à história local: foi em dias desse mês, se bem que em anos diferentes, que a povoação foi elevada à categoria de distrito, município e comarca. O distrito foi criado em 20 de dezembro de 1917, pela lei n.º 1.580; transformou-se em município, pertencente à comarca de Penápolis, em 8 de dezembro de 1921 (lei n.º 1.212) e finalmente foi elevado a



A R A Ç A T U B A

A PUJANTE "CAPITAL DO BOI GORDO"



Acima, dois magníficos flagrantes da grande cidade de Araçatuba capital da região noroeste de São Paulo, vendo-se, ao alto, dois dos seus grandes e modernos edifícios.

comarca, um ano mais tarde, em 8 de dezembro de 1922 (lei n.º 1.887).

DADOS GEOGRÁFICOS E ESTATÍSTICOS

A área do município, que era inicialmente de 12.812 km² está hoje reduzida a cerca de 2.750 km². Situado na margem esquerda do rio Tietê, sua topografia é absolutamente plana, sem qualquer acidente geográfico que mereça destaque. A população urbana é de 32.000 pessoas e da zona rural é calculada num total de 60.000 habitantes.

Araçatuba é servida pela E. F. Noroeste do Brasil e pelas linhas aéreas da Cruzeiro do Sul e da Real. Trafegam pelo município mais de duas dezenas de empresas de ônibus. Possui cerca de 2.200 veículos, inclusive 700 carroças agrícolas, 100 carros de aluguel, 170 charretes e 200 tratores. Cidade plana e asfaltada, há nela aproximadamente 1.100 bicicletas.

AGRICULTURA E PECUARIA

O município de Araçatuba possui 1.617 propriedades agrícolas, das quais mais de cem com área superior a 500 alqueires. Principais produtos da região: algodão, arroz, feijão, amendoim, milho, mamona e café. Mais de 7.100.000 cafeeiros estão frutificando atualmente.

Um dos maiores centros pecuaristas do Brasil Central, Araçatuba é conhecida pelo nome de Capital do Boi Gordo, tendo realizado o V.º concurso desse gênero, realizado no ano em curso. Sua população bovina é calculada em 400 mil cabeças.

COMÉRCIO E INDUSTRIA

Araçatuba possui um comércio altamente desenvolvido e uma indústria florescente, contando 1.013 estabelecimentos do gênero entre os quais podem-se citar 32 fábricas de pequena indústria, 35 hotéis e pensões, com 650 quartos, cerâmicas, olarias, serrarias, máquinas de beneficiar algodão, café, arroz, etc.

São os seguintes os estabelecimentos de crédito instalados na cidade: Caixa Econômica Estadual, Bancos do Brasil, do Estado, Comercial, América do Sul, de São Paulo, Bandeirantes, Lavoura de Minas Gerais e Nacional do Comércio e Produção.

Estabelecimentos Comerciais	728
Estabelecimentos Industriais	305
Farmácias e Drogarias	17
Estabelecimentos bancários	12

INSTRUÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

É elevado o número de estabelecimentos de ensino encarregados de ministrar instrução à população em idade escolar de Araçatuba: duas escolas normais, um colégio estadual, quatro ginásios, uma

escola de comércio, um conservatório, uma escola profissional; um curso do SENAC, quatro grupos colares, dois cursos primários anexos, 42 escolas márias isoladas, trinta escolas municipais, cinco ticulares e dois internatos, além de vários cursos Corte e Costura.

A assistência médico-hospitalar é prestada Hospital da N.O.B., em uma Santa Casa, duas de saúde e maternidade, ambulatório do IAP subpostos de Malária e Lepra, Dispensário de Tículose, Centro de Saúde e Posto de Puericultura. Existem ainda cinco asilos mantidos por entidades religiosas e mais três organizações assistenciais clusive a Casa da Criança e a Legião Brasileira Assistência.

IMPrensa E RADIO

A imprensa em Araçatuba é representada por dois jornais diários, o «Diário de Araçatuba e Comarca», além de uma revista mensal intitulada «Cadência». A PRI-8, Rádio Cultura de Araçatuba é a única emissora da cidade.

ASSOCIAÇÕES DE CLASSE, CULTURAIS E ESPORTIVAS

Funcionam em Araçatuba a Associação Comercial, Associação dos Empregados no Comércio, Associação Rural da Alta Noroeste e um sindicato. Quase todas as modalidades de esporte são praticadas nos clubes esportivos locais, entre os quais se salienta o Araçatuba Clube. Merecem menção ainda a Biblioteca Municipal, o Aeroclube, a Loja Maçônica e o Clube Filatélico.

OUTRAS NOTAS

Dos 4.700 prédios existentes na cidade, recebem os benefícios da rede de água e esgoto. A energia elétrica é abundante, possuindo o município uma subestação de 66.000 volts de recepção.

Têm sede em Araçatuba as seguintes entidades: Delegacias Regionais de Ensino, de Polícia e de Zenda; Inspeção Regional do Ensino Secundário; agências do IAPETEC e do IAPC; Casa da Lavagem e Serviço de Erosão; Fazenda Experimental do Estado; e Departamento de Estradas de Rodagem.

A receita da Fazenda Estadual em 1952 atingiu a cifra de Cr\$ 39.309.112,00; a União arrecadou no mesmo exercício aproximadamente a quantia de Cr\$ 15.000.000,00 sendo de Cr\$ 15.083.451,90 a receita municipal de 1952 e de Cr\$ 19.406.000,00 a arrecadação orçada para o corrente exercício.

A renda da Estação da NOB foi a seguinte: Importação Cr\$ 14.830.210,30; Exportação Cr\$ 13.374.223,80, tendo havido um acréscimo de Cr\$ 8.467.700,00, sobre o exercício anterior.

O ZEBÚ SERVE PARA TUDO

Precocidade, Peso e Rusticidade

O criador nacional, inteligente como se tem mostrado, sempre antecipa sua iniciativa privada, às obrigações dos órgãos públicos, em qualquer cometimento pela melhoria do nosso rebanho — de que é exemplo o esforço uberabense pelo zebú, desde suas primeiras importações da Índia e, pelo século em fora, nas lutas pela sua preservação.

Assim tem sido sempre, quer se encarem as experiências pelo zebú leiteiro do Estado do Rio, pelos cruzamentos da Mata de Minas, em favor do fortalecimento dos seus plantéis de leite pelo sangue indiano, á obtenção de forragens nativas em Alagôas, ou do esforço dos criadores do Marajó. Em todos esses exemplos, a

O ADMIRAVEL TRABALHO SELETIVO DE ANTONIO LUNARDELI, EM VALPARAISO - S. P.

iniciativa, o esforço, a tenacidade do criador nacional lava-o, bem, da mancha de indolência com que, d'antão, se quis marcá-lo.

Para nós, zebuístas, todos esses trabalhos, atrás mencionados, nos trazem uma satisfação especial, uma vez que, em todos eles, lá está o zebú servindo de remédio, o que dá a impressão de uma terapêutica única empregada para todos os males ou deficiências no aumento e melhoria do nosso rebanho.

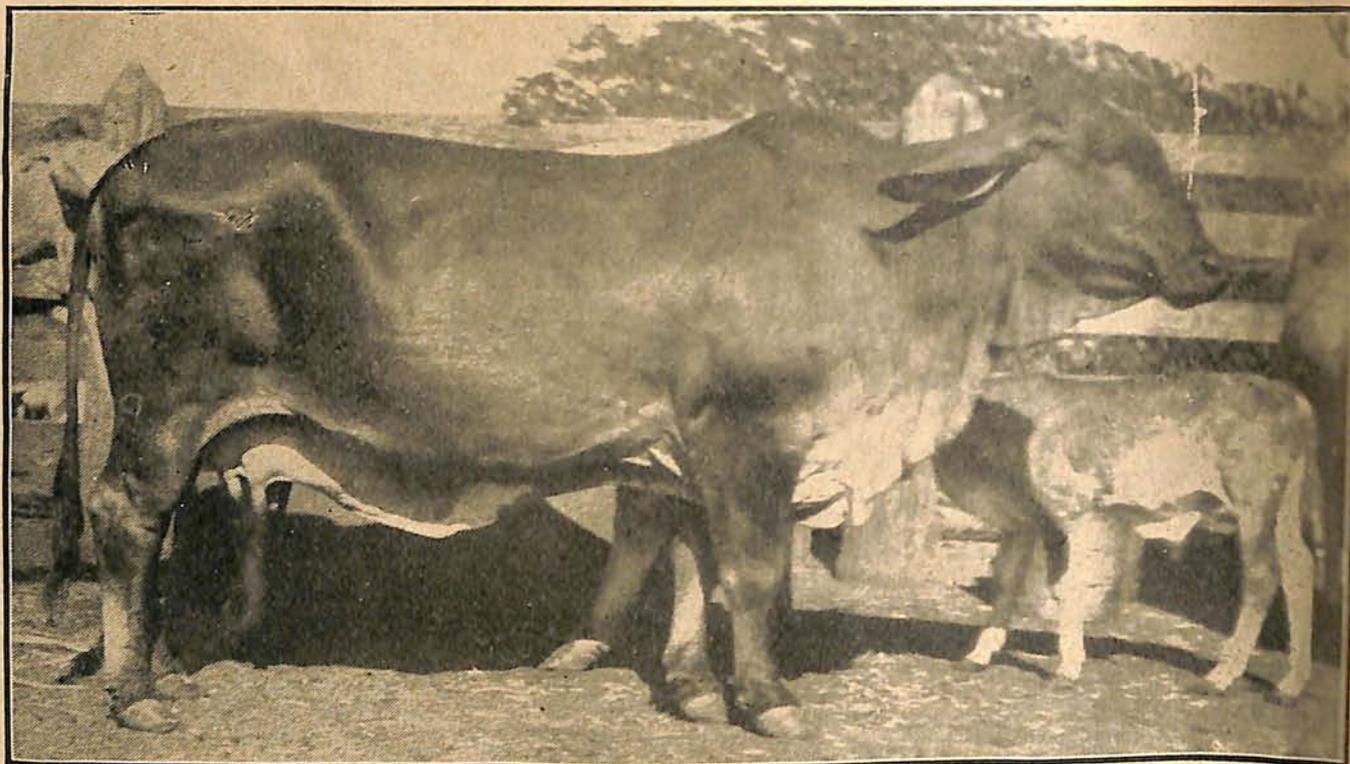
UM MAGNIFICO ESFORÇO

Organizando um trabalho de divulgação do esforço de seleção zebuína desenvolvido pelos criadores da Noroeste, em São Paulo, fomos encontrar u'a magnífica experiência de uma raça mixta, com base no zebú, iniciada pelo criador, sr. Antonio Lunardeli, um veterano das lides do criatório nacional, em sua Fazenda Primavera, no Município de Valparaíso e com seu escritório comercial à Rua Líbero Badaró, 152 - 19.º, em São Paulo.

E' um trabalho em que aquele criador persevera, há vinte anos, tendo obtido um resultado auspicioso e animador que o impulsiona no sentido de um melhor



A UNIFORMIDADE E O PESO SÃO OS ATRIBUTOS PRINCIPAIS DA SELEÇÃO ZEBÚ x CARACU



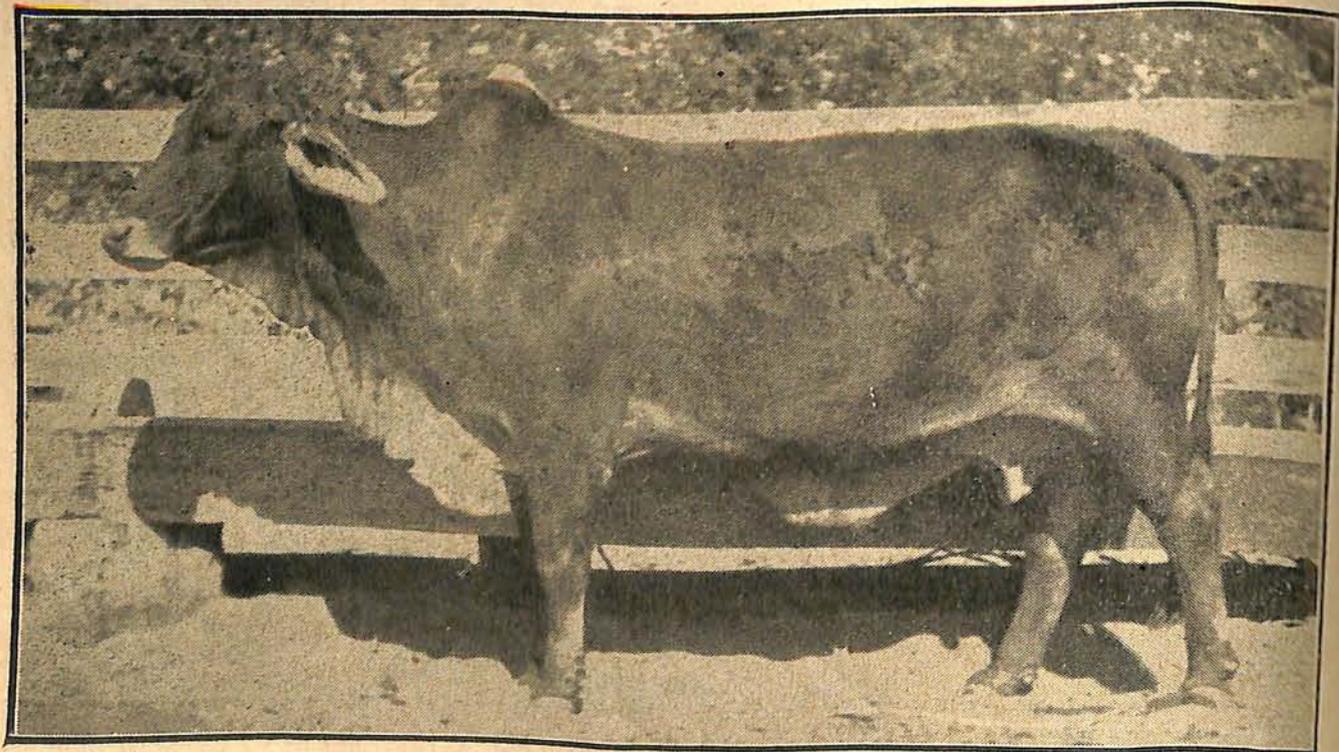
aproveitamento do que já conseguiu e que é relevante.

NA FAZENDA PRIMAVERA

Em dias da primeira quinzena de Agosto último, o

nosso representante visitou em sua fazenda de criação, uma estância mista de gado e lavoura, em que esta ocupa uma grande área, ostentando um total de 150 mil cafeeiros.

O que nos levava à Fazenda Primavera, em companhia do fazendeiro Antonio Lunardeli, era a ciência de que esse inteligente criador efetuava um trabalho de cruzamento de zebú com e



caracú-mocho, o qual já atingira um grau de desenvolvimento e progresso merecedor de ser visto, admirado e seguido.

VINTE ANOS DE UM CRUZAMENTO PROMISSOR

Em sua Fazenda Primavera, há vinte anos, tendo começado em 1933, o sr. Antonio Lunardeli possuía um plantel de cerca de 30 fêmeas da raça Caracú, mochas.

Como nos afirmou, aquele gado não o satisfazia, pois desejava uma raça mansa, rústica, precoce e de produção mista, mais apropriada aos fazendeiros e sitiantes que visam, além da carne e do leite, a obtenção de adubo, em pequenos currais, sem os inconvenientes das chifradas ainda mais. Esse era, no Caracú, o seu único atributo — as qualidades de ser môcho e manso. No mais, dava muito pouco leite e era pouco pre-

coce, tendo ainda a desvantagem de ser um môcho de couro grosso e varador de cêrcas.

A PRIMEIRA TENTATIVA

Aí, diante do problema, fez a primeira tentativa de solucioná-lo, introduzindo em sua vacada caracú-mocho, um reprodutor holandês.

«Com o primeiro produto — disse-nos o criador, sr. Antonio Lunardeli — fui levado a desistir, porque era de pouca resistência, apresentando uma percentagem elevada de mortalidade de bezerros».

RECORRENDO AO ZEBÚ

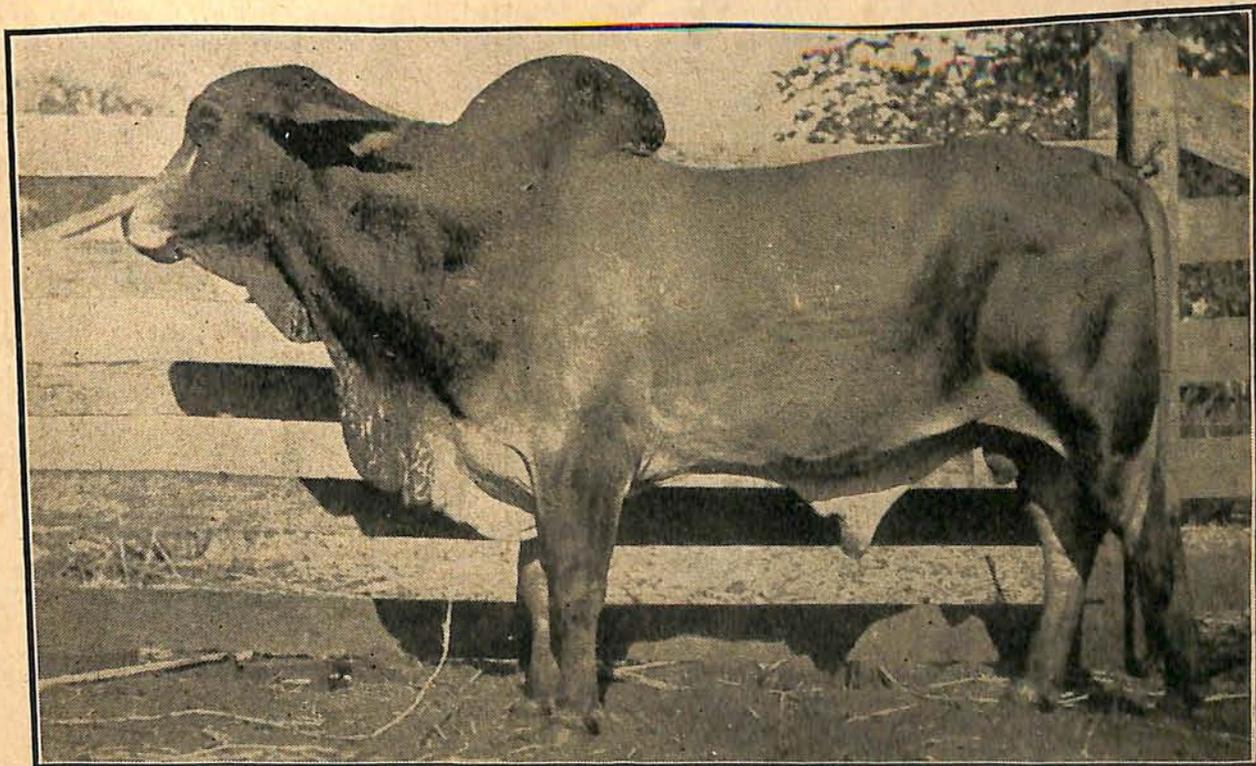
«Foi quando pensei no zebú — prossegue o nosso entrevistado — não sem um pouco de cisma, porque, nos livros que conhecia até então, um «anti-zebuísta» apontava no cruzamento do «Bos Indicus» com «Bos

Taurus» o respectivo produto como sendo um híbrido.

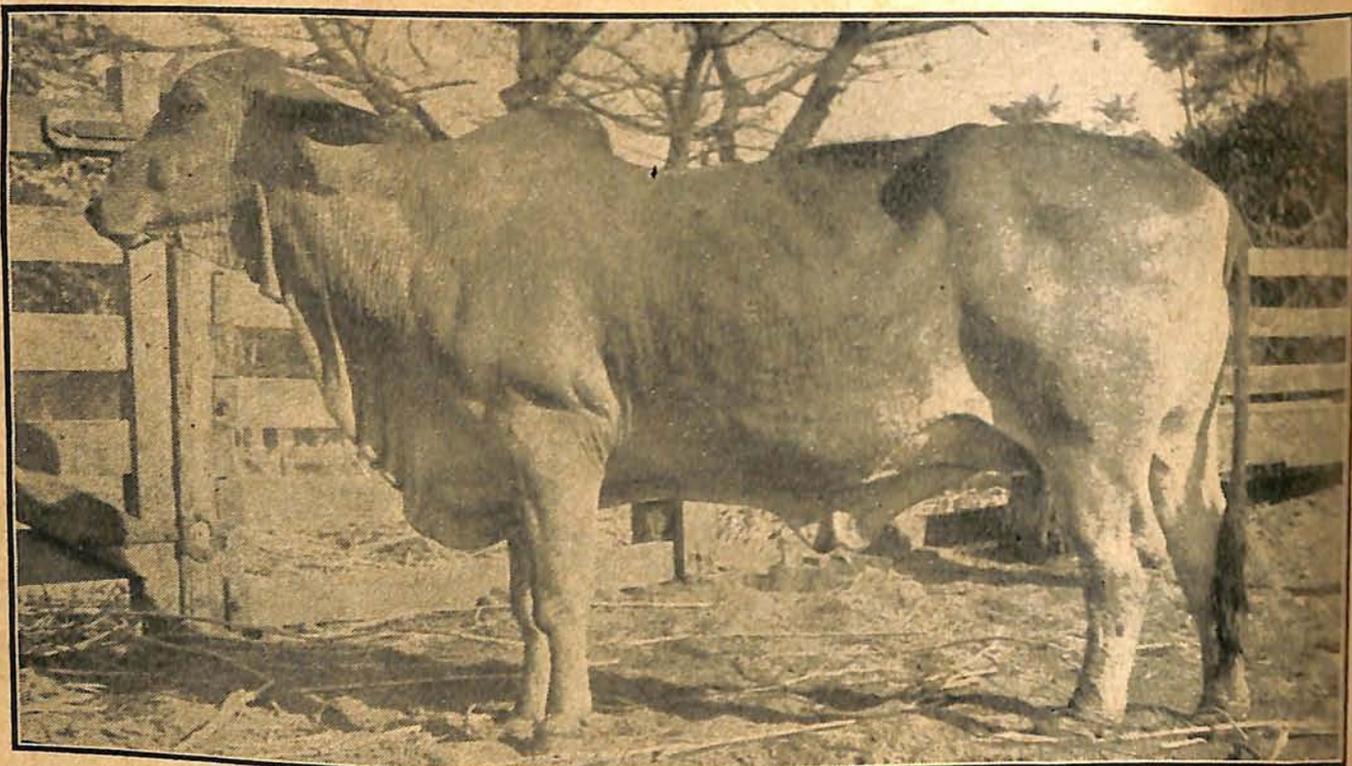
«Vencendo, entretanto, aquela crença, fui logo me encorajando com o primeiro resultado e conservei a cisma unicamente para precaver-me de utilizar touros mochos, digamos «híbridos», enquanto não aparecesse um produto que me satisfizesse plenamente desde o nascimento, em tamanho médio, muita robustês, muita vitalidade e tivesse um desenvolvimento de um tipo conveniente, com preponderância de sangue zebú.

«Este primeiro produto apareceu em 1947, da vaca Camocha, com o filho que ficou sendo chamado Mochoco — e que agora rebatizamos com o nome de Príncipe.

«Além dele, daí por diante, foram aparecendo mais outros, todos de produção já comprovada, e eu, então, já sem nenhuma cisma, prevejo os resultados felizes,



PRINCIPE, UM ANIMAL MAGNIFICO DE CONFORMAÇÃO, CHEFIA HOJE O PLANTEL



CAMOCHA — A MÃE DO REPRODUTOR — E' COMO SE VÊ UMA GRANDE MATRIZ

tanto seja querendo no mesmo gado acentuar o sangue zebú ou como, em se querendo, acentuar a predominância caracú.»

O PLANTEL ATUAL E SUA TENDÊNCIA

«O plantel de gado mocho, atualmente, é de umas 200 rêses — diz-nos o criador. — Poderia ser de 500 a 600 si, de início, com a idéia fixa de fazer um gado leiteiro, não houvesse levado a efeito (ao lado das eliminatórias, que até hoje eu adoto, sistematicamente, nos meus plantéis, das vacas que perdem bezerro), também no gado môcho, a eliminação de toda novilha de pouco leite, não importando criasse bem ou fosse tipo ideal para carne. Somente a partir de 1951 — quando já estava em condições de poder retirar os touros de chifre do meu gado môcho — passando a utilizar como touro o próprio

produto mocho, certifiquei-me da vantagem de prosseguir selecionando, ao lado de uma variedade de mochos de produção mista, também uma variedade só para carne.

ENTUSIASMO E CONFIANÇA

Nesse ponto de sua entrevista, nota-se a satisfação, o entusiasmo e a confiança que domina o criador, em face dos resultados conseguidos:

«Hoje me sinto entusiasmado com os resultados porque quanto à produção de carne dessa variedade, para não dizer «dessa nova futura raça», melhor do que eu podem falar os açougueiros que têm abatido por tanto tempo as minhas eliminatórias, em Valparaíso.

«Não sei se pelo resultado do cruzamento ou do ambiente zona, o fato é que o tipo especial para carne foi

e é sempre mais preponderante e persistente.

«Por amor à verdade, quanto ao tipo para produção leiteira — é preciso que eu diga que ainda não pode ser avaliado com justeza, pois, para isto, só agora me vou preparar convenientemente. Não há dúvida de que o gado holandês é a melhor máquina de produção de leite — porém só produz quando num ambiente em que a matéria prima «alimentação» é distribuída regularmente o ano todo. Assim, não se pode pretender dele uma boa produção, como no caso do meu gado mocho, num regime de campo e cocheira só para fazer adubo, ainda mais numa zona em que as estiagens são tão prolongadas.

EXPERIÊNCIA INVERSA PARA GADO DE CORTE

«Como temos na Fazenda Taboleiro, no mesmo muni-

cípio, 1.600 vacas, 800 com touros gir e 800 com touros nelore — quanto à produção de carne daqui por diante, o meu plantel de mochos estará habilitado a me fornecer touros para experimentação agora um cruzamento inverso — touro mocho em vacadas de chifres, ao passo que, inicialmente, foi de vacas mochas com touros de chifres».

CONSIDERAÇÕES PARA A CLASSE

O sr. Antonio Lunardeli é profundo conhecedor dos assuntos de nossa pecuária. Expressa-se com eloquência e propriedade e é um gôsto ouvi-lo e, para que os seus colegas de todo o País possam apreciar, pesar e usar, sua experiência e vontade de cooperar, não nos furtemos ao prazer de prosseguir a entrevista que nos concedeu:

«Já que estamos em assunto de pecuária, vem a propósito ventilar alguns

particulares que interessam à classe e que me preocuparam desde que me iniciarei nesse ramo. Sou criador, recriador e invernista da própria produção. Formei na Fazenda Taboleiro 1.000 alqueires de pasto, exclusivamente para me dedicar à pecuária, como se forma e planta uma fazenda de café para vender o produto pronto para o consumo».

PREVISÃO E FINANCIAMENTO

«Logo de início percebi que o fazendeiro pecuarista se aperta e é obrigado a sacrificar a produção e ter insucesso, por dois motivos:

1.º) — Por imprevisão e falta de cálculos no número de fêmeas e consecutivas produções até 3 anos e meio a 4 e a conseqüente falta de pasto.

2.º) — Por recursos financeiros ou falta de financiamento.

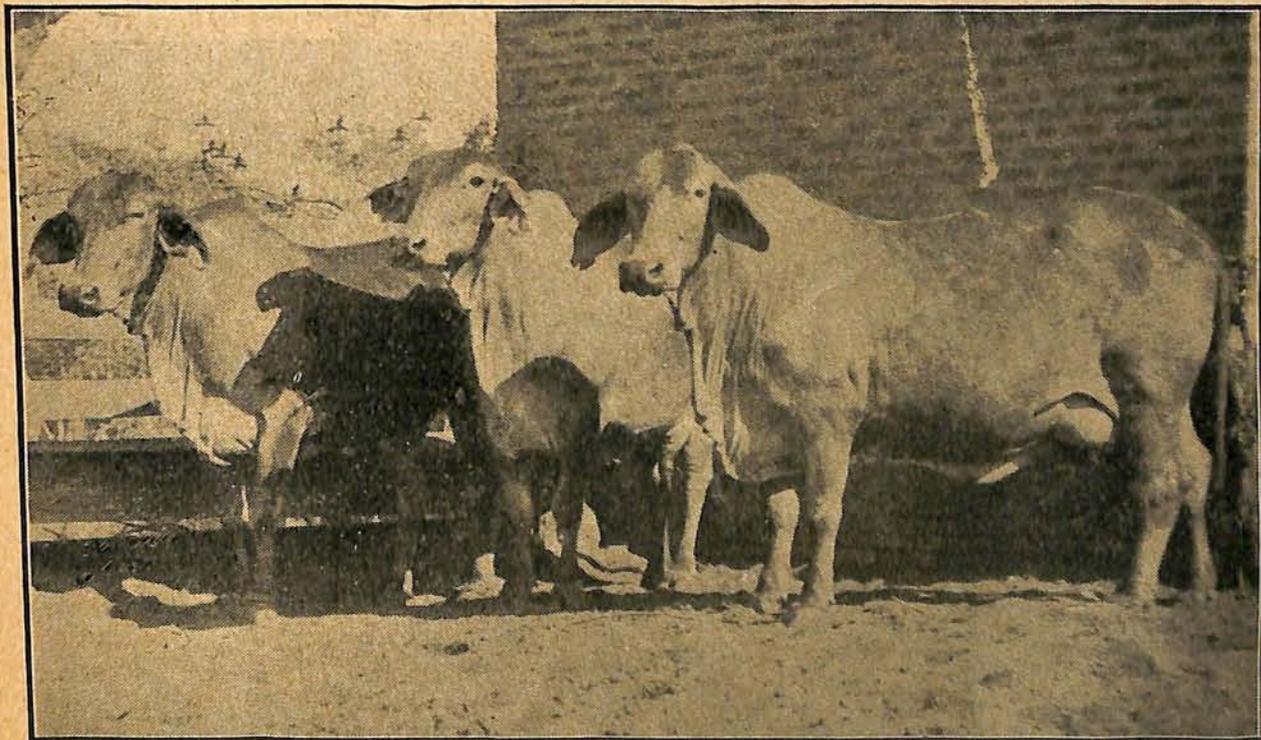
«Ao iniciar a formação da Fazenda Taboleiro em

1941 — quanto à lotação de 1.000 alqueires na zona — estabeleci o número fixo de matrizes em 1.600 fêmeas e 80 touros. Calculando uma produção viva anual de 70%, eu teria no fim do primeiro ano — 2.800; no fim do segundo — 3.920; no fim do terceiro — 5.040 e, ao fim do quarto — 6.160, lotação máxima absoluta, pois que, desde o início do quarto ano, já poderia sair a produção-colheita do primeiro ano».

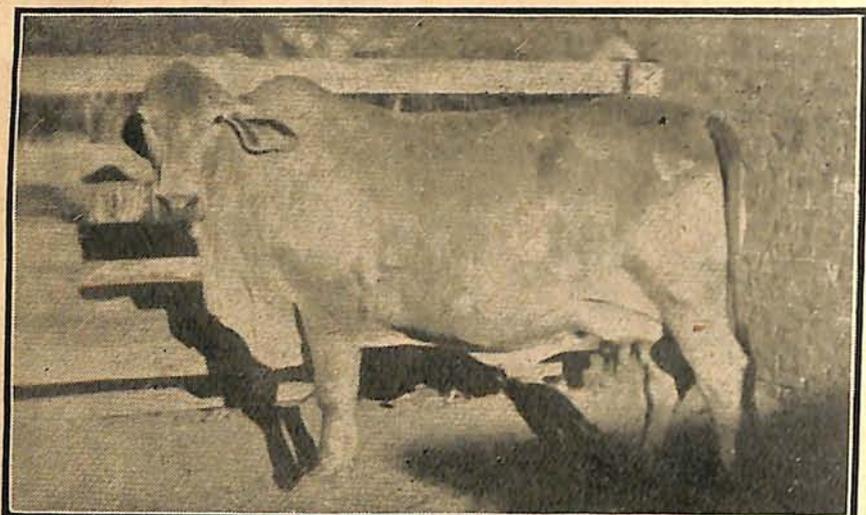
DESACERTO E DESAJUDA

Como sempre aqui temos repetido, em todos os planejamentos, falha sempre o poder que devia amparar e se traduz em desânimo e desesperança, mesmo para os mais eficientes e mais persistentes. Conosco afina a opinião do nosso entrevistado:

«Quanto ao recurso financeiro também me precevi em tempo, no Banco do Bra-



COM QUE INGREDIENTE — FORA DO ZEBÚ — PODEM-SE OBTER ANIMAIS DESSE PORTE E PESO?



sil, para garantir o custêio anual. Tudo ia muito bem e por três a quatro anos consecutivos o Banco me forneceu o custêio e eu fiz a respectiva liquidação anual; sômente neste ano de 1953, não sei porque cargas d'água, o Banco me suspendeu o financiamento...»

INTERESSANTE CONCEITO SOBRE ABATE

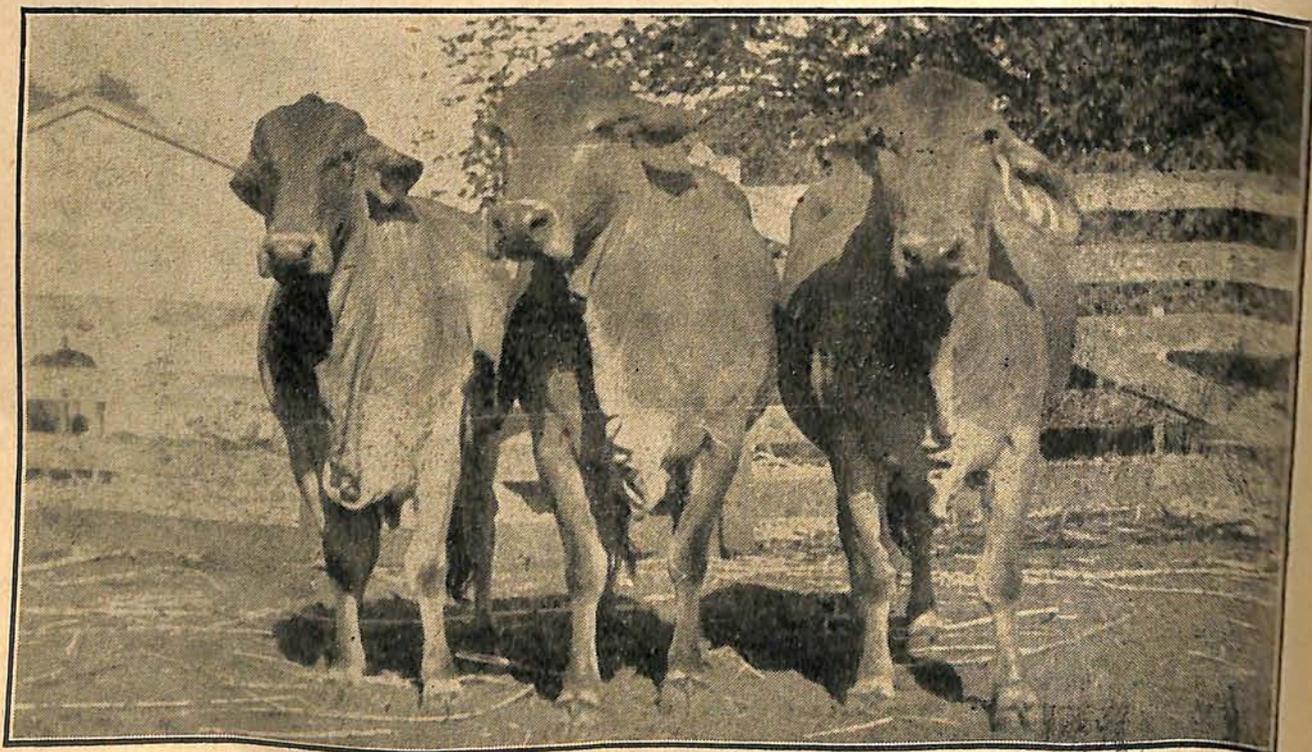
Terminando sua entrevista

ta ao nosso representante, o sr. Antonio Lunardeli expende curiosa teoria sobre a matança de fêmeas, a qual aí a apresentamos para estudo dos seus colegas brasileiros:

«Outro motivo de desânimo para quem se estabelece com uma fazenda de criar é quando o plantel está completo com o número máximo de matrizes, não precisando mais das novilhas.

«Porque, pelo que me parece, só aquí no nosso País uma novilha vale menos que um novilho. O incentivo da produção, creio, obter-se-ia melhor com a livre matança. A princípio haveria talvez um desfalque, mas, em seguida, o interesse, que é a mola mestra de todos os incentivos, agiria poderosamente. E se não quizessemos arriscar um desfalque inicial com a livre matança, poder-se-ia, ao menos, dar uma quota transferível, a todo fazendeiro pecuarista, organizado com uma fazenda de criar.

«Por exemplo: a Fazenda Taboleiro com uma produção anual de 1.120 rêses deveria ter um quota de 560 fêmeas. Assim haveria o incentivo de outros quererem se estabelecer com fazendas de criar e não longe o dia em que as novilhas que, além de serem carne como os novilhos, valeriam mais porque são matrizes, teriam o seu verdadeiro destino com novos criadores.»



A PRESENTAMOS nesta páginas
um grande reprodutor da Raça
Nelore, **GOITACÁS**, o chefe do
plantel de sua raça na

Fazenda Barreiro

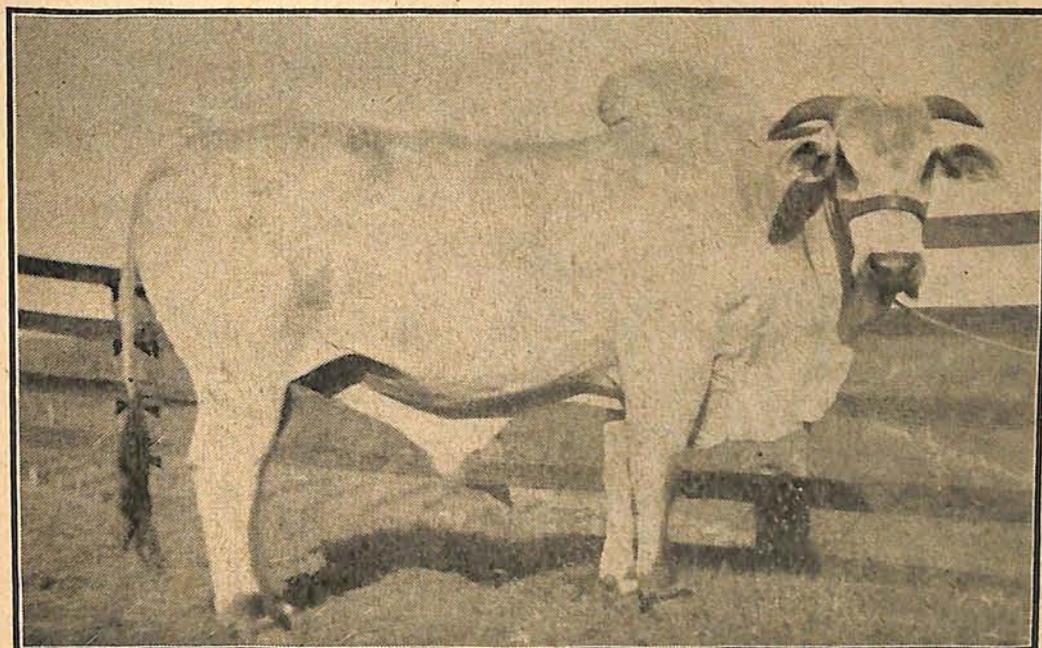
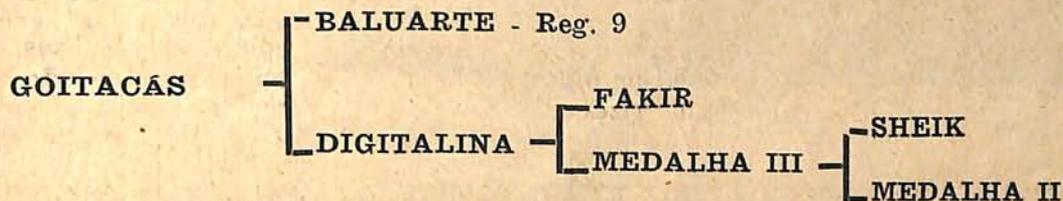
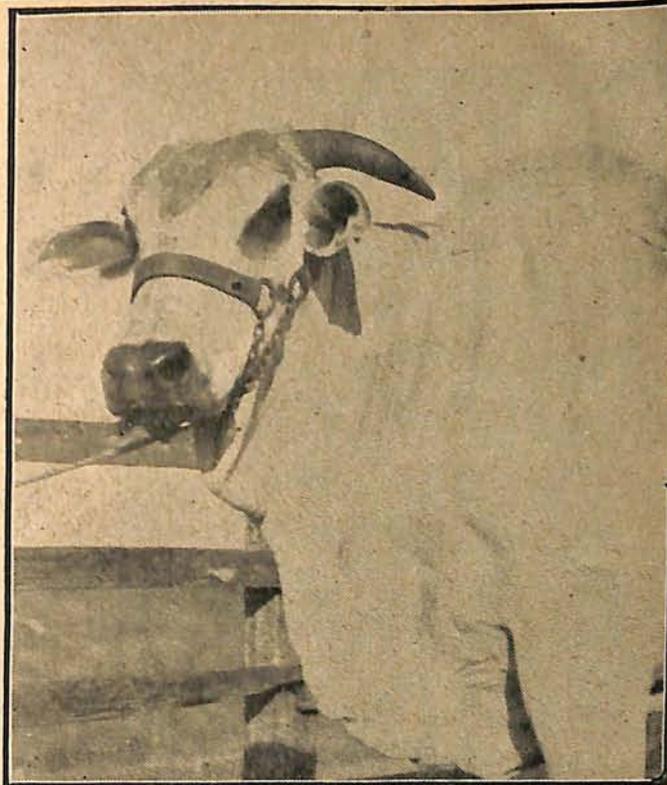
de propriedade do criador

**Sergio Assunção
de Toledo Piza**

e situada no município de

PIRAJUÍ - NOB

Cx. Postal, 202 — E. S. Paulo



Acima e, ao lado, o reprodutor da Raça Nelore:

GOITACÁS

reg. n. 1.597, de pelagem báia, e chefe do plantel de seleção na

FAZENDA

BARREIRO.



Não venha visitar-nos... a não ser que est



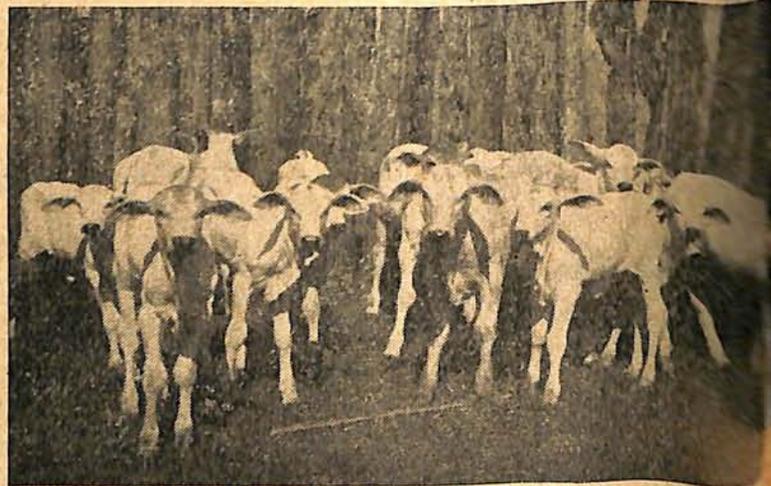
— DADIVA —

D S



FULGOR - RS

MANSO — PRO



BEZERRADA MAMANDO



FAZEMOS TR
DE ALGUNS B

DONAI
CAIXA POST
ARAÇAT

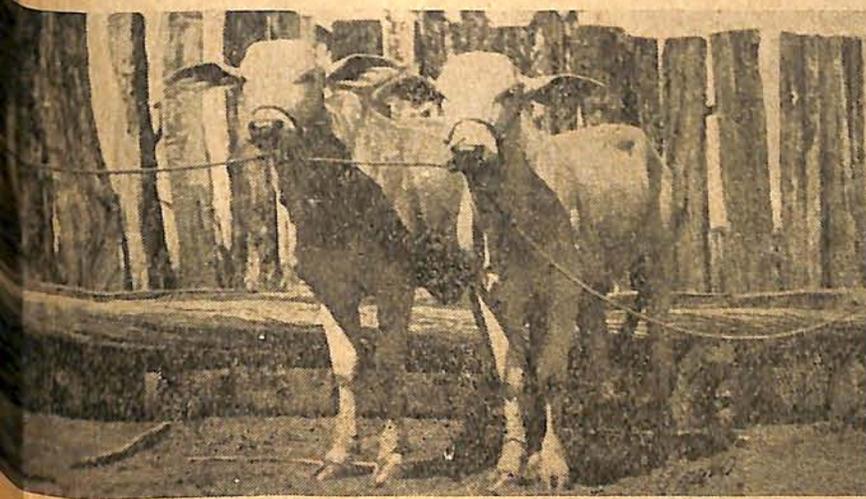
ZEB

Interessado em Gado Nelore, raçudo e pesado!



...se a perfeita inserção de chifres
no traseiro.

TICO — PRECOCE



BEZERRAS DESMAMADAS

PARA ENTREGA
DOS NA DESMAMA

STRANG

TELEFONE, 360

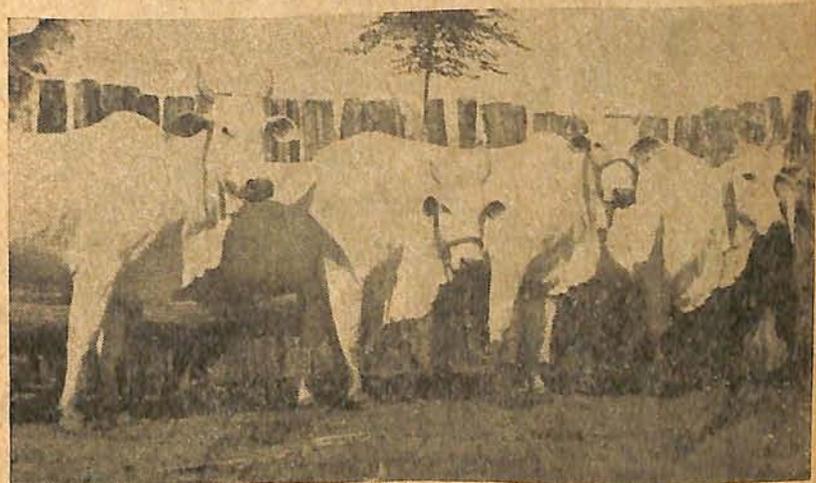
EST. S. PAULO

SETEMBRO 953

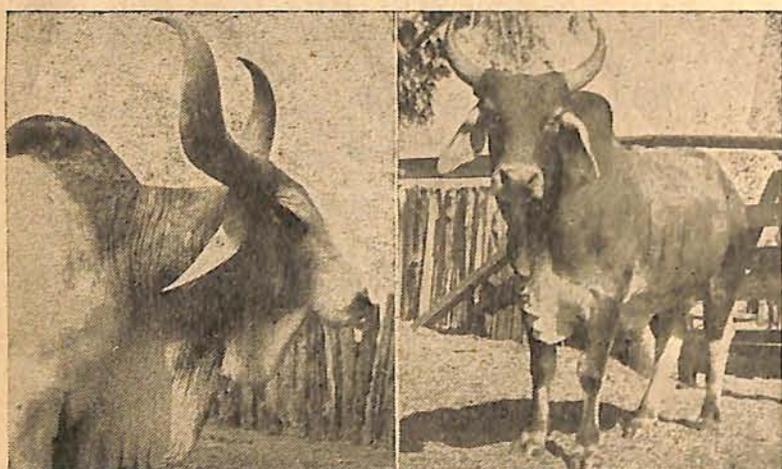


FULGOR — RG. 836

DS



Si pretende Zebú para carne e leite, e



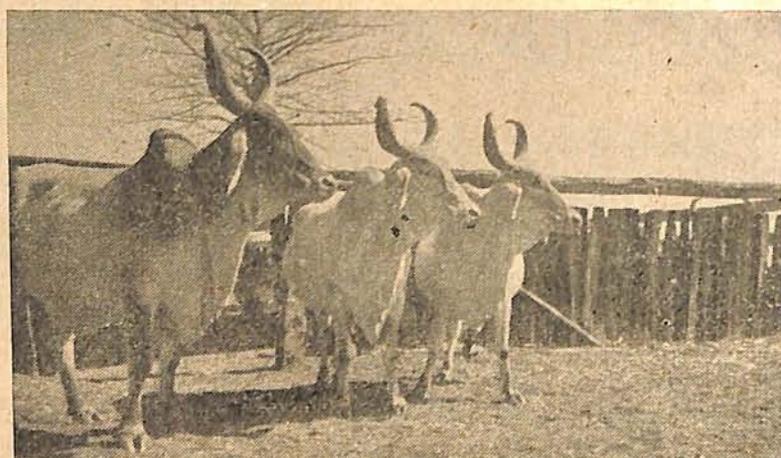
DOLAR

BUGRE

PESADO

LE

DS

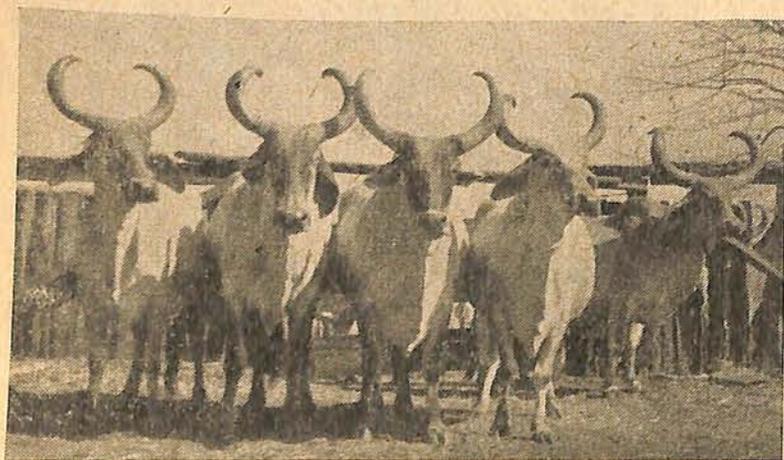


REPRODUTORAS



LOT

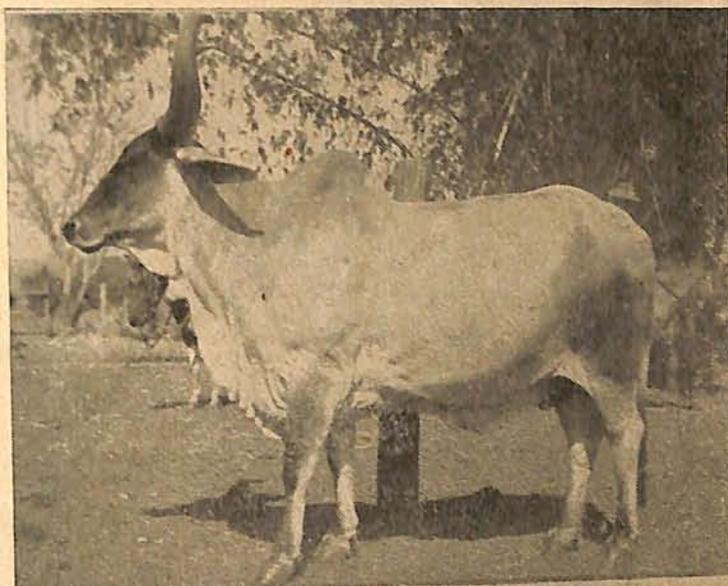
SO' PODEMOS ESTUDAR NEGÓCIO
JULHO - 19



DONAL
CAIXA POSTAL
ARAÇAT

Convidado a conhecer este Guzerá:

IRO
e RUSTICO



NEDERLANDIA
E ESMERALDA



ZERROS

D S

A ENTREGA DE
M DIANTE



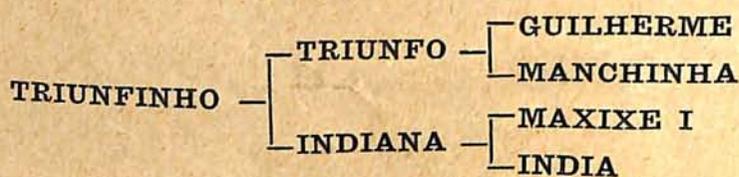
STRANG
TELEFONE, 360
EST. S. PAULO

SETEMBRO 953

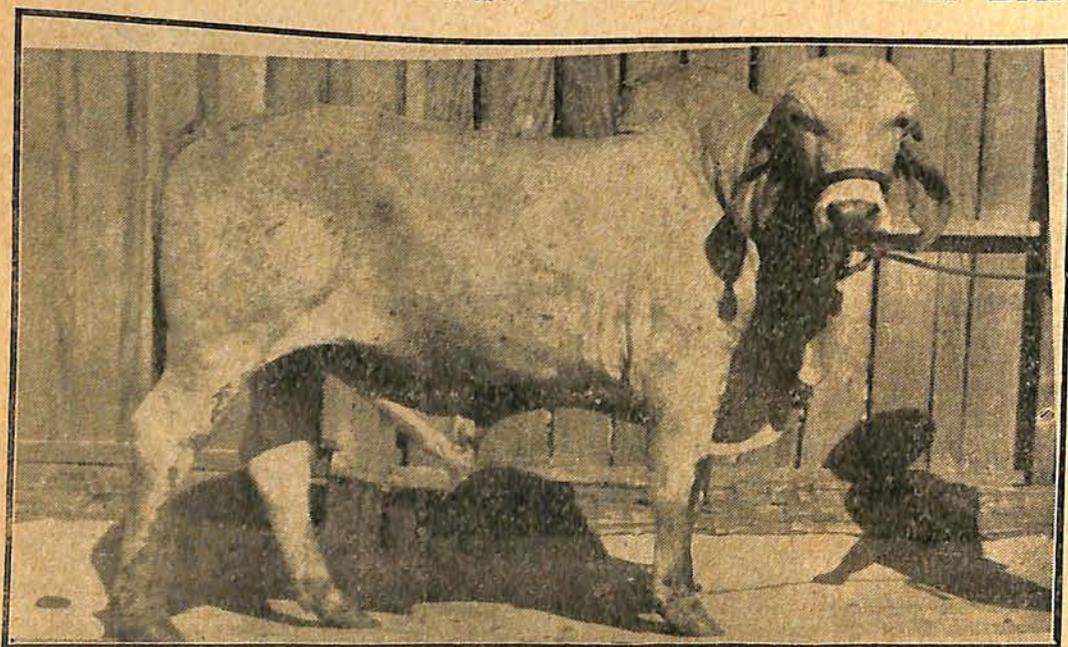
A PRESENTAMOS nestas páginas, algumas das grandes figuras do plantel da Raça Gir, situado em a **FAZENDA VITÓRIA**, no Município de Pereira Barreto - Est. de S. Paulo. São 1.164 alqueires de vastas pastarias de propriedade de uma sociedade pastoril de criação de gado fino e de córte. Da seleção da Raça Gir que ali se está empreendendo, há 300 reprodutoras, chefiadas pelos reprodutores **TRIUNFINHO**, **CALIFA** e **MINEIRINHO**, três magníficos espécimes de procedência comprovada e muita raça.



Eis a descendência do excelente reprodutor:



Enderêço dos criadores: **AVENIDA PEREIRA BARRETO, 18**



★
Acima e, ao lado, o reprodutor da Raça Gir:

TRIUNFINHO

chita de vermelho, com 36 meses e um dos chefes do plantel da Fazenda Vitória.

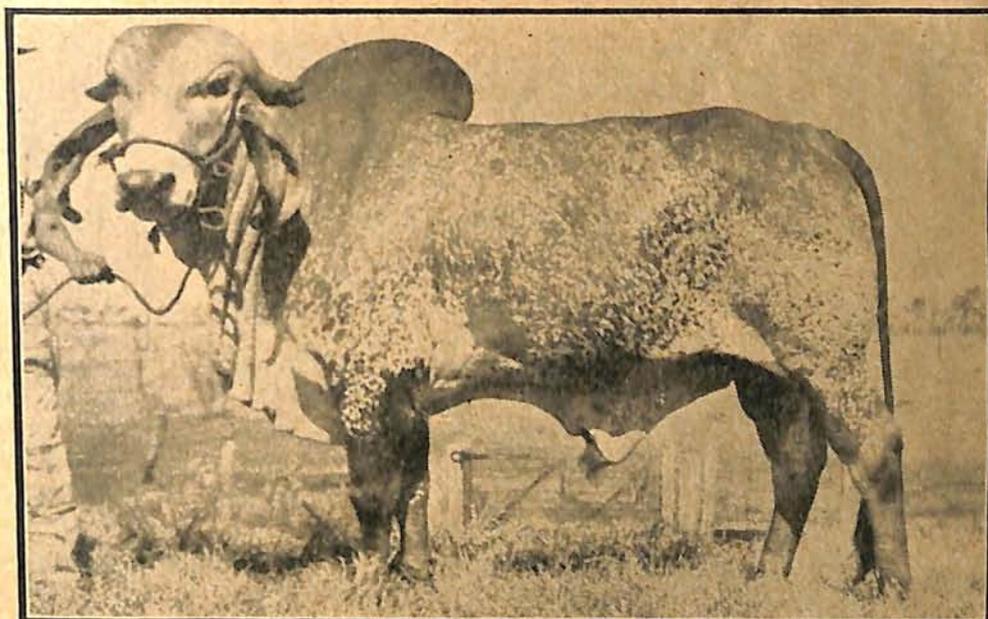
★



À direita: outro
dos reprodutores
Gir, do plantel

CALIFA

com 36 meses,
registrado, chita
de vermelho e
filho de MAXI-
XINHO e NO-
BREZA, ambos
registrados.

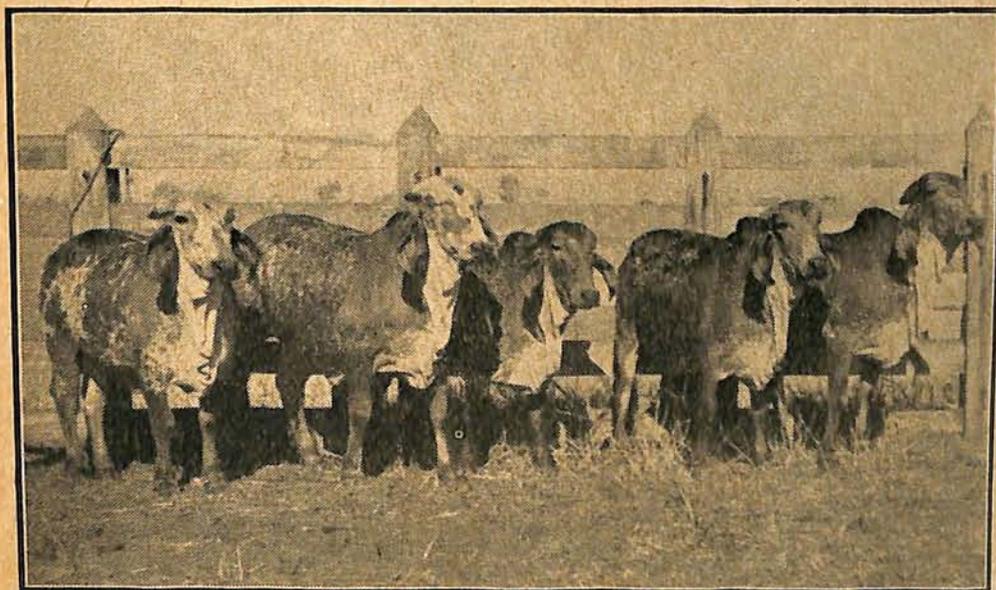


Fazenda Vitória

MAGNIFICO
PLANTEL DA
RAÇA GIR, DE
PROPRIEDADE DE

Francisco Cocapieler
José Augusto Cocapieler
Jorge Quintiliano

Município de PEREIRA BARRETO - Est. São Paulo



A' esquerda, um
admirável grupo
de novilhas Gir
de 2 anos:

FRANCA
NOBREZA
FRANÇA
URCA e
ALTEZA,

a segunda e a
última filhas de
Turbantinho; a
terceira de Tri-
unfo e a quarta
de Iman.



GADO LEITEIRO PARA AS REGIÕES TROPICAIS DO BRASIL - CENTRAL

— J. BARRISSON VILLARES —

A produção de leite nas regiões tropicais é ainda uma questão em aberto á investigação zootécnica. No entanto, o crescimento demográfico das áreas tropicais do Brasil-Central, o

rentes de idéias sobre a constituição étnica dos agrupamentos de bovinos capazes de promover o melhoramento da produção leiteira, em regiões análogas ao Brasil-Central. Em

bovinos europeus para a zona tropical, mediante técnicas de adaptação ao novo ambiente, seria a maneira mais rápida de obter o melhoramento da produção leiteira. E' o aproveitamento



Acima — três das magnificas reprodutoras da Raça Guzerá, parte do plantel leiteiro em seleção, pelo D.P.A. da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, em sua fazenda experimental situada em Araçatuba.

seu desenvolvimento progressista em vários setores de atividades, exigem que se providencie o melhoramento da produção e consumo de leite, como índices de civilização de suas próprias populações.

Em geral, os estudiosos dividem-se em várias cor-

princípio, cada uma das orientações parece correta, restando á experimentação revelar as normas zootécnicas de suas aplicabilidades.

Alguns especialistas imaginam que a pura e simples transplantação de raças de

dos animais já selecionados durante decênios, para aquela finalidade. Modernas aquisições científicas referentes ao combate as ectoparasitas e às doenças de que eles são os vectores vieram amenizar alguns detalhes da pesada tarefa de adaptação de bovinos das

áreas temperadas na faixa tropical. Pensando desta maneira, o Departamento da Produção Animal de S. Paulo possui rebanhos de bovinos de raça Holandêsa, Flamenga, Schwytz, Jersey, em processo de adaptação e seleção em fazendas experimentais.

Outros zootecnistas acreditam que a seleção de raças crioulas ou nacionais, como ecotipos, poderia oferecer resultados mais estáveis, embora mais demorados para a produção leiteira, do que o trabalho de permanente importação de raças exóticas com seus problemas peculiares de adaptação á nova ambiência. Participando do ponto de vista de que o melhoramento da produção leiteira nos trópicos pode receber a contribuição das raças nativas, o Departamento da Produção Animal de São Paulo dispõe de rebanhos de bovinos de raça Caracú em plena seleção leiteira.

Outro grupo de estudiosos opina que, si a adaptação direta de bovinos especializados na Europa é cara e instável, nos trópicos, ou si a seleção do gado crioulo é demorada, a combinação desses dois agrupamentos étnicos constituiria a fórmula de rápido aumento da produção leiteira pela indireta naturalização dos rebanhos da Europa na faixa tropical. O Departamento da Produção Animal realiza várias combinações desse tipo, entre bovinos da raça Caracú e Holandês preto e branco, Flamengo e Holandês vermelho e branco, nas fazendas experimentais.

Alguns observadores têm idéias análogas ao grupo anterior, relativamente ás

vantagens de reunir bovinos pertencentes às raças adaptadas ao meio tropical com bovinos especializados á alta produção leiteira, mas aconselham o uso de raças zebuínas como base de melhoramento, em lugar das raças nacionais. E' na verdade uma variante de especial importância. Atendendo também a esta corrente de idéias, o Departamento da Produção Animal deu início aos primeiros trabalhos planejados de fusão de bovinos de raça Gir e Jersey, numa de suas fazendas de experimentação.

Um contingente de técnicos e criadores, fundamentados nos bons resultados obtidos com as raças zebuínas na produção de carne e noutras partes, advoga o ponto de vista de que o gado zebú deveria ser selecionado para a produção de leite nos trópicos. O slogan de que «hoje nós comemos zebu e amanhã iremos comer e beber zebús», representa a esperança de pessoas que conhecem as reais condições do Brasil-Central. Em 1952, o Departamento da Produção Animal fundou um núcleo inicial de zebú leiteiro, de raça Guzerá, no Posto Experimental de Criação — afim tentar ainda mais esse caminho, completando o seu quadro de experimentação zootécnica.

E' importante registrar que o Departamento da Produção Animal não tem idéias preconcebidas á propósito das preferências dos agrupamentos étnicos de animais destinados á produção de leite. A prova desta verdade é a série de experimentações que se desenvolvem em todos os sentidos,

afim de verificar quais serão as melhores orientações zootécnicas para cada uma das situações climático-agrostológicas das sub-regiões em que se divide o Brasil-Central.

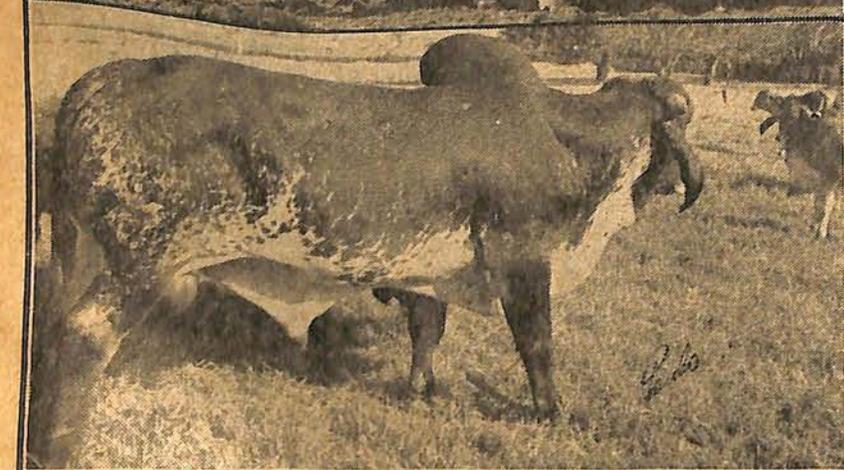
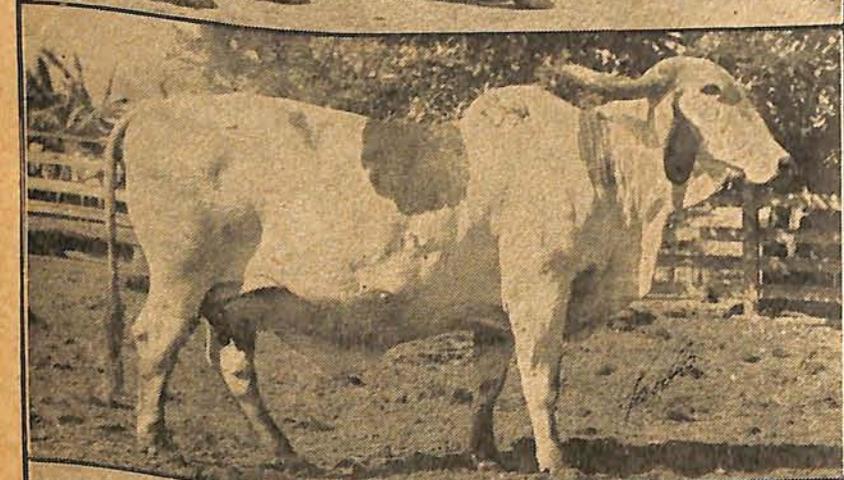
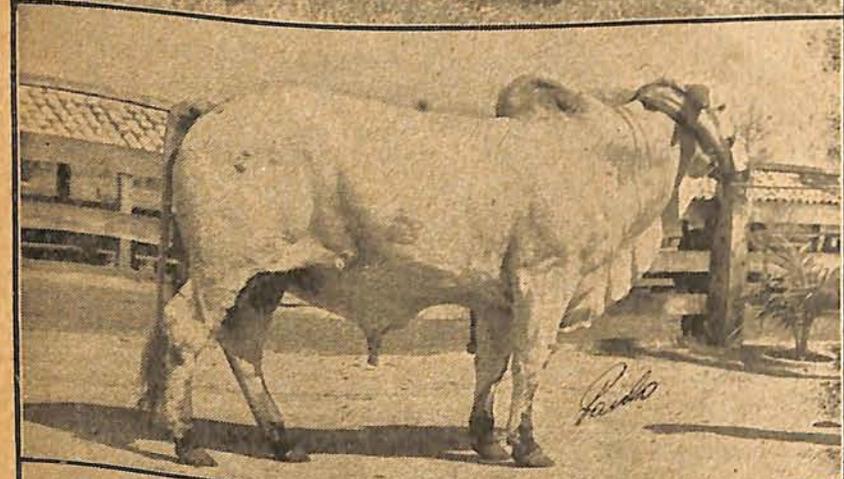
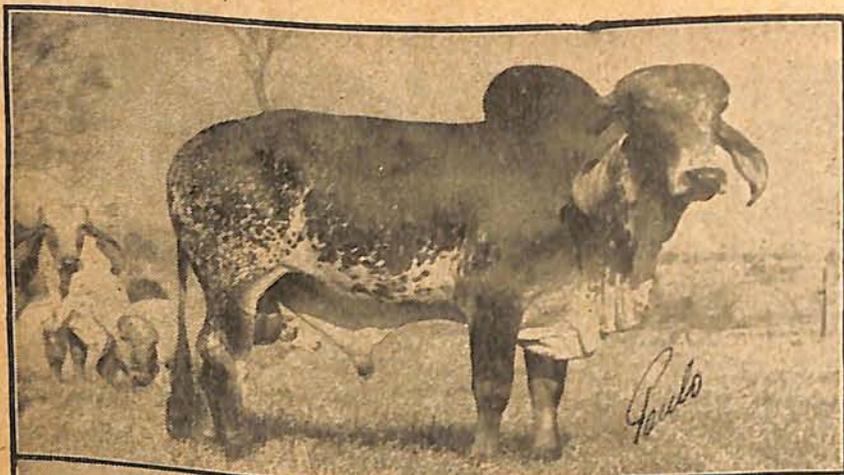
Não interessa ao seu corpo de técnicos estabelecer lutas entre correntes zootécnicas, semelhantes àquelas que se degladiaram no passado. A política zootécnica do momento fundamenta-se nos dados reais, obtidos em estudos planejados, nas fazendas experimentais, a favor do melhoramento da produção de leite no Estado de São Paulo, parcela dessa importante unidade geo-econômica denominada Brasil-Central.

J. Barrison Villares

V.º Concurso de bois...

(Conclusão da pág. 29)

cidade, entregues ao sr. José Afonso Primo, proprietário do lote campeão; bronze PARESP, ao sr. Clibas de Almeida Prado, pelo reservado do grande campeão; taça Associação Rural da Alta Noroeste, ao condomínio Fazenda Jangada, pelo 1.º lugar, da categoria A; taça Condomínio Almeida Prado, à pecuária Noroeste, pelo 1.º lugar da categoria C e taça General Marinho Lutz, ao sr. Nelson Almeida Prado, pelo 1.º lugar da categoria D. Outras taças foram oferecidas aos proprietários de lotes classificados em 2.º e 3.º lugares, pelo Banco Comercial do Estado de S. Paulo, Banco Noroeste do Estado de S. Paulo, Banco Bandeirantes do Comércio, Rotary Club, Associação dos Empregados do Comércio, Clube dos 21, daquela cidade, Banco Nacional do Comércio e Produção e Fazenda Adelia.



FAZENDA

BOA

Excelente plantel de gado indiano da Raça Gir, baseado em excelentes espécimes de grandes procedências.

—|o|—

A' esquerda: 1 e 4 — O excelente garrote Gir — CAPRICHÔ, rôxo-gargantilha, filho de BEY x POMPÉIA, com 26 meses de idade. 2 — Outro dos garrotes-reserva do plantel — DEZOITO, filho de BEY x COPACABANA, de pelagem moira-clara, com 28 meses. A eles caberá a futura chefia do plantel da Raça Gir, na Fazenda Boa Esperança, situada a 30 quilômetros da cidade de Araçatuba, na NOB. 3 — A reprodutora registrada PINTURA.

Município de

NOB

Enderêço do criador:
Rua Gen. Glicério, 543
NOB - ARAÇATUBA - S. P.

ESPERANÇA

PROPRIEDADE DE

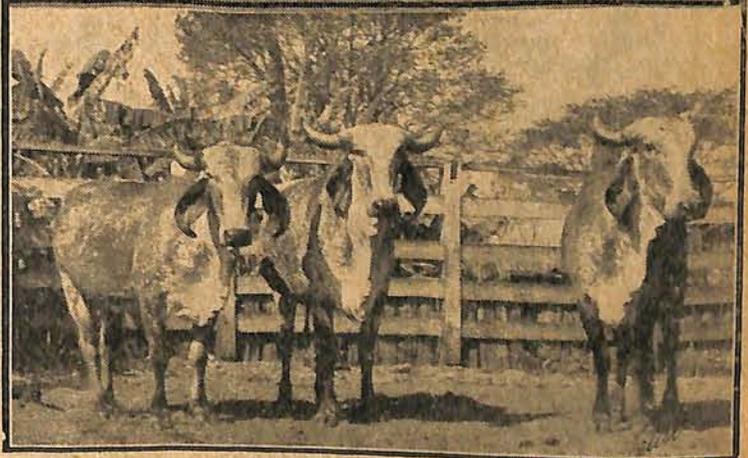
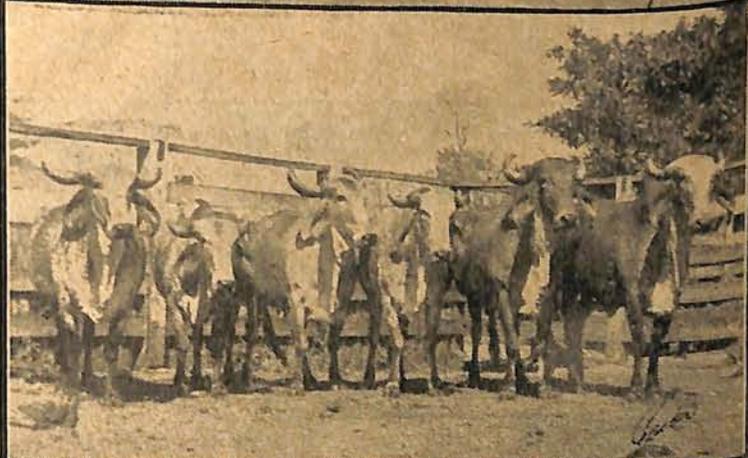
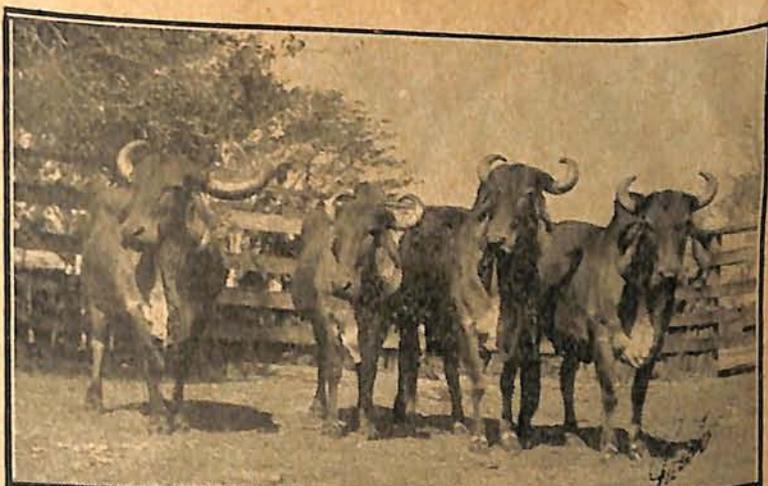
Manoel
Querino

—|o|—

A' direita, vemos quatro magníficos grupos de fêmeas da Raça Gir, cabeceiras do plantel da fazenda: 1 — as reprodutoras registradas ROLINHA — BAÍJA — FAZENDA e GRAVATA, vermelho-gargantilha; 2 — grupo chita de vermelho composto por DIVISA — NORMALISTA — ALVORADA — RANCHEIRA — ODALISCA e TULIPA, todas registradas; 3 — as registradas moiras-claras — PRIMA-SIA — PRINCEZA — CORUJA — PINTARÔXA e AVENIDA, marca Ancora; 4 — NORMA-LISTA — DIVISA e TULIPA, chitas de vermelho, registradas.

Araçatuba

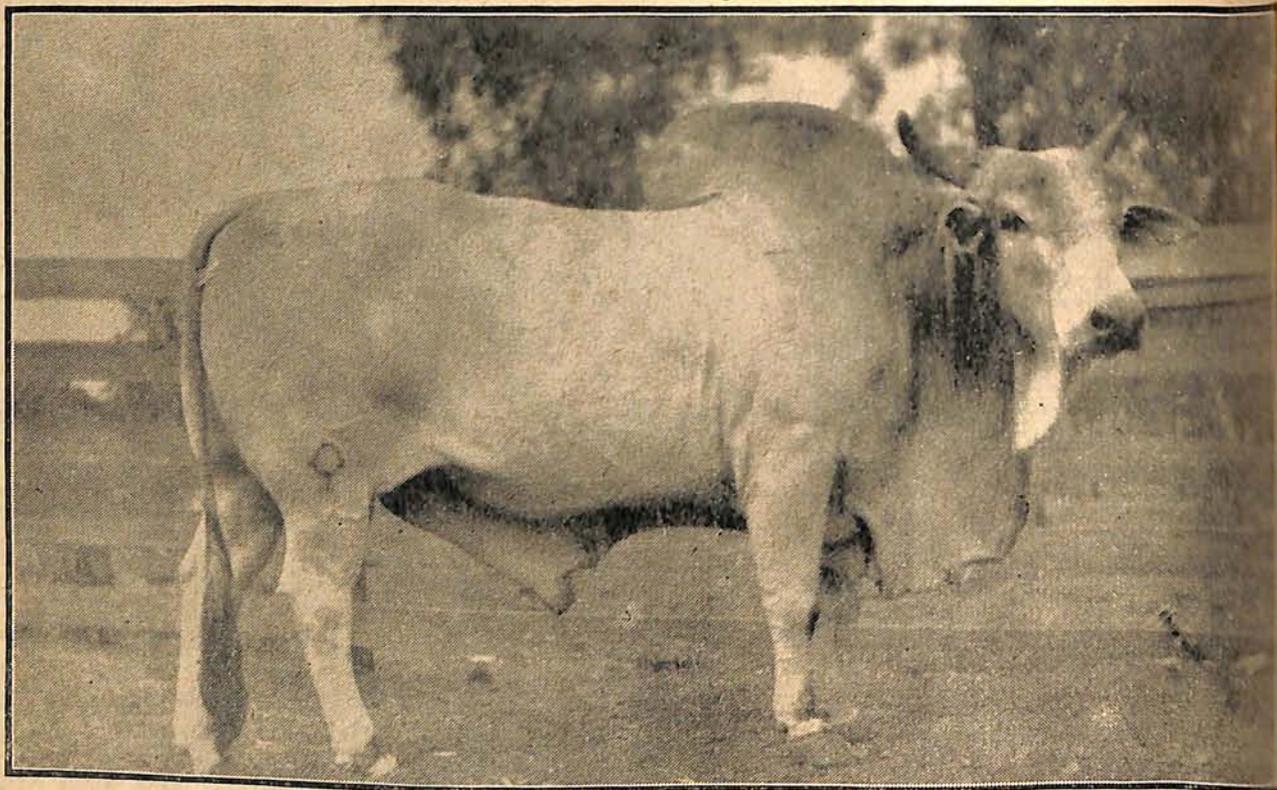
— E . S . P A U L O



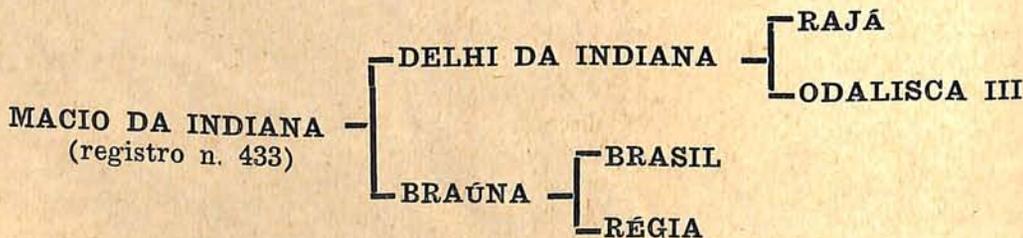
FAZENDA PAREDÃO

Uma grande estância mista de criação e lavoura, abrigando um magnífico rebanho de seleção da Raça Nelore, com cerca de quatrocentas cabeças, em sua maioria registradas, situado a 18 quilômetros da cidade de Marília, propriedade do dr.

Peter Wirth



Acima, o reprodutor-chefe do plantel da Raça Nelore, MACIO DA INDIANA, com 7 anos de idade, cuja descendência é a seguinte:



Município de

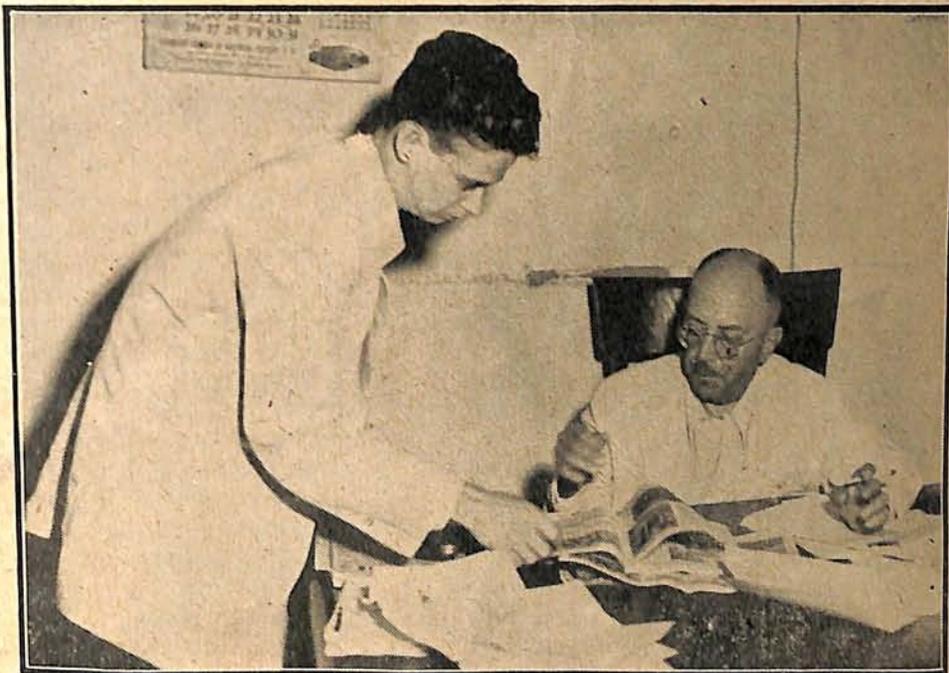
ORIENTE

Est. de S. Paulo

O V.º CONCURSO DE BOIS GORDOS

BATEU TODOS OS RECORDES DE CERTAMES CONGENERES JÁ REALISADOS EM SÃO PAULO

A' direita, flagrante tomado na Prefeitura de Araçatuba, quando o nosso representante sr. Paulo J. de Matos, recebia esclarecimentos do dr. Valadão Furquim, cujo concurso foi decisivo para o êxito da «Festa do Boi Gordo», em seu município.



Constituiu-se em um legítimo êxito pecuário o V Concurso de Bois Gordos da Alta Noroeste, realizado em Maio último, em Araçatuba, superando em brilho e organização os certames do mesmo gênero que se realizaram neste ano em outras zonas. 60 lotes de novilhos, ou sejam 300 animais, participaram da importante prova — o que dá novamente àquela região a primazia quanto ao número, subtraída passageiramente por São José do Rio Preto, onde se apresentaram este ano 280 reses, como noticiamos. Pode-se concluir assim que, pelo menos quanto à Alta Noroeste, não mais precisarão os técnicos do Departamento de Produção Animal da Secretaria da Agricultura empenhar-se junto dos diretores da Associação Rural para que estes obtenham número elevado de lotes; o problema lá já é de seleção e de limitação. Aliás, é pensamento do D. P. A. limitar cada concurso regional a 250 animais, afim de impedir que um ex-

cesso de lotes prejudique a organização e os trabalhos de julgamento. 250 lotes bem escolhidos — entendem os técnicos — poderão representar as realizações e as possibilidades da pecuária de cada região mais fielmente que uma contribuição numerosa e mal selecionada.

A «Festa do Boi Gordo», tal como é ali chamada a grande prova pecuária anual, teve início a 1.º de Maio, encerrando-se a 4 do mesmo mês.

COMISSAO ORGANIZADORA

Organizou o certame, juntamente com a diretoria da Associação Rural da Alta Noroeste, uma comissão composta dos srs. Antônio Uchôa, pelas entidades culturais; Pedro Sartori Filho, pelas entidades de classe; Hiroshi Itinosi, representando a imprensa; dr. Floriano Arruda Brasil, pelas associações esportivas; José Vieira da Silva,

pelos sindicatos e José do Couto Morais, pelas sociedades beneficentes.

INSCRIÇÃO DE LOTES

Os trabalhos do V Concurso de Bois Gordos tiveram início com a constituição da Comissão de Inscrição, composta pelos srs. Jorge Quintiliano, Paulino Maia Filho e Antônio de Freitas, auxiliados pelos srs. Henrique B. Cordeiro Melo e Alvaro Afonso do Nascimento, funcionário da ARAN, sendo inscritos 29 lotes de Araçatuba, de propriedade de: Almeida Prado S. A. (2), Antenor Duarte Vilela, Alvaro Afonso do Nascimento, Agnaldo Vaz de Almeida, Clibas de Almeida Prado (2), Dario Ferreira Guarita, Elber Vieira Duarte, Francisco Vilela (3), Frigoríficos T. Maia e Armour, Henrique B. Cordeiro de Melo, Honor Afonso de Almeida (2), Ida Maiani de Almeida, José Afonso Primo (2), João Flavio Filho (2), Nelson de Almeida Prado,

Nelson Vaz de Almeida, Sebastião Abadia (2), Sebastião Ferreira Maia (2) e Vieira da Cunha.

De GUARARAPES (6), propriedade de Benes e Irmão (2), Condomínio Fazenda Jangada (2) e Oscar Aguiar Ribeiro (2).

Um de RUBIACEA — Celso Martins Ferreira e outro de BENTO DE ABREU — Nametala Rezek.

De ANDRADINA (6), propriedade de: Arnaldo de Almeida Prado, Braulino Maia Filho (2), José Garcia de Freitas (2) e Urbano A. Junqueira.

De AGUAPEÍ (4), propr. de: José Ferreira Maia, Ovidio de Brito e Pecuaría Noroeste (2).

De BACURÍ (3): Helio Borges (2) e João Borges.

De ANHANGAÍ (2): Roberto Sales Ferreira e Sebastião de Almeida Prado.

De PERREIRA BARRETO (7), propriedade de: Amadeu Falleiros, Antenor Garcia (2), Cândido Prado Souza, Fugiwaha Takeushi, Heribaldo Nogueira da Silva e Osvaldo Fugiwaha.

SUBVENÇÕES

O V Concurso de Bois Gordos obteve colaboração da Secretaria da Agricultura, para pequenas obras de melhoria do recinto do certame, de propriedade da Fazenda Experimental do Estado, naquele município e que é cedido a ARAN. O Prefeito Municipal, dr. Valadão Furquim, propôs à Câmara Municipal uma subvenção de Cr\$ 100.000,00, o que foi aprovada unânimemente.

AS COMISSÕES DIRETORAS

Novas comissões foram organizadas para atenderem á realização do V Concurso de Bois Gordos, com recolhida, marcação, pesagem e classificação nos dias 30/IV e 1/V. Classificação e designação dos prêmios aos lotes concorrentes nos dias 2 e 3/V. Visita ao Recinto de Exposição dos lotes concorrentes e entrega dos prêmios aos lotes premiados no dia 4/V.

As comissões foram assim constituídas:

Comissão de Recepção: Dr. Francisco Vileta, Donald Strang, Honor Afonso de Almeida e Hélio Borges

Comissão da Balança: Carlos Martins, Antonio de Freitas e Ramiro Ramos.

Comissão do Recinto: Dr. Alcides Fagundes Chagas, Jerônimo Nogueira, Braz Antonio de Souza e Joaquim Henriques de Oliveira.

Comissão de alojamento do gado: Jerônimo José de Souza, Sebastião Ramos, Luiz Ferro e Stanislaw B. Garcez.

COMISSÃO JULGADORA

A comissão julgadora, a que coube atribuir é distribuir os prêmios conferidos aos lotes vencedores, foi a seguinte: dr. Barrisson Vilarés, dr. Fidelis Alves Neto, dr. Belisário Alves e demais técnicos auxiliares do D.P.A. da Secretaria da Agricultura; além deles fizeram parte da mesma o sr. Felelon Santos, representando a ARVRG, de Barretos e o sr. Mario Mazzei Guimarães, nosso ilustre confrade da «Folha da Manhã» de São Paulo.

OS LOTES PREMIADOS

Dos 60 lotes expostos, apenas 5 foram desclassificados pela comissão julgadora. Isso significa que apenas 5 lotes ultrapassaram o limite de idade, apresentando-se de «boca cheia», isto é, com todas as mudas de dentes e portanto bastante velhos. As discriminações dos dois lotes principais são as seguintes:

Lote grande campeão — 508,8 quilos de peso em média, 2 mudas de dentes, predominância de sangue nelore, de própria criação do expositor, o invernista José Afonso Primo, de Araçatuba; lote reservado campeão — 478,8 quilos, 2 mudas de dentes, fortemente influenciado pelo sangue gir, de própria criação do expositor, o pecuarista Clibas de Almeida Prado, de Araçatuba.

Dentro das respectivas categorias, a posição dos lotes mais destacados assim se resumiu:

Categoria A — 1.º prêmio, lote anelorado, pertencente ao Condo-

minio Fazenda Jangada, de Guapés, com 404 quilos em média e sem nenhum dente, e criado pelo próprio expositor; 2.º prêmio, lote pertencente ao sr. Elber Vieira de Araçatuba, com 353,2 quilos em média por animal, sem nenhum dente de muda.

Categoria B — 1.º prêmio, lote citado do sr. José Afonso Primo, grande campeão do concurso; 2.º prêmio, o lote citado do sr. Celso de Almeida Prado, o reservado grande campeão; 3.º prêmio, lote pertencente ao Condomínio Fazenda Jangada, de Guararapes, com 472 quilos em média, e 2 dentes. Menções honrosas: a) — lote pertencente à Pecuaría Noroeste Ltda., de Aguapeí, com 446 quilos e 2 dentes; b) — lote pertencente ao sr. João Flavio Filho, de Araçatuba, com 450 quilos e 2 dentes; c) — lote pertencente a Almeida Prado S. A., de Araçatuba, com 430 quilos e 1,8 dentes.

Categoria C — 1.º prêmio, lote pertencente à Fazenda Noroeste Ltda., de Aguapeí, de influência nelore-guzerá-indubrasil, com 440 quilos, 4 dentes; 2.º prêmio, lote pertencente ao sr. Henrique de Jamim C. Melo, de Araçatuba, com 485,6 quilos e 4 dentes; 3.º prêmio, lote pertencente ao sr. Ovidio de Miranda Brito, de Aguapeí, com 524 quilos e 3,6 dentes. Menções honrosas: a) — lote do sr. Sebastião Ramos de Abadia, de Araçatuba, com 482 quilos e 3,6 dentes; b) — lote do sr. Osvaldo Aguiar Ribeiro, de Guararapes, com 470 quilos, 3,8 dentes; c) — lote da Ida Maiani de Almeida, de Araçatuba, com 483,2 quilos e 3 dentes.

Categoria D — 1.º prêmio, lote de influência indubrasil, pertencente ao sr. Nelson de Almeida Prado de Araçatuba, com 517,6 quilos e 5,2 dentes; 2.º prêmio, lote do sr. Braulino B. Maia Filho, de Andradina, com 520 quilos e 4,8 dentes; 3.º prêmio, lote do Frigorífico Armour, de Araçatuba, com 530 quilos e 6 dentes de muda. Menção honrosa: sr. Sebastião Ferreira Maia, de Araçatuba, lote de 500 quilos, com 4,4 dentes.

INTERESSE E BONS PREÇOS

A Associação Rural da Alta Noroeste concordou com a venda pública dos lotes expostos, desde que efetuada por funcionário do D.P.A. e sem pagamento de nenhuma comissão. Afastou-se assim o leiloeiro oficial, com os onus decorrentes de sua interferência, e eliminou-se um ponto de atrito que se esboçou em São José do Rio Preto e agravou-se em Barretos. O processo alcançou inteiro êxito e despertou vivo interesse, tendo os preços superado nitidamente os dos concursos realizados naquelas cidades. Além dos frigoríficos, e por sugestão do pecuarista Jorge Quintiliano, houve a participação de particulares entre os compradores, destacando-se o sr. Luís Duarte da Silva, da Associação Rural de São José do Rio Preto, que chegou a arrematar os lotes dos 1.ºs prêmios, transferindo-os depois à Swift, pelo mesmo preço; o sr. Rafael de Moura Campelos, pela Associação Rural Vale do Rio Grande, de Barretos, e o sr. Plínio Ferraz, criador em Bauru, que chegou a ser o penúltimo e demorado autor do lance para o grande campeão, que afinal, arrematado pela Swift, atingiu o fabuloso preço de Cr\$ 14,50 o quilo, peso bruto vivo, o que, na base de rendimento de 54% daria a extraordinária média de Cr\$ 401,65 pelo sistema tradicional de negócios. Na realidade, porém, esse preço deverá baixar, pois é admissível que o lote campeão tenha maior rendimento em carne, apesar de novo, do que o tido como comum. De qualquer forma, o resultado é excelente, quando comparado com os preços do mercado e os atingidos nos concursos anteriores, tanto os deste como os dos anos precedentes. Trata-se do melhor preço até hoje atingido, em qualquer época, por um lote de novilhos de corte vendido nas áreas comerciais de pecuária do Brasil.

O LEILÃO

As 15 h 40 de domingo iniciou-se a venda pública dos lotes com a presença de técnicos do Departamento de Produção Animal, cria-

dores e compradores. O sr. Quineu Corrêa, diretor daquele Departamento, dando início à venda, lembrou que com sucedera nos demais concursos, o frete dos animais adquiridos seria pago pelo Estado, até o lugar em que deveriam ser abatidos. A venda se iniciou pelo reservado campeão, num total de 2.544 quilos, e que foi adquirido pelo Frigorífico Wilson, a Cr\$ 10,30 o quilo, peso bruto do animal em pé; seguiram-se as vendas de 40 lotes, não classificados, num total de 91.830 quilos ao Frigorífico Swift, por Cr\$ 8,30 o quilo; as menções honrosas, 9 lotes com 22.082 quilos, adquiridos pela Wilson, a Cr\$ 7,60 o quilo; 3 lotes premiados em 3.º lugar, com 7.646 quilos, pela Swift, a Cr\$ 8,40 o quilo; 3 lotes de 2.º lugar, com 6.794 quilos, a Cr\$ 8,60 o quilo, pela Wilson; 3 lotes, 1.ºs prêmios, de 7.060 quilos, pela Swift, que os comprou do sr. Luís Duarte, pelo mesmo preço oferecido por este, e que foi de Cr\$ 8,80 o quilo; finalmente o grande campeão, num total de 2.554 quilos, foi comprado pela Swift, a Cr\$ 14,50 o quilo.

Pode-se fazer uma comparação entre os preços alcançados pelos bois gordos nos concursos realizados em São José do Rio Preto, Barretos e Araçatuba, e que foram os seguintes por kg (os primeiros preços são os alcançados em São José do Rio Preto, seguindo-se os de Barretos e por fim os de Araçatuba): campeão: Cr\$ 9,00, 10,00 e 14,50; reservado de campeão: Cr\$ 8,90, 9,50 e 10,30; 1.ºs prêmios: Cr\$ 8,50, 9,00 e 8,80; 2.ºs prêmios: Cr\$ 7,00, 8,50 e 8,60; 3.ºs prêmios: Cr\$ 7,00, 7,80 e 8,40; menções honrosas: Cr\$ 6,50, 7,20 e 7,60; não premiados e não classificados: Cr\$ 6,20, 6,50 e 7,30.

REUNIAO NA ARAN

Na sede da Associação Rural da Alta Noroeste, dia 3, à noite, houve uma reunião da qual participaram representantes da associação local e das de Barretos e São José do Rio Preto, criadores e outras pessoas interessadas em pecuária. Falou, inicialmente, o sr. João Barrison Vilares, do Departamento

de Produção Animal e organizador dos concursos de bois gordos, que assinalou a utilidade desses certames, suas finalidades e os meios de atingi-las. Analisou ainda as características do certame deste ano. Referiu-se, em especial, ao processo de venda do gado pelo peso vivo bruto, que — disse — precisa ser adotado entre nós, por ser o que melhor serve ao criador.

Falaram os srs. Rafael de Moura Campos, representante da FARESP e da Associação Rural de Barretos, que se congratulou com a diretoria da A. R. local pelo êxito do certame; Mario Mazzei Guimarães, redator-chefe da «Folha da Manhã»; Evandro Bahia, do Instituto de Pecuária da Bahia, felicitando a Associação Rural, os diretores e técnicos do Departamento de Produção Animal e os criadores; Dario Guarita, presidente da Associação Rural da Alta Noroeste, e Quineu Corrêa, diretor do D. P. A., que encerrou a sessão.

Após a reunião foi oferecida uma taça de champanha aos presentes, em homenagem ao sr. José Afonso Primo, proprietário do lote campeão do concurso e grande criador na região.

ENTREGA DOS PRÊMIOS

As 12 h 30 do dia 4, nas obras do Frigorífico T. Maia, foi oferecido um churrasco aos participantes do V Concurso, ao qual compareceram representantes de associações rurais de Barretos, São José do Rio Preto e de outras da região, o general Marinho Lutz, diretor da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, os srs. José Casiano Gomes dos Reis, Luís Fortunato Moreira e Rafael de Moura Campos, respectivamente secretário-geral e diretores da FARESP, organização a que representavam, e outras autoridades locais. Nessa ocasião foi entregue os prêmios e taças aos vencedores do V Concurso, sendo que os proprietários dos lotes classificados em 1.º lugar receberam os seguintes: um bronze Araçatuba, um reprodutor a ser escolhido, oferecido pela Secretaria da Agricultura, e um arreo oferecido pela selaria São José, daquela

(Volta à pag. 23)

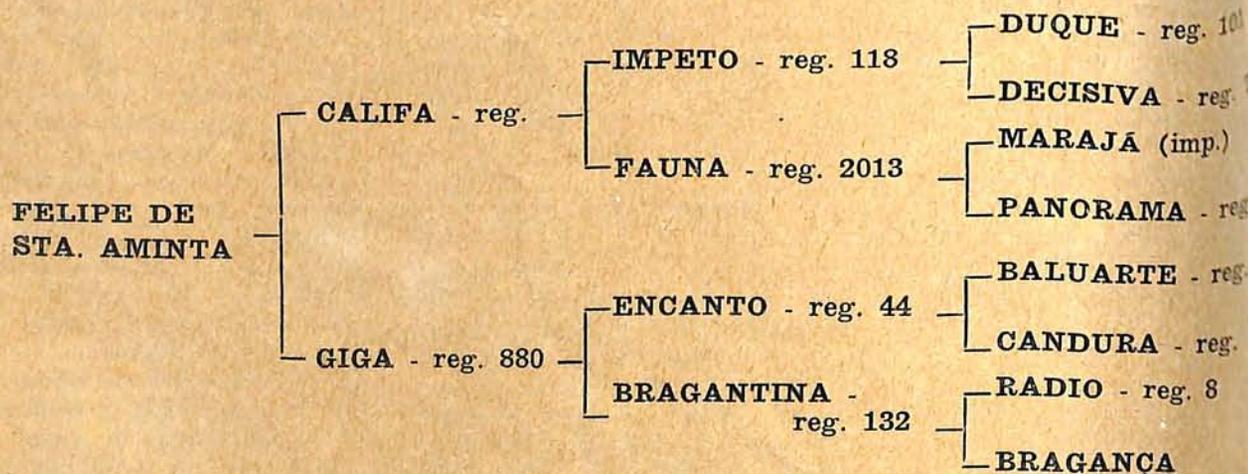
S U M A R I O	A Capital do boi gordo — Paulo J. de Matos	3
	Retiro Alegre	4 e 5
	Fazenda «Sta. Maria»	6
	Araçatuba, a pujante «capital do boi gordo» — Redação	7
	Precocidade, pêso e rusticidade — Entrevista com Antonio Lunardeli Fazenda Barreiro	9
	O nelore o guzerá de Donald Strang	16 a
	Fazenda Vitória	20 e
	Gado leiteiro para as regiões tropicais do Brasil-Central — Barrison Vilares	24 e
	Fazenda Boa Esperança	24 e
	Fazenda Paredão	24 e
V.º Concurso de Bois Gordos — Reportagem	24 e	
Sumário — Capas	24 e	

A C A P A

As capas externas deste Suplemento, estão ocupadas por algumas das grandes figuras do magnifico plantel de seleção da Raça Nelore, mantido pelo criador José Afonso Primo, em sua Fazenda Paraíso, situada a 30 quilômetros da cidade paulista de Araçatuba, na zona Noroeste.

Na capa principal, apresenta-se o extraordinário garrote **FELIPE DE STA. AMINTA**, de pelagem báio-fumaça, controlado, aos 14 meses de idade e pesando 450 quilos.

E' um exemplar magnifico e a certeza de um grande futuro para o plantel que em breve, chefiará, mercê de sua invejável descendência e dos seus atributos de conformação e características de córte, provindo da seguinte descendência:



Concurso de Bois Gordos em Araçatuba

RESULTADO GERAL ALCANÇADO:

CLASSIFICAÇÃO	PREÇO DE VENDA	COMPRADORES
LOTE RESERVADO CAMPEÃO 5 bois com 2.360 kg. 472 kg. de peso médio	Cr\$ 10,30/kg.	Frigorífico Wilson do Brasil S/A.
40 lotes não premiados com 91.830 kg. totais	Cr\$ 7,30/kg.	Cia. Swift do Bra- sil S/A.
MENSÕES HONROSAS 9 lotes com 22.082 kg. totais	Cr\$ 7,60/kg.	Frigorífico Wilson do Brasil S/A.
3.os PRÊMIOS 3 lotes com 7.646 kg. totais	Cr\$ 8,40/kg.	Cia. Swift do Bra- sil S/A.
2.os PRÊMIOS 3 lotes com 6.794 kg. totais	Cr\$ 8,60/kg.	Frigorífico Wilson do Brasil S/A.
1.os PRÊMIOS 3 lotes com 7.063 kg. totais	Cr\$ 8,80/kg.	Cia. Swift do Bra- sil S/A.
LOTE GRANDE CAMPEÃO 5 bois com 2.554 kg. 508,8 kg. de peso médio	Cr\$ 14,50/kg.	Cia. Swift do Bra- sil S/A.

Da venda do gado exposto concluiu-se o seguinte movimento:

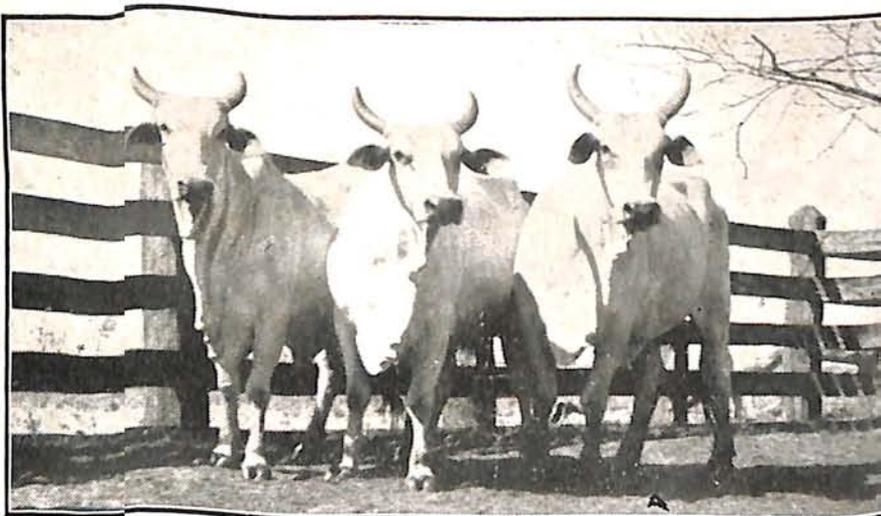
RESERVADO CAMPEÃO	— Cr\$ 24.658,20	com o preço unitário de	Cr\$ 4.931,64
NÃO CLASSIFICADOS	— Cr\$ 670.359,00	» » » »	» Cr\$ 3.351,79
MENÇÕES HONROSAS	— Cr\$ 167.823,20	» » » »	» Cr\$ 3.729,40
3.os PRÊMIOS	— Cr\$ 64.126,40	» » » »	» Cr\$ 4.275,00
2.os PRÊMIOS	— Cr\$ 58.328,40	» » » »	» Cr\$ 3.888,56
1.os PRÊMIOS	— Cr\$ 62.198,40	» » » »	» Cr\$ 4.146,56
GRANDE CAMPEÃO	— Cr\$ 37.178,00	» » » »	» Cr\$ 7.435,60
	Cr\$ 1.084.671,60		

obtendo-se deste resultado geral uma média de Cr\$ 3.615,57 por cabeça.

A' direita, uma excelente trinca de reprodutoras da Raça Nelore:

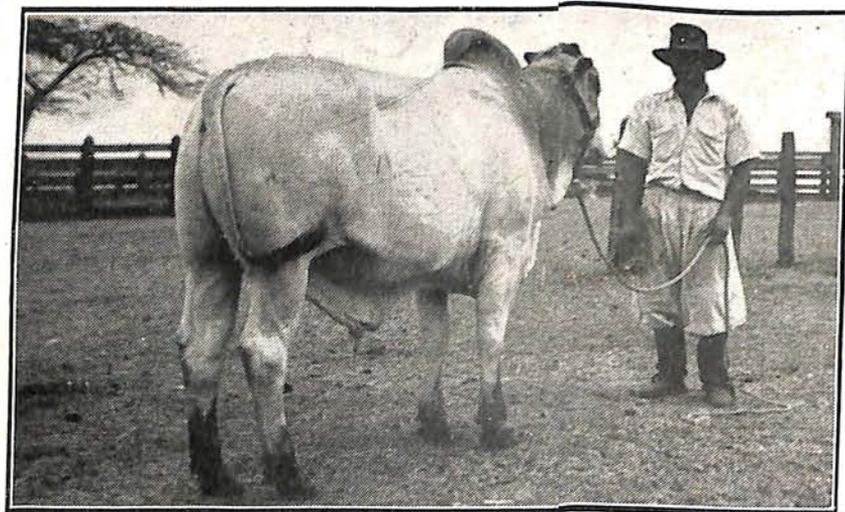
**FERRUGEM
REVOLTA
e CONGA**

registradas e boa amostra do plantel da fazenda.



FAZENDA PARAIZO

Magnifico plantel de gado indiano da Raça Nelore, contando com excelentes exemplares de grandes procedências e muita raça.



A' esquerda, o extraordinário garrote controlado

**FELIPE
DE SANTA AMINTA**

aos 15 meses de idade, de pelagem baio-fumaça, pesando 450 quilos aos 14 meses de idade.



PROPRIEDADE DO CRIADOR

JOSE AFONSO PRIMO

R. Fl. Peixoto, 266 — ARAÇATUBA — NOB — Est. S. Paulo



A' direita, outro grande tercêto de reprodutoras da Raça Nelore:

**GRINALDA
BORGIA e
CANJA**

também registradas e cabeceira do plantel.

